

**ORGANIZADORA**  
**MARCELI CHERCHIGLIA AQUINO**

**WAS DU SCHON  
IMMER ÜBER  
LINGUISTIK, DAF  
UND INTERKULTURALITÄT  
WISSEN WOLLTEST,  
ABER NICHT ZU  
FRAGEN WAGTEST:**

**REFLEXÕES SOBRE  
LINGUÍSTICA,  
ENSINO-APRENDIZAGEM  
E INTERCULTURALIDADE  
EM LÍNGUA ALEMÃ**

**FFLCH/USP**



**Universidade de São Paulo**

**Reitor**

*Vahan Agopyan*

**Vice-Reitor**

*Antonio Carlos Hernandes*



**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**

**Diretora**

*Maria Arminda do Nascimento Arruda*

**Vice-Diretor**

*Paulo Martins*

**É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.**

Organizadora

Marceli Cherchiglia Aquino

**Was du schon immer über Linguistik, DaF  
und Interkulturalität wissen wolltest, aber  
nicht zu fragen wagtest: Reflexões sobre  
Linguística, Ensino-Aprendizagem e Interculturalidade  
em língua alemã**

ISBN: 978-65-87621-00-5

DOI: 10.11606/9786587621005

**FFLCH/USP**

São Paulo, 2020

Catálogo na Publicação (CIP)  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo  
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

---

W312      Was du schon immer über Linguistik, DaF und Interkulturalität wissen  
wolltest, aber nicht zu fragen wagtest [recurso eletrônico] :  
reflexões sobre linguística, ensino-aprendizagem e  
interculturalidade em língua alemã / Organizadora: Marcella  
Cherchiglia Aquino. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2020.  
1.872 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-87621-00-5  
DOI 10.11606/9786587621005

1. Língua alemã. 2. Ensino e aprendizagem. 3. Linguística.  
4. Comunicação intercultural. I. Aquino, Marcella Cherchiglia.

CDD 430

---

## Sumário

Apresentação	07
Partículas modais no contexto do uso multimodal: uma análise cognitiva e comparativa de uma aula de ALE	10
<i>Ulrike Schröder</i>	
Proposta de análise de livros didáticos de ALE sob a perspectiva da Análise do Discurso	30
<i>Poliana Coeli Costa Arantes</i>	
A música como ferramenta para o ensino de partículas modais alemãs	39
<i>Marceli Cherchiglia Aquino</i>	
Reflexões sobre o Brasil representado em <i>Gebrauchsanweisung für Brasilien</i> , de Peter Burghardt	55
<i>Daniele Fernandes Soares</i>	
Desenvolvimento da qualidade vocálica das vogais altas anteriores arredondadas [y:]-[ʏ] do Alemão Padrão (AP) por um falante nativo brasileiro em contexto de instrução fonética	72
<i>Márgat Nágelo Junges e Ubiratã Kickhöfel Alves</i>	

O <i>continuum</i> entre o Léxico e a Gramática observado em construções com os verbos-suporte <i>bringen</i> e <i>kommen</i>	94
<i>Marina SundfeldPereira</i>	
Variação de registro no alemão contemporâneo: estudo preliminar	116
<i>Andressa Costa</i>	
Terminologie der medizinischen Ästhetologie: Terminographische Gestaltung unter den Umständen der Generierung von anthropozentrischen Räumen	136
<i>Danilets Daniil</i>	
Sobre os autores	156

## **Apresentação**

O presente livro tem a intenção de discutir pesquisas atuais nas áreas de Linguística Aplicada, Linguística Contrastiva, Ensino e Aprendizagem de alemão como língua estrangeira/adicional (ALE, ALA) e Estudos (inter)culturais. A chamada para publicação de artigos nesse livro aconteceu por ocasião da Jornada de Língua Alemã da USP, em maio de 2019 em São Paulo. Neste evento foram apresentadas duas palestras, trinta trabalhos com apresentação oral, quatro workshops, uma aula aberta e sessões sobre perspectivas de trabalho na área de alemão, possibilidades de intercâmbio e bolsas pelo DAAD durante a graduação e a pós-graduação e uma palestra da embaixada da Alemanha no Brasil. Todas essas modalidades propiciaram uma grande troca de experiências e discussões estimulantes, tanto para os pesquisadores e docentes presentes, como para os alunos de graduação desta instituição.

Tendo em vista a importância dessas interações, organizamos este volume com capítulos de diferentes áreas de pesquisa e contextos de trabalho, proporcionando um espaço de interlocução e reflexão sobre as pesquisas atuais em língua alemã. Responderam à chamada e aceitaram o convite para colaborar com o livro oito autores de diversas universidades e institutos. Os capítulos deste livro oferecem um olhar sobre pesquisas nas áreas de Ensino e Aprendizagem de Língua Alemã (ALE, ALA), Estudos (inter)culturais e Linguística Aplicada e Contrastiva.

A organização dos artigos seguiu a ordem temática, iniciando pelos trabalhos na área de ensino e aprendizagem de alemão como língua estrangeira/adicional (ALE, ALA) das professoras Ulrike Schröder, Poliana Arantes e Marcell Aquino. Schröder em seu trabalho “Partículas modais no contexto do uso multimodal: uma análise cognitiva e comparativa de uma aula de ALE” apresenta abordagens comparativas, cognitivas e multimodais para o ensino das partículas modais em contexto de IES brasileiras. Para isso, são apresentadas transcrições de discussões em uma disciplina onde foram realizados exercícios de tradução e de análise de uso através de corpus. Os resultados demonstram como os alunos coconstruem o significado contextual das partículas modais, integrando seu próprio pano de fundo linguístico e cultural para a tradução e análise destes elementos.

Em “Proposta de análise de livros didáticos de ALE sob a perspectiva da Análise do Discurso”, Arantes elabora uma discussão sobre livros didáticos de alemão como língua estrangeira com base nos pressupostos de análise foucaultianos, apresentando propostas de categorias para a investigação do estatuto dos enunciadores, do contexto de enunciação e para a construção de pressuposto na aprendizagem de línguas e para a formação de professores em ALE.

Em seu artigo, “A música como ferramenta para o ensino de partículas modais alemãs”, Aquino discute sobre estratégias didáticas para o ensino de partículas modais alemãs, evidenciando a relevância do uso de materiais autênticos e de linguagem em uso. Para tanto, a autora apresenta atividades com duas músicas, que levam em consideração os aspectos gramaticais e pragmáticos das partículas. Finalmente, Aquino defende que esses elementos modais podem ser ensinados desde o início da formação em língua alemã.

Na sequência temos um artigo de Daniele Fernandes Soares dentro das perspectivas dos estudos (inter)culturais, “Reflexões sobre o Brasil representado em *Gebrauchsanweisung für Brasilien*, de Peter Burghardt”. Neste trabalho, Fernandes Soares analisa trechos da obra *Gebrauchsanweisung für Brasilien* (2013) de Peter Burghardt observando a representação do Brasil em diversas passagens da obra, como por exemplo, os aspectos do olhar para o Outro e de estereótipos. Por fim, tal investigação estimula a reflexão sobre a influência das traduções culturais.

Como último bloco temático, quatro artigos abordam questões linguísticas acerca de estudos fonéticos, sintáticos, variações linguísticas e terminológicos em língua alemã. Junges e Alves analisam em “Desenvolvimento da qualidade vocálica das vogais altas anteriores arredondadas [y:]-[ʏ] do Alemão Padrão (AP) por um falante nativo brasileiro em contexto de instrução fonética” a qualidade vocálica de um aprendiz brasileiro de língua alemã a fim de investigar possíveis modificações e variações vocálicas. Os autores concluem que foram observadas modificações para ambas as vogais pesquisadas indicando um desenvolvimento no sistema linguístico do falante.

Em seu artigo, Pereira aborda a lexicalização das construções com o verbo-suporte *bringen* e suas construções sinônimas com o verbo-suporte *kommen*, bem como a gramaticalização destes verbos em “O *continuum* entre o Léxico e a Gramática observado em construções com os verbos-suporte *bringen* e *kommen*”. A autora observa que uma construção, por exemplo, com *bringen*, está lexicalizada, enquanto a construção sinônima



com *kommen* não está, resultado este que indica que tanto a gramaticalização do verbo quanto a lexicalização da construção não dependem somente da parte nominal, mas da construção com todos seus elementos.

No artigo “Variação de registro no alemão contemporâneo: estudo preliminar”, Costa desenvolve um estudo preliminar acerca da variação de registro no alemão contemporâneo para identificar grupos de características que coocorrem em alta frequência em textos. Ao final, a autora desenvolve um levantamento quantitativo e qualitativo para determinar as funções comunicativas ou dimensões que as características coocorrentes desempenham nos textos analisados.

Em “Terminologie der medizinischen Ästhetologie: Terminographische Gestaltung unter den Umständen der Generierung von anthropozentrischen Räumen”, Daniil discute sobre a terminologia da estética médica e as questões ligadas à equivalência multilíngue e no estudo lexicográfico. Com descrição estatística baseada em corpus, o autor propõe a pergunta fundamental: como funciona a nova terminologia da estetologia médica e quais estratégias lexicográficas permitem que ela, ainda obscura à Estética Médica, seja tipologicamente transparente? Ao final do artigo Daniil oferece estratégias práticas para a formação lexicográfica desejada.

Com essa seleção de trabalhos tivemos a intenção de abrir espaço para discussão e reflexão acerca de diversos temas de pesquisa atuais que envolvem o ensino e aprendizagem de alemão como língua estrangeira/adicional, estudos (inter)culturais e linguísticos em língua alemã.

Desejamos a todos uma boa leitura.

A organizadora

**Partículas modais no contexto do uso multimodal: uma análise  
cognitiva e comparativa de uma aula de ALE**  
**Modalpartikeln im Kontext ihres multimodalen Gebrauchs: eine kognitive und  
komparative Analyse einer Unterrichtseinheit DaF**

SCHRÖDER, Ulrike<sup>1</sup>

**Resumo:** Enquanto nas aulas de ALE, bem como nos livros didáticos, geralmente, partículas modais são tratadas apenas marginalmente ou a partir de uma perspectiva meramente comunicativo-funcional, a presente abordagem ilustrará como, no contexto das IES brasileiras, partículas modais podem ser tematizadas comparativa, cognitiva e multimodalmente. Para isso, serão sugeridos exercícios em duas etapas que foram documentados em uma disciplina por meio de uma filmagem e sua transcrição. A primeira etapa implicou em um exercício de tradução, já a segunda envolveu a apresentação de uma sequência interacional do corpus (inter)cultural NUCOI que mostra uma conversa entre quatro intercambistas alemães. Nesta sequência, o uso frequente de partículas modais deveria ser analisado. Os resultados revelam como os alunos coconstroem o significado contextual das partículas modais situacionalmente, de modo altamente reflexivo e multimodal, isto é, nos níveis verbal, prosódico e gestual, integrando seu próprio pano de fundo linguístico e cultural na tradução e na análise.

**Palavras-chave:** partículas modais; ALE; gestos

**Zusammenfassung:** Während Modalpartikeln im DaF-Unterricht und in DaF-Lehrwerken meist nur marginal und rein kommunikativ-funktional behandelt werden, soll der vorliegende Ansatz veranschaulichen, wie Modalpartikeln im brasilianischen Hochschulkontext komparativ, kognitiv und multimodal thematisiert werden können. Dafür werden zwei Übungsschritte vorgeschlagen, die in einem Seminar gleichsam dokumentiert, d.h. gefilmt und transkribiert wurden. Der erste Schritt beinhaltete eine Übersetzungsübung, der zweite die Integration einer Interaktionssequenz aus dem (inter)kulturellen Korpus NUCOI, die ein Gespräch zwischen vier deutschen Austauschstudenten wiedergibt, deren hoher Modalpartikelgebrauch analysiert werden sollte. Die Ergebnisse zeigen, wie die Kursteilnehmer höchst reflektiert und multimodal – d.h. verbal, prosodisch und gestisch – den kontextuellen Sinn von Modalpartikeln situativ kokonstruieren und dabei ihre eigene Sprache und Kultur miteinbeziehen.

**Stichwörter:** Modalpartikeln; DaF; Gesten

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: schroederulrike@gmx.com

## 1 Introdução

A linguista Anna Wierzbicka (1991, p. 341) observa com toda razão que o grupo das partículas modais é a classe de palavras que reflete a cultura de uma comunidade de fala melhor do que qualquer outra. No entanto, o aspecto cultural das partículas modais alemãs, até hoje, não foi abordado de modo explícito nem em abordagens teóricas, nem em estudos empíricos relacionados ao ensino do ALE, embora se possa ler nas entrelinhas que, aparentemente, as partículas alemãs carregam algum cunho cultural.

Nosso interesse pelas partículas modais alemãs e por sua conexão com aspectos culturais surgiu junto a uma pesquisa sobre as diferenças no uso e na função de características prosódicas nas falas alemã e brasileira que se baseou no corpus NUCOI. Este corpus está em crescimento contínuo desde 2012, organizado pelo *Núcleo de Pesquisa de Comunicação (Inter)Cultural em Interação*,<sup>2</sup> que tem como objetivo principal a filmagem de interações entre intercambistas com panos de fundo linguísticos e culturais diferentes e iguais, para fins de comparação. Estas filmagens e suas transcrições servem como base para análises multimodais no campo da Linguística Cultural, Linguística Interacional e da Pragmática Intercultural. No estudo realizado, destacaram-se diferenças nos momentos em que os intercambistas relatavam experiências de ‘choques culturais’, uma vez que, nas interações brasileiras, a coocorrência de meios prosódicos como pulos entonacionais, fala melódica, densidade de acentos, etc., chamou atenção, ao passo que as sequências alemãs foram caracterizadas mais por hesitações, fala mais lenta, voz crepitante, pausas e prolongamentos, bem como, no nível verbal, por inserções metacomunicativas e partículas modais (SCHRÖDER; CARNEIRO MENDES, 2019). Esta observação corrobora estudos comparativos sobre a função de contornos e pulos entonacionais em PB, que servem para fornecer ao interlocutor informações pragmáticas adicionais, as quais, em alemão, são tendencialmente codificadas por meios lexicais como as partículas modais (BLÜHDORN, 2013, p. 257; AQUINO, 2012; SILVA, 2012; FROTA et al., 2015).

Com base nestes dados, este projeto de pesquisa foi iniciado ao propor a questão de até que ponto tais *insights* de fato podem ser interligados com um ensino cognitivo-comparativo das partículas modais no contexto do seu uso real e multimodal. Sendo assim, o ponto de partida é formado por um tratamento reflexivo do fenômeno linguístico

---

<sup>2</sup>O site do NUCOI pode ser acessado em português e inglês: <http://www.lettras.ufmg.br/nucleos/nucoi/>

‘partículas modais’ que, por sua vez, foi documentado em duas etapas de exercício que foram filmadas e transcritas<sup>3</sup> e serão apresentadas a seguir.

## 2 Partículas modais como fenômeno da fala em alemão e em português

Junto ao surgimento da vertente comunicativo-pragmática na Linguística, nos anos setenta, na Alemanha, cresceram as atividades de pesquisa no campo das partículas modais. Desde o início, dominava o interesse em estabelecer partículas modais como uma própria classe de palavras e defini-las nitidamente (WEYDT, 1969; HELBIG, 1977; THURMAIR, 1989; BURKHARDT, 1994; HEGGELUND, 2001; WELKER, 2001; HELBIG; BUSCHA, 2001; IMO, 2008; SCHOONJANS, 2018).<sup>4</sup> Sendo assim, em geral, partículas modais são:

- (a) sintaticamente dependentes do modo oracional, ou seja, não se pode negá-las nem perguntar por elas, possuem escopo oracional e são topologicamente localizadas no campo médio, frequentemente antes do rema;
- (b) morfologicamente não flexionáveis e frequentemente possuem homônimos;
- (c) prosodicamente não acentuadas;
- (d) semanticamente sinsemânticas e vagas;
- (e) pragmaticamente pistas de contextualização e exprimem atitudes subjetivas, opiniões, pressupostos, avaliações e expectativas do falante, frequentemente com relação ao ouvinte.

Com isso, partículas modais assumem uma função ilocutória, inserindo um enunciado em um contexto interacional, contribuindo para o consenso e dissenso, guiando a conversa e interligando trechos textuais (HELBIG; BUSCHA, 2001, p. 428-429). Elas representam uma “dêixis metacomunicativa”<sup>5</sup> (HENTSCHEL, 1986, p. 31) que ancora a enunciação no contexto dialógico (THURMAIR, 1989, p. 95).

---

<sup>3</sup> As transcrições do NUCOI são realizadas no software EXMARaLDA (SCHMIDT; WÖRNER, 2009), seguindo as convenções de transcrição de GAT 2, elaboradas por pesquisadores da Linguística Interacional (SELTING et al., 2016).

<sup>4</sup> Não há concordância sobre a questão de quais expressões pertencem à classe das partículas modais e quais não. Por isso, pode-se diferenciar *grosso modo* entre um grupo central e um grupo periférico. Para Helbig e Buscha (2001, p. 421), *aber, auch, bloß, denn, doch, eben, etwa, halt, ja, mal, nur, schon* e *vielleicht* fazem parte do grupo central e *allerdings, immerhin, eigentlich, jedenfalls* e *überhaupt* pertencem ao grupo periférico, que também se caracteriza pelo fato de não haver homônimos em outra classe de palavra.

<sup>5</sup> “metakommunikative Deixis”

Muitos trabalhos nasceram no apogeu da Teoria dos Atos de Fala afirmando que a partícula modal funciona como indicador ilocutório. Por conseguinte, em dependência da partícula modal escolhida, o enunciado “Du kannst *mal/ja/doch* das Fenster schließen” é interpretado, respectivamente, como pedido, conselho ou proposta (HELBIG, 1977). Destarte, a centralidade do falante, uma característica da Teoria dos Atos de Fala, marca o começo dos estudos sobre partículas modais na Alemanha e influencia também seu desenvolvimento posterior, uma vez que partículas modais são sempre vistas como pistas de contextualização dadas por um falante para um interlocutor (cf., por exemplo, THURMAIR, 1989, p. 94).

Em português europeu, especialmente em investigações comparativas, introduzem-se os conceitos ‘partículas de realce’ ou ‘partículas enfáticas’ (FRANCO, 1988).<sup>6</sup> Um ponto essencial para a presente pesquisa é um aspecto apontado explicitamente apenas no estudo de Schmidt-Radefeldt (1993), que ilustra, a partir de alguns exemplos, que traduções de partículas modais do alemão para o espanhol e para o português implicam em uma outra perspectiva que afeta a relação entre os interlocutores, como veremos nos exemplos a seguir:

- (a) Ich habe mit ihm *wohl* gesprochen, aber zu einer Lösung kamen wir nicht.  
*É certo que* falei com ele, mas não chegamos a nenhuma solução.

[CLIVAGEM]

- (b) Ich habe morgen keine Zeit. Wir erwarten *doch* Besuch aus Lima.  
Não tenho tempo amanhã. *Como deve saber*, esperamos visitas de Lima.

[ORAÇÃO SUBORDINADA PRECEDIDA]

- (c) Ich muss *mal* schnell telefonieren.  
*Desculpe, mas* tenho de ir ali telefonar num instante.

[ACRÉSCIMO DE UMA FÓRMULA PARA PEDIR DESCULPA]

- (d) Wann wird er *wohl* kommen?  
Quando *é que achas que* ele vem?

[PSEUDOCLIVAGEM]

Nas traduções, as enunciações obviamente tornam-se mais longas, complexas e explícitas, bem como mais apelativas ou polidas, como no exemplo (c), e direcionam-se

---

<sup>6</sup> Para Franco (1988), as partículas modais em português incluem *acaso, afinal, bem, cá, e, então, é que, já, lá, mas, não, se calhar, sempre e também*. Schmidt-Radefeldt (1993) ainda integra *que e pois*.

de forma mais direta ao interlocutor, como no exemplo (d), no qual o processo reflexivo é transformado em uma pergunta explícita.

Em comparação com o português europeu, no português brasileiro, este componente é ainda mais acentuado. Geralmente, não se encontra uma classe de palavras exclusivamente relacionada às partículas modais nas gramáticas pertinentes. Apenas Castilho (2010) adota a categoria ‘marcadores discursivos’ na sua gramática do português brasileiro falado, classificando também alguns dos termos que se assemelham às partículas modais alemãs na categoria de tais marcadores discursivos. Figueredo (2011) chega a introduzir o termo ‘partículas modais’ com relação ao português brasileiro no seu trabalho pioneiro e corrobora que sua função-chave consiste em “negociar entre os interlocutores o papel dos falantes em uma proposição ou proposta a fim de que esta se torne um significado compartilhado na interação” (FIGUEREDO, 2011, p. 220). Neste sentido, não surpreende que, para Figueredo, expressões e interjeições como *tchê, só, pô, ei, aqui, hein, beh, nó, ôxe, né, tá, viu, visse, uai, ué, é e ah* façam parte desta categoria e, além disso, apontem meios prosódicos. Suas funções implicam nas dimensões persuasiva e verificativa e são direcionadas para a reação do ouvinte: advertência, atenuação, desafio, reforço, empatia, afirmação, expressão de compreensão, acordo e insistência (FIGUEREDO 2011, p. 234; PAGANO; MELO SÁ; FERREGUETTI, 2014).

### **3 Partículas modais no ensino de ALE: uma abordagem cognitiva, comparativa, situativa e multimodal**

Apesar de sua alta frequência na linguagem cotidiana, as partículas modais continuam representando um papel marginal nos livros didáticos comuns. Um caminho frequentemente seguido na didática tradicional é o da mediação e da aquisição dessas partículas por meio de imitação e automatização através de *chunks*, em que os aprendizes imitam estruturas com padrões recorrentes, tais como “Männer sind *eben so*”. Alinhados a estas práticas, os livros didáticos introduzem partículas modais em situações de uso e tipos de orações prototípicas como, por exemplo, *denn* junto à ação linguística ‘perguntar e denominar a origem da pessoa’, ou *ja* e *aber* junto à ação linguística ‘elogiar alguém’. Em seguida, são realizados exercícios de inserção por meio dos quais o aprendiz pode treinar as respectivas ilocuções por meio de *pattern drills*, frequentemente seguidos por textos de diálogos com lacunas (THURMAIR, 2010; PITTNER, 2010; FILHO; LIMA;

BARROS, 2017). Ora, pode-se questionar se tipologias de atos de fala que talvez sejam apropriadas para o trabalhador imigrante na Alemanha também são adequadas para o contexto do estudante de alemão em uma IES brasileira. O que acontece quando intercambistas passam um ano na Alemanha e não apenas fazem compras lá, como também leem o jornal, assistem discussões políticas na televisão e trocam ideias com alunos alemães sobre suas visões de mundo?

Por conseguinte, a abordagem aqui proposta será: (a) primeiramente *contrastiva*, por integrar a língua alvo; (b) *cultural-contextual*, por considerar o pano de fundo das comunidades de prática; e (c) *multimodal*, por direcionar o olhar para a função da partícula modal no seu uso em perspectiva holística. A unidade de ensino a ser apresentada foi realizada no decorrer de 120 minutos (uma aula e meia) na disciplina *Interkulturelle Pragmatik*, para alunos da graduação cujo nível de alemão se encontrava no B1 do CEFR. Alguns deles já haviam realizado um semestre de intercâmbio na Alemanha. Na primeira aula, foram dadas algumas introduções teóricas quanto às funções e definições das partículas modais, e também foram discutidos possíveis equivalentes em português.

### **3.1 Etapa 1: Exercício de tradução**

Primeiramente, os alunos, divididos em três duplas, deveriam traduzir ao todo 21 enunciados de uma folha de exercício. Sendo assim, cada dupla teve como tarefa traduzir sete enunciações que retirei de duas fontes distintas (WELKER, 2001; SCHMIDT-RADEFELDT, 1993), de modo a (a) proporcionar uma certa diversidade de partículas modais, e a (b) trazer à luz na tradução potencial o caráter interacional descrito em (2). Após o exercício, os resultados foram apresentados e discutidos em plenário. A seguir, observa-se como os alunos coconstroem o significado das partículas modais durante a tradução para o português e como, no nível cognitivo, são colocados em prática processos reflexivos que vão além daquilo que *pattern drills* conseguem transmitir. Daremos uma olhada no primeiro exemplo, no qual a tradução da enunciação “Das ist *doch wohl* die Höhe!” foi focalizada:

Exemplo 1: 2017BhBr01 ((13:40-13:47))<sup>7</sup>

01 B4: ah (-) MAS é pOde ser um mAs tipo;  
02 <<sorrindo> mas isso é o `!CÚ!mulo.>  
03 mas Isso é um <<abrindo as mãos lateralmente, sorrindo>  
ab`!SUR!do.>  
04 P: hm\_HM,  
05 (1.9)  
06 B4: e sEmpre com esse aPElo;=né,  
07 [da entonação ]  
08 B3: [<<circulando com a mão direita para cima> entonaÇÃO;>]  
09 B4: lá em CIma.

Para a tradução da enunciação que contém duas partículas modais, a dupla (B3 e B4) escolheu a partícula modal portuguesa *mas* (FRANCO, 1988) e a atribuiu à posição sintática do pré-pré-campo, que, em alemão, corresponderia a um ‘operador’ (FIEHLER, 1999; SCHWITALLA, 2012, p. 144-145). Depois da explicação explícita relacionada à escolha do *mas* como lexema equivalente (L01), B4 oferece duas variantes para a tradução de *Höhe*: `!CÚ!mulo e ab`!SUR!do (L02-03). Os dois termos são pronunciados com entonação fortemente descendente e com acento extraforte. Quando repete a frase, ele adicionalmente abre suas mãos e seus braços enquanto diz ab`!SUR!do e coloca seu tronco para trás. O gesto associado com o parceiro lexical (*lexical affiliate*) *absurdo*, corresponde ao gesto denominado *palm lateral* (PL) que frequentemente é executado com ambas as mãos e no qual a mão aberta com a palma para cima é movida lateralmente ou para trás (SCHOONJANS, 2018, p. 164). De acordo com Kendon (2004, p. 265), trata-se de um tipo de retirada: é ofertado um fato ao interlocutor, no entanto, o próprio falante afasta-se da informação e da responsabilidade que são colocadas no espaço. Nos dois casos, B4 sorri durante seus turnos, o que pode ser visto como uma indicação para uma profunda autorreflexão por parte dele: B4 está consciente do padrão cultural que há por trás da tradução escolhida em oposição à expressão alemã e age conscientemente como observador das próprias formas comunicativas de expressão. Agora, B3 toma a prosódia como ponto de partida para seu turno e até repete o termo entonaÇÃO (L07) concomitantemente esticando o dedo indicador tal como se regesse, desenhando no ar círculos ascendentes como se imitasse iconicamente o contorno entonacional do acento

---

<sup>7</sup> Agradeço a Mariana Carneiro Mendes pela correção das transcrições em português. O vídeo pode ser acessado no seguinte link: <https://youtu.be/9aSBhyTy9BM>.



focal. Isto corresponde a um gesto rítmico clássico (*beat*; MCNEILL, 1992, p. 80-82). B3 destaca, assim, sua consciência de que boa parte do significado, em português brasileiro, seria codificado por meios prosódicos, dando apoio à performance de B4 que incorporou esta divergência na forma como apresentou seu turno.

O segundo exemplo trata da tradução da enunciação “Ich geh *mal* kurz telefonieren” (WELKER, 2001, p. 321). Este exemplo foi traduzido pela mesma dupla (B3 e B4) e B3 apresenta a seguinte solução:

*Exemplo 2: 2017BhBr01 ((14:06-14:26))<sup>8</sup>*

01 B3: vou só aLI telefonar rapidInho.  
02 ((todos riem))  
03 P: rapi↑!DI!nho.  
04 B4: é no caso KURZ.  
05 P: ähm miNEIro.=[enTÃO,]  
06 B3: [é; ]  
07 B4: [sim. ]  
08 [miNEIro com certEza;]  
09 B3: [heheHE, ]  
10 (1.3)  
11 P: vou dar um telefonema RÁpido;=tá:?  
12 B6: hm\_HM.  
13 P: [assim né TÁ:, ]  
14 B1: [ou então coloca] o diminutIvo no telefONEma,=  
15 =vou só ali dar um telefonemaZInho;  
16 (1.1)  
17 P: eHE,  
18 (1.1)  
19 B1: mas o diminutIvo é;  
20 (.) é de LEI.

Assim como a primeira, a segunda sequência também permite um acesso aos processos cognitivos dos alunos na tarefa da tradução: A escolha tomada relaciona-se ao diminutivo (*rapiDInho*) como equivalente para *mal* no enunciado original (L03). Os coparticipantes ratificam a resposta com risos e sorrisos que, de novo, podem ser

---

<sup>8</sup> O vídeo pode ser assistido no seguinte link: <https://youtu.be/VnSLI-keFPI>.

entendidos como indicadores de processos autorreflexivos, especialmente quando se toma em consideração o seguinte turno de B1: Em L14, ele sugere uma outra variante com diminutivo (*telefonemaZInho*), que implica em uma transposição da partícula modal do advérbio para um substantivo. B1 termina sua contribuição resumindo com um metacomentário: *mas o diminutIvo é (.) é de LEI. (L19-20)*, que, por sua vez, também aponta para uma perspectiva distanciada das duas comunidades de prática sob investigação.

De fato, em algumas abordagens, *mal* é denominado como ‘Diminutivpartikel’, uma partícula que minimiza um enunciado (WEYDT, 2003; HENTSCHEL, 2003). A atenuação dá-se especialmente pela particularização e pela desfocagem que esta partícula modal traz consigo (BUBLITZ, 2003). É exatamente este impacto que foi destacado na tradução dos estudantes e no modo como apresentaram sua tradução e seu posicionamento. O riso de todos os alunos reflete a reação ao efeito atenuador do diminutivo, uma vez que é justamente o diminutivo português que, muitas vezes, implica uma certa ironia ou até hipocrisia.

### **3.2 Etapa 2: O exemplo de *halt* no contexto conversacional**

Em um segundo passo, foi solicitado aos alunos que assistissem uma sequência de uma discussão entre quatro intercambistas alemães após sua volta de um semestre de intercâmbio em um país europeu. A sequência faz parte do corpus NUCOI e foi filmada na Universidade de Münster. No início da sequência, os participantes desta discussão conversam sobre um caso que ocorreu na Polônia, país onde A1 e A2 fizeram intercâmbio, durante a competição musical *Eurovision Song Contest 2014*, da qual o artista e travesti Conchita Wurst foi o ganhador. A1 e A2 relatam o que aconteceu lá logo depois da vitória dele:

Exemplo 3: 2014MuA102 ((06:27-07:30))<sup>9</sup>

01 A1: Also: (.) ganz großes thema hatten wir mal (.)  
zwischenUrch (.) nachde:m: (--) äh:: der euvision  
(-) <<pronunciando articuladamente> eurovision> SONGcontest  
war.

02 A2: [HM\_m,]

03 A3: [˜ja, ]

04 A1: °h (.) und conchita wurst geWONnen hAt?

05 A3: ja,

06 (0.8)

07 A1: un:d äh:m;;

08 (0.6) EIne:,

09 das war die präsiDENTin (.) vom (-) äh erAsmus (.)  
student network.

10 A2: ja;

11 [<<com dedo indicador levantado> die] [präsiDENTin.> ]

12 A1: [DIE hat dann die gAnze, ]

13 [also ne ↑POLin.]

14 die hat dann die gAnze zeit auf (.) auf facebook (-)  
**so::** (-) SACHen gepostet die **halt** ganz kla::r;

15 (0.5)

16 <<olhando para A2, encolhendo os ombros> was ISSer  
**eigentlich;**

17 (-) trans-

18 nee (.) transGENDER isser Au\_nich;

19 (1.1)

20 [transvesTIT,> ]

21 A2: [<<p> transvesTIT,>]

22 ja:,

23 A1: [ja; ]

24 A3: [ja:;]

25 A1: transvesTitenfeindlich wa:rn,

26 also (-) GANZ ganz klA:r,

27 A2: ja: (.) **so** bilder <<desenhando com os dedos uma linha na  
mesa> wie (.) WRONG evoluTION;>

28 <<voz crepitante> wo dann **halt** (.) die evoluTION drauf  
wa:r-

29 [und dann als ] letztes kam (.) conchita WU:RST;>

30 A3: [<<pp> oh KRASS;>]

---

<sup>9</sup> O vídeo pode ser assistido no seguinte link: <https://youtu.be/-cAGt5pALaQ>.

31 A2: mit nem schritt zuRÜCK-

32 (.) und solche [sachen;]

33 A3: [aHA; ]

34 A1: [<<all> jaJA:;>]

35 A4: [<<rindo> oh; ]

36 A2: <<movendo para frente e para trás o punho fechado com o  
braço direito dobrado> **halt** RIChtig;>  
[ ((olha para a câmara)) ]

37 A4: [°h (krass);> ]

38 A1: [wo UNS **halt** ] **irgendwie** 'NIEmand was  
dazu geschrIEben hat;  
39 und ICH hab dann irgendwann drUnter geschrieben;  
40 so: dass wir (.) dass wir FROH sein sollten dass  
**irgendwie** eurOpa so weit †Is-  
41 und so toleRANT is;  
42 und,  
43 A2: ja-

44 A1: man **irgendwie** akzeptIERT dass es da mEhr gibt als  
nur männlich und weiblich,  
45 und SIE fing dann an-  
46 (1.7)

47 A2: ja:;

48 A1: <<1> ich WEIß gar nich mehr genau;  
49 [WAS sie geschrieben hat;> ]

50 A2: [hat auf jeden fall diese SACHen ge]schrieben,  
51 dass das **ja** ähnlich wär <<voz crepitante> wie ne KRANKheit  
[und so:was;>]

52 A3: [ach KRASS; ]

Como em outras sequências do corpus NUCOI nas quais são negociadas experiências de choques culturais, este trecho destaca-se pelo uso alto de partículas modais e expressões familiares: *so* (L14, 27), *ja* (L51), *halt* (L14, 28, 36, 38), *eigentlich* (L16) e *irgendwie* (L 38, 40, 44).<sup>10</sup> É saliente a função central de *halt* nos turnos mais significativos da sequência (L28-38). Por muito tempo, *halt* foi visto como equivalente ao *eben* no Sul da Alemanha (BURKHARDT, 1994; THURMAIR, 1989). Burkhardt (1994, p. 135-136) explica que com *halt* se pressupõe a familiaridade do interlocutor com o fato como tal. Sendo assim, a partícula implica uma atitude subjetiva do falante, uma expectativa de aprovação, um conhecimento geral da proposição, bem como da sua facticidade inalterável e inquestionável, além de um tom pessoal-confidencial. Schoonjans (2018, p. 45) coloca *halt* em um *cluster* junto às partículas modais *eben* e *einfach*, etiquetando-as como ‘marcadores evidenciais’. Elas não apenas marcam um fato como “verdadeiro, mas sim, muitas vezes como evidente, como óbvio, como altamente plausível”.<sup>11</sup> A partir de uma perspectiva cognitiva, Reineke (2018) mostra que *ja* – e isto também vale para *halt* na sequência acima – se refere a um terreno comum dos interactantes. A função dessas partículas muitas vezes é “conectar a enunciação corrente a um pré-texto pragmático, isto é, a uma proposição presente que é parte do contexto argumentativo não verbal.”<sup>12</sup> (FISCHER, 2007, p. 51 *apud* REINEKE, 2018, p. 187). Neste sentido, *halt* pode ser visto como um ‘ponto de acesso’ (*point of access*; LANGACKER, 1987, p. 163-164) para o conhecimento enciclopédico e cultural, bem como para os costumes de interpretação dos interactantes. Com isto, *halt* também assume uma função metacomunicativa e reflexiva, uma vez que marca um fato como plausível, reforçando a própria enunciação (THURMAIR, 1989, p. 123-128).

Os alunos tiveram meia hora para discutir o vídeo, ler a transcrição com as partículas marcadas e para responder (a) se as partículas são traduzíveis para o português e (b) se uma sequência deste tipo entre brasileiros procederia de forma semelhante. A

---

<sup>10</sup> O status de *irgendwie* como partícula modal é controverso por causa do seu comportamento sintático e morfológico. Não obstante, para Burkhardt (1994), trata-se de uma partícula modal. Para nossa finalidade, considerando que a coesão contextual é decisiva para o exercício, *irgendwie* pode ser visto como relevante em termos funcionais. Para Blühdorn (2017, p. 319), esta partícula na conversa real frequentemente assume a função de “relativizar decisões de formulação” (“Formulierungsentscheidungen zu relativieren”), o que pode ser aplicado ao contexto do Exemplo 3. Também é possível entendê-la no sentido de Helbig (1988), como ‘partícula situativa’. O mesmo se aplica à partícula *so*, que, segundo Engel (2004, p. 442), poderia ser descrita nos dois casos presentes nesta sequência como partícula modal.

<sup>11</sup> “wahr, sondern vielfach als evident, auf der Hand liegend, höchst plausibel.”

<sup>12</sup> “to connect the current utterance to a pragmatic pretext, that is, to a proposition ‘at hand’ which is part of the non-verbal argumentative context.”

discussão em plenário revelou que a maioria das ocorrências de *halt* foi compreendida como busca por aprovação, acordo e ressonância. Também a atenuação foi considerada uma possível função dessa partícula. Com respeito à traduzibilidade, para *halt*, como também para *irgendwie*, a escolha mais sugerida foi o marcador discursivo *tipo/tipo assim*.<sup>13</sup> Atenção especial foi dada à L36 na qual *halt* serve como ponto de acesso a um estoque de conhecimento cultural implícito que é apenas realizado no nível gestual:

36 A2: <<movendo para frente e para trás o punho fechado com o  
braço direito dobrado> **halt** RICHTig;> [(olha na câmera)]

Este movimento de braço com o punho fechado, em primeiro passo, representa metonimicamente uma luta e pode ser visto, em segundo passo, como representando a metáfora conceptual UMA DIFAMAÇÃO VERBAL É UMA AMEAÇA FÍSICA.<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, o movimento representa um gesto rítmico, uma vez que substitui o conteúdo do enunciado no nível verbal, mas imita seu ritmo, marcado gestualmente, conectando esquematicamente este ato com o ato corporal violento .

Na sequência seguinte, a coconstrução multimodal e a negociação comum do significado, bem como a transposição das partículas modais usadas pelos alemães no vídeo para o português brasileiro tornam-se visíveis. O trecho começa com B6, que concorda com B3 e B1 com relação à suposição deles, formulada anteriormente, de que *halt* também serviria para interligar ideias:

*Exemplo 4: 2017BhBr01 ((62:14-62:50))*<sup>15</sup>

01 B6: é: eu acho que SIM (.) é-  
02 muitas vezes que a gente fala `TIpo;  
03 B1: ele expressa ÊNfase,  
04 [ou ele] busca o\_a concordÂncia do inter[locutOr.]  
05 B6: [ISso; ]  
06 [a concor]  
DÂncia (.) talvez para faLAR: algo,  
07 (.) que você achou abSURdo;  
08 ou o que você escuTOU outra pessoa `falar.

<sup>13</sup> Cf. também a pesquisa de Carneiro Mendes (2019).

<sup>14</sup> Mittelberg e Waugh (2009) mostram a importância do entendimento metonímico de um gesto como primeiro passo para a interpretação, em um segundo passo, de um conceito motivado metaforicamente.

<sup>15</sup> Este vídeo pode ser acessado no link: <https://youtu.be/XXjn7L2HRM8>.

09 B4: é que TIpo <<all> é tipo assIm.>  
10 <<circulando com a mão e o braço direitos na altura da  
cabeça, movendo juntamente o tronco para frente> Olhe só:.>  
11 [<<repetindo o movimento> ninGUÉM falou] [nAda.>  
12 B6: [ISso olhe SÓ ] [é. ]  
13 B1: [É: é; ]  
14 PRES\_tenção aqui;=[né, ]  
15 B6: [eXAta]mente.  
16 eh a gente usa pelo menos NESse (.)  
[nesse contExto. ]  
17 B3: [é quando cê vai expres]sar uma iDEIA <<abrindo a mão  
esquerda> com\_impreciSÃO.>  
18 acho tambÉM [pode;]  
19 B1: [é; ]  
20 B3: [hm\_hm é: tamBÉM. ]  
21 B1: [é é você vai expressar] [uma iDEIA vAga é é.]  
22 B6: [((acena a cabeça)) ]  
23 B3: [uma cOisa mais ] [ou ME:nos VAgo; ]  
24 [é de fOrma VAga.]  
25 B6: [ao invés ] de cê faLA:R,  
26 (.) ah AH\_cê fAla TIpo (.) [tipo,]=eheHE;  
27 B3: [TIpo;]  
so  
28 B4: [aHãm;]  
29 B6: <<formando duas vezes com as mãos um objeto redondo>  
preEnche o vaZIO.=né,>  
30 daquele moMEnto de conversa.

Os coparticipantes compartilham a opinião de que *tipo* representa uma tradução apropriada para *halt*, uma vez que exprime o desejo por concordância e dá ênfase a uma enunciação específica (L02-04). B4 toma o próximo turno (L09), trazendo uma mudança mais interativa ao significado de *halt* e, com isto, chegando a uma interpretação mais apropriada ao contexto cultural de sua língua materna por incorporar concomitantemente o caráter recíproco da partícula, o explicitando verbalmente por um imperativo, isto é, de forma apelativa. Esta retórica reflete-se no gesto rítmico, no qual, assim como no enunciado verbal, toda atitude corporal, bem como os movimentos de braço e de cabeça são direcionados ao interlocutor:

10 <<circulando com a mão e o braço direitos na altura da  
cabeça, movendo juntamente o tronco para frente> Olhe só:.>  
11 [<<repetindo o movimento> ninGUÉM falou] [nAda.>]

B3 toma o próximo turno (L17) e introduz um novo aspecto: o desejo de concretizar algo impreciso que se torna visível no termo *halt*, bem como no termo *tipo*. Com isso, ele executa um gesto assertivo que recorre à metáfora do CONDUIT (REDDY, 1993 [1979]), no qual ele oferece metaforicamente ao interlocutor uma informação pelo gesto *Palm Up Open Hand* (MÜLLER, 2008, p. 224). Agora, esta ideia é ratificada tanto por B1 (L19, 21) como por B6 (L25-30). B6 desenvolve este pensamento ao acrescentar que *halt* e *tipo*, finalmente, também têm a função de preencher lacunas na comunicação, o que ele indica metaforicamente ao desenhar um objeto redondo no ar que é colocado no vazio para preencher este espaço. B6 explicita gestualmente o efeito da partícula modal e dá concomitantemente ênfase ao enunciado (SCHOONJANS, 2018, p. 188-189). Destarte, nesta curta sequência, mostra-se como os alunos, ao oscilarem entre língua materna e língua estrangeira, bem como entre cultura de origem e cultura de destino, coconstroem e negociam significados não de modo unidimensional e automatizado, mas sim, de forma (auto)reflexiva e multimodal.

#### 4 Considerações finais

Partículas modais possuem uma nuance cultural. Elas servem para a coparticipação enfática, a gestão de consenso, a invocação de terreno comum por alusões e pressuposições relacionadas ao pré-conhecimento e a implicações contextuais, o reforço e a confirmação do conhecido, a indicação de relevâncias, a promoção de coerências discursivas e a orientação, bem como para a atenuação de conflitos e contradições (HELD, 2003, p. 6-7). Nas partículas modais alemãs, encontra-se um alto grau de (auto)reflexividade, um fenômeno que também se vê em outros níveis da fala alemã. Pode-se interligar esta tendência, por exemplo, com abordagens sobre o *other-oriented* e *self-oriented communicative style* no inglês e no alemão, de acordo com House (1996). Philburn (2011) descreve o estilo de fala alemão como '*Meinung-ated*' e ligado a um '*examining*' *selfhood* em oposição ao '*narrated*' e '*beguiled*' *selfhood* do estilo de fala inglês. Quanto a estudos contrastivos na área da linguística românica, Bravo (2008)



introduz respectivamente as categorias ‘afiliação’ e ‘autonomia’ para diferenciar entre os estilos românico e anglofônico. Também Schröder (2004, 2005, 2009, 2010, 2018a, 2018b, 2018c) revelou um estilo de fala tendencialmente mais apelativo no português brasileiro do que no alemão, sendo que no alemão há uma preferência pelo estilo metacomunicativo.

Por meio da análise apresentada, mostrou-se como, para além de um acesso meramente automatizado (THURMAIR, 2010), é possível acessar as partículas modais de forma contrastiva, cognitiva, situativa, compreensiva e multimodal a partir do seu uso real. Nossos alunos nas IES brasileiras são aprendizes altamente competentes e (auto)reflexivos, que mostraram nos dois exercícios apresentados que são capazes de se aproximarem cognitivamente de um significado básico das partículas modais. Revelou-se como esse processo ocorre por meio de um encaixamento e uma transposição do uso linguístico multimodal para o próprio contexto linguístico e cultural.

No caso de *mal*, vimos por exemplo o contexto de uso linguístico do diminutivo, que é prototípico no Brasil, mas que nas duas culturas está interligado com estratégias de polidez. Porém, tal partícula sempre carrega uma certa conotação de ironia ou hipocrisia que se torna mais explícita na tradução para o português brasileiro. O que está mais velado em alemão é mais óbvio em português e pode entrar na sala de aula especialmente no nível prosódico de forma bem humorada. O mesmo vale para o primeiro exemplo, no qual meios prosódicos enfatizaram o significado das partículas modais na tradução para português brasileiro. No segundo exercício, os alunos mostraram que a partir de uma introdução clara para uma sequência mais complexa – pré-conhecimento quanto à leitura de uma transcrição em GAT 2, outros exercícios mais curtos com partículas modais etc. – é possível compreender a função de partículas modais, especialmente quando se trata de um tópico interessante e atual, apresentado em um nível linguístico compreensível. Este foi o caso do Exemplo 3, uma vez que a sequência tratou de preconceitos relacionados à diversidade sexual em países mais conservadores da União Europeia e mostrou como os intercambistas lidaram com isso. Nisto, também se revelou que alunos brasileiros e alemães compartilham um terreno comum com relação a estoques de conhecimento e de valores, bem como a costumes de interpretação. Este terreno comum pode ser utilizado para entenderem partículas modais em um contexto altamente sensível em termos culturais.

Neste sentido, defendemos uma integração multimodal de interações reais no ensino de ALE, bem como em disciplinas dos estudos germânicos no exterior, para que

possamos complementar e também superar uma tematização mecanizada, deficitária e às vezes até infantilizada de partículas modais nos livros didáticos e para lançar uma ponte entre ALE e as ciências linguísticas.

## Referências

- AQUINO, Marcell. *A função dinâmica das partículas modais alemãs doch e ja no ensino de línguas*. Dissertação de Mestrado (Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2012.
- BLÜHDORN, Hardarik. Intonation im Deutschen nur eine Frage des schönen Klangs?. In: *Pandaemonium Germanicum* 16(22), 2013, 242–278. <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/80113> (30/05/2017).
- BLÜHDORN, Hardarik. Diskursmarker: Pragmatische Funktion und syntaktischer Status“. In: Blühdorn, Hardarik; Deppermann, Arnulf; Helmer, Henrike; Spranz-Fogasy, Thomas (ed.). *Diskursmarker im Deutschen. Reflexionen und Analysen*. Göttingen, Verlag für Gesprächsforschung, 2017, 311–336.
- BRAVO, Diana. (Im)Politeness in Spanish-speaking socio-cultural contexts: Introduction. In: *Pragmatics* 28(4), 2008, 563–576.
- BUBLITZ, Wolfram. Nur ganz kurz mal: Abschwächungsintensivierung durch feste Muster mit *mal*. In: Held, Gudrun (ed.). *Partikeln und Höflichkeit*. Frankfurt am Main & Berlin, Peter Lang, 2003, 179–201.
- BURKHADT, Armin. Abtönungspartikeln im Deutschen: Bedeutung und Genese. In: *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 1(22), 1994, 129–151.
- CARNEIRO MENDES, Mariana. As expressões *tipo, assim, tipo assim* e *assim tipo* e suas funções nas falas de uma interação em grupo. In: Schröder, Ulrike; Carneiro Mendes, Mariana (ed.). *Comunicação (Inter)Cultural em Interação*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2019, 207–222.
- CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.
- ENGEL, Ulrich. *Deutsche Grammatik. Neubearbeitung*. München, Iudicium, 2004.
- FIEHLER, Reinhard. Operator-Skopos-Strukturen. In: *Sprachtheorie und germanistische Linguistik* 9(2), 1999, 169–193.
- FIGUEREDO, Giacomo P. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, Belo Horizonte, 2011.
- FILHO, Ebal Sant Anna Bolacio; LIMA, Thaís; BARROS, Belino dos Reis. Modalpartikeln im DaF-Unterricht: Vermittlung und Lehrwerkanalyse. In: *Caderno de Letras* 29, 2017, 51–65.
- FISCHER, Kerstin. Grounding and common ground: Modal particles and their translation equivalents. In: Fetzer, Anita Fetzer; Fischer, Kerstin (ed.). *Lexical Markers of Common Grounds. Studies in Pragmatics*. Amsterdam, Elsevier, 2007, 47–66.

- FRANCO, António. Partículas modais da língua portuguesa. In: *Revista da Faculdade de Letras do Porto: Línguas e Literaturas* 2(5), 1988, 137–156.
- FROTA, Sónia et al. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: Frota, Sónia Frota; Prieto Pilar (ed.). *Intonation in Romance*. Oxford, Oxford University Press, 2015, 235–283.
- HEGGELUND, Kjell T. Zur Bedeutung der deutschen Modalpartikeln in Gesprächen unter besonderer Berücksichtigung der Sprechakttheorie und der DaF-Perspektive. In: *Linguistik online* 9(2), 2001, 1–18.
- HELBIG, Gerhard. Partikeln als illokutive Indikatoren im Dialog. In: *Deutsch als Fremdsprache* 14(1), 1977, 30–44.
- HELBIG, Gerhard. *Lexikon deutscher Partikeln*. Leipzig: Enzyklopädie, 1988.
- HELBIG, Gerhard; BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin & München, Langenscheidt, 2001.
- HELD, Gudrun. Partikeln und Höflichkeit – oder: wie problematisch ist die Symbiose wirklich? In: Held, Gudrun (ed.). *Partikeln und Höflichkeit*. Frankfurt am Main & Berlin, Peter Lang, 2003, 3–9.
- HENTSCHEL, Elke. *Funktion und Geschichte deutscher Partikeln*. Ja, doch, halt und eben. Tübingen: Niemeyer, 1986.
- HENTSCHEL. Wenn Partikeln frech werden. In: Held, Gundrun (ed.). *Partikeln und Höflichkeit*. Frankfurt am Main & Berlin, Peter Lang, 2003, 55–72.
- HOUSE, Juliane. Contrastive discourse analysis and misunderstanding: the case of German and English. In: Hellinger, Marlis Hellinger; Ammon, Ulrich (ed.). *Contrastive Sociolinguistics*. Berlin, Mouton de Gruyter, 1996, 345–361.
- IMO, Wolfgang. Individuelle Konstrukte oder Vorboten einer neuen Konstruktion? Stellungsvarianten der Modalpartikel halt im Vor- und Nachfeld. In: Stefanowitsch, Anatol; Fischer, Kerstin (ed.). *Konstruktionsgrammatik II: Von der Konstruktion zur Grammatik*. Tübingen, Stauffenburg, 2008, 135–155.
- KENDON, Adam. *Gesture: Visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar. Volume I: Theoretical Prerequisites*. Stanford, Stanford University Press, 1987.
- MCNEILL, David. *Hand and mind: What gestures reveal about thought*. Chicago, University of Chicago Press, 1992.
- MITTELBERG, Irene; WAUGH, Linda R. Metonymy first, metaphor second: A cognitive-semiotic approach to multimodal figures of thought in co-speech gesture. In: Forceville, Charles; Urios-Aparisi, Eduardo (ed.). *Multimodal Metaphor*. Berlin & New York, Mouton de Gruyter, 2009, 329–355.

MÜLLER, Cornelia. What gestures reveal about the nature of metaphor. In: Cienki, Alan; Müller, Cornelia (ed.). *Metaphor and Gesture*. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins, 2008, 219–245.

PEGANO, Adriana Silvina; MELO SÁ, Arthur de; FERREGUETTI, Kícila. A equivalência tradutória de Partículas Modais: um estudo baseado em *corpus*. In: *Letras & Letras* 30(2), 2014, 322–348.

PHILBURN, Rob. Aspects of English and German Sociable Selfhood. In: Witte, Arndt; Harden, Theo (ed.). *Intercultural competence: concepts, challenges, evaluations*. Bern, Peter Lang, 2011, 411–435.

PITTNER, Karin. *Modalpartikeln in neueren Lehrwerken für Deutsch als Fremdsprache*, 2010. <http://homepage.ruhr-uni-bochum.de/Karin.Pittner/ModalpartikelnDaF.pdf>. (02/02/2019).

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: Ortony, Andrew (ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge, Cambridge University Press, 1993 [1979], 164–201.

REINEKE, Silke. Interaktionale Analysen kognitiver Phänomene. Wissenszuschreibungen mit der Modalpartikel *ja*. In: Marx, Konstanze; Meier, Simon (ed.). *Sprachliches Handeln und Kognition. Theoretische Grundlagen und empirische Analysen*. Berlin & Boston: De Gruyter, 2018, 183–204.

SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics* 19, 2009, 565–582.

SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen. Partículas discursivas e interacionais no português e no espanhol em contraste com o alemão. In: SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (ed.). *A Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica: Homenagem a José Gonçalo Herculano de Carvalho*. Tübingen, Narr, 1993, 63–78.

SCHOONJANS, Steven. *Modalpartikeln als multimodale Konstruktionen. Eine korpusbasierte Kookkurrenzanalyse von Modalpartikeln und Gestik im Deutschen*. Berlin, Boston, De Gruyter, 2018.

SCHRÖDER, Ulrike. Der Selbstbeobachter – ein deutsches Phänomen? Selbstreflexionsprozesse und ihre kulturspezifische Ausprägung. In: *Kodikas Code Ars Semeiotica* 27, 2004, 41–58.

SCHRÖDER, Ulrike. Der Akteur und der Betrachter – zur unterschiedlichen Funktion von Sprache in der Selbstdarstellung von Deutschen und Brasilianern. In: *Grazer Linguistische Studien* 63, 2005, 77–91.

SCHRÖDER, Ulrike. Preferential metaphorical conceptualizations in everyday discourse about love in the Brazilian and German speech communities. In: *Metaphor and Symbol* 24(2), 2009, 105–120.

SCHRÖDER, Ulrike. Speech styles and functions of speech from a cross-cultural perspective. In: *Journal of Pragmatics* 42, 2010, 466–476.

SCHRÖDER, Ulrike. Zur Funktion von Metakommunikation in der dialogischen Konstruktion von Alterität. In: *Linguistische Berichte* 253, 2018a, 87–107.

SCHRÖDER, Ulrike. O que a metacomunicação revela sobre nossos processos cognitivos: um estudo sobre a coconstrução de alteridade. In: Tenuta, Adriana Maria; Coelho, Sueli Maria (ed.).

*Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG/PosLin, 2018b, 201–227.

SCHRÖDER, Ulrike. Face as an interactional construct in the context of connectedness and separateness: an empirical approach to culture-specific interpretations of face. In: *Pragmatics* 28(4), 2018c, 547–572.

SCHRÖDER, Ulrike; CARNEIRO MENDES, Mariana. Unterschiede im Gebrauch und in der Funktion prosodischer Merkmale im deutschen und brasilianischen Sprechen im Kontext des Transkribierens. In: Johnen, Thomas; Savedra, Mônica; Schröder, Ulrike (ed.). *Sprachgebrauch im Kontext – die deutsche Sprache im Kontakt, Vergleich und in Interaktion mit Lateinamerika/Brasilien*. Stuttgart, ibidem, 2019, 143–173.

SCHWITALLA, Johannes. *Gesprochenes Deutsch: Eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt, 2012.

SELTING, Margret et al. Um sistema para transcrever a fala-em-interação: GAT 2. Traduzido e adaptado por Ulrike Schröder, Mariana Carneiro Mendes, Caroline Caputo Pires, Diogo Henrique Alves da Silva, Thiago da Cunha Nascimento e Flavia Fidelis de Paula (UFMG); com revisão técnica de Paulo Cortes Gago (UFJF/UFRJ). In: *Veredas* 20(2), 2016, 6–61.

SILVA, Maria Cristina Figueredo. A note on the prosody of focalized structures in Brazilian Portuguese. In: BIANCHI, Valentina; CHESI, Cristiano (ed.). *Enjoy Linguistics! Papers offered to Luigi Rizzi on the occasion of his 60th birthday. Volume 1*. Siena, CISCL Press, 2012, 141–149.

THURMAIR, Maria. *Modalpartikeln und ihre Kombinationen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

THURMAIR, Maria. Alternative Überlegungen zur Didaktik von Modalpartikeln. In: *Deutsch als Fremdsprache* 47(1), 2010, 3–9.

WELKER, Herbert Andreas. *Gramática alemã*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001.

WEYDT, Harald. *Abtönungspartikel: Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen*. Bad Homburg, Max Gehlen, 1969.

WEYDT, Harald. (Warum) Spricht man mit Partikeln überhaupt höflich? In: Held, Gudrun (ed.). *Partikeln und Höflichkeit*. Frankfurt am Main & Berlin, Peter Lang, 2003, 14–39.

WIERZBICKA, Anna. *Cross-Cultural Pragmatics. The Semantics of Human Interaction*. Berlin, Mouton de Gruyter, 2003 [1991].

**Proposta de análise de livros didáticos de ALE sob a perspectiva da  
Análise do Discurso  
Vorschlag zur Analyse von ALE-Lehrbüchern aus Sicht der Diskursanalyse**

ARANTES, Poliana Coeli Costa<sup>16</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva, centralmente, propor categorias de Análise do Discurso para a análise de livros didáticos. Nesse sentido, elaborou-se discussão sobre livros didáticos de alemão como língua estrangeira utilizados no Brasil com base nos pressupostos de análise foucaultianos, apresentando as conclusões do artigo de Arantes (2018) que levantou as imagens de aprendizes de ALE em livros didáticos. As discussões foram baseadas na Análise do Discurso francesa e desse modo, propostas categorias que versam em torno da investigação do estatuto dos enunciadores, do contexto de enunciação e da mobilização de conhecimentos que acabam por construir pressupostos de aprendizagem da língua nos contextos analisado. A proposta justifica-se por ser necessária na área de ALE, sobretudo porque objetiva a formação de professores que fazem ou farão a escolha do material didático nas instituições de ensino em que atuam.

**Palavras-chave:** Livro Didático; Dispositivo; Poder; Análise do Discurso.

**Zusammenfassung:** This article aims, centrally, to propose Discourse Analysis categories for the analysis of textbooks. In this sense, a discussion was developed about didactic books of German as a foreign language used in Brazil based on the assumptions of Foucauldian analysis, presenting the conclusions of the article by Arantes (2018) that raised the images of ALE apprentices in textbooks. The discussions were based on the French Discourse Analysis and, thus, proposed categories that deal with the investigation of the status of the enunciators, the context of enunciation and the mobilization of knowledge that end up building assumptions of language learning in the analyzed contexts. The proposal is justified because it is necessary in the area of ALE, mainly because it aims at training teachers who make or will choose the didactic material in the educational institutions in which they work.

**Stichwörter:** Lehrbücher; Gestell; Macht; Diskursanalyse

---

<sup>16</sup> Universidade Estadual do Rio do Janeiro. E-mail: polianacoeli@yahoo.com.br

## **1 Por que analisar livros didáticos?**

Considerando o livro didático como um dispositivo, no sentido foucaultiano, interpretado por Gilles Deleuze (1990), a pergunta que abre a introdução do presente texto pode ser justificada tendo em vista que os livros didáticos materializam pressupostos de aprendizagem, de seqüenciamento e, muitas vezes, de avaliação. Nesse sentido, toda vez que utilizamos os livros didáticos como a centralidade de nosso trabalho em sala de aula, atualizamos, reforçamos e implementamos os conteúdos preconizados por ele, inclusive seus pressupostos.

Explico: de acordo com Deleuze, a ideia preconizada por Foucault de dispositivo estaria centrada na produção de enunciações formuláveis por sujeitos que ocupam determinadas posições, atuando como vetores ou tensores de força (poder). Se entendemos que os livros didáticos de ensino/aprendizagem de determinada língua atuam nessa cadeia de forças designando conteúdos e progressões a serem adotadas, podemos dizer que há produção de enunciações no momento em que reiteramos esses enunciados previamente produzidos. Essa reiteração (re)produz uma cadeia de relações de poder nos colocando como vetores ou tensores dessa força.

No entanto, esse processo não é, de modo algum, estável. Pelo contrário, há muitas linhas de fuga, de quebra desse processo que se produzem, sobretudo quando se produz crítica. Nós professores, e alunos, produzimos essas linhas de fuga quando modificamos o percurso de aprendizagem, quando queremos dar a ele outro direcionamento, baseado em nossas experiências cotidianas e em contato com o Outro. Segundo Foucault, há linhas de sedimentação, mas também há linhas de “fissura”, de “fratura” e, desse modo, “desemaranhar as linhas de um dispositivo” é cartografar percorrendo terrenos desconhecidos, sendo necessário “instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no” (DELEUZE, 1990, p. 155).

Analisar as linhas, desemaranhando-as é um dos nossos objetivos com este artigo. Por esse motivo é que propomos um desenho de análise dos livros didáticos à luz da Análise do Discurso com contribuições foucaultianas e deleuzianas. No próximo tópico iniciaremos a análise acerca dos efeitos dos livros didáticos em nossa prática.

## 2 Pressupostos de análise

Com base nas ferramentas foucaultianas de análise, utilizadas por Arantes (2018, p.5-7) sobre os efeitos produzidos pelos livros didáticos, partimos dos seguintes pressupostos:

- livros didáticos são a produção visível de um conjunto de especialismos – são definidos por uma equipe ou grupos que pautam a seleção, a normalização, a hierarquização e a centralização de informações e conteúdos que consideram relevantes, necessários ou até mesmo indispensáveis para a aprendizagem de uma língua estrangeira;
- livros didáticos determinam critérios de seleção: “falso-saber”, “não-saber”, tempo de aprendizagem, progressão de aprendizagem;
- livros didáticos expressam procedimentos de institucionalização dos saberes a respeito do ensino de línguas que demandam investigação permanente.

O primeiro pressuposto traz quatro categorias de análise foucaultianas, que atuam na cartografia de análise da produção de saber: seleção, normalização, hierarquização e centralização. Segundo o autor, tais categorias foram e são necessárias para que os saberes sejam agrupados e reconhecidos como objetos visíveis.

Nesse sentido, os livros didáticos podem ser considerados “produtores” de saber(es), já que as quatro operações supracitadas são realizadas e podem ser identificadas nos livros. Os conteúdos abarcados pelos livros foram antecipados por uma equipe de especialistas que levantou, com base em critérios (desconhecidos ou não do leitor), as necessidades e pressupostos do ensino de uma língua estrangeira em contexto imaginado. Por esse motivo, acreditamos que:

é preciso colocar em suspenso as formas prévias e sínteses elaboradas com base nos ‘especialismos’ da área, que muitas vezes estão distantes das realidades que encontramos em nossas salas de aulas (ARANTES, 2018, p. 4).

Considerar acriticamente, portanto, que os conteúdos selecionados pelos livros didáticos supririam as demandas de aprendizagem que vivenciamos em nossos contextos nos parece algo que devemos superar.



Apesar de ser alvo de diversas críticas relacionadas a questões de conteúdo, progressão e método, a existência em si do LD nos processos de ensino/aprendizagem de línguas não costuma ser contestada” (UPHOFF, 2008, p.131).

Nesse sentido propomos, no próximo tópico, percursos de análise dos livros didáticos baseados em elementos da Análise do Discurso que podem nos auxiliar nessa tarefa crítica dos materiais.

### **3 Contribuições da Análise do Discurso**

A Análise do Discurso pode nos auxiliar sobremaneira nesta tarefa de análise dos livros didáticos, pois pretende investigar camadas do texto verbal e não verbal. Situada no desafio de problematizar o vínculo entre os textos e seus contextos de circulação, a abordagem de análise aqui adotada propõe compreender que (i) todo texto produz sentido a partir da restituição do diálogo com outros textos; (ii) todo texto se inscreve em um dado contexto, cujos contornos são pressupostos e, ao mesmo tempo, disputados por sua emergência.

Entendemos, portanto, que as análises empreendidas farão a cartografia de planos textuais. Esses planos podem ser compreendidos como os da intertextualidade, do vocabulário, dos temas. Deve-se considerar também o estatuto dos enunciadores e a instauração de uma dêixis enunciativa. Tais planos evidenciam a indissolubilidade dos vínculos entre texto e instituição. De um lado, tem-se a afirmação de uma inscrição social do enunciador e de seu destinatário como configurando posições institucionais legítimas a partir das quais se torna possível enunciar; de outro, indica-se a explicitação de coordenadas espaço-temporais que um texto mobiliza em sua emergência.

Dessa forma, falar dos textos é sempre falar também (e simultaneamente) de uma comunidade de sustentação desses textos, sem que haja entre um e outro relação de precedência. Esse movimento de simultaneidade reconhece que a noção de prática discursiva é elaborada como síntese desse movimento de interlegitimação entre texto e comunidade de sustentação que “existem unicamente por e na enunciação, na gestão desses textos” (MAINGUENEAU, 1997, p. 56).

Tendo em vista o exposto, elaboramos os seguintes pontos para análise dos livros didáticos:

- i) estatuto dos enunciadores – quem fala e para quem se fala (quais são as vozes autorizadas)?
- ii) contexto de enunciação – quais são os contextos e que pressupostos eles mobilizam (que questões são problematizadas)?
- iii) desenho de aprendizagem - que tipo de conhecimento, habilidades, progressão são mobilizados.

Os três pontos acima elaborados nos possibilitam mapear, cartografando as linhas de produção que são construídas nos livros didáticos, a fim de tornar mais clara que tipo de relação queremos e poderemos estabelecer com a utilização desses livros em sala de aula.

#### 4 Análise

Para exemplificar o exposto na proposta de análise, faremos o recorte de algumas atividades retiradas de três livros didáticos de ALE, ressaltando que são atividades que apenas exemplificarão nossa proposta, não sendo possível a análise das obras como um todo.<sup>17</sup>

Os livros escolhidos tratam-se dos livros mais utilizados em instituições de ensino públicas e privadas de ensino (cf. ARANTES, 2018). São eles: *Daf Kompakt, Menschen* e *Studio D 21*.

Para analisar o **estatuto dos enunciadores**, começaremos por investigar quem fala no livro e para quem se fala, ou seja, que vozes são autorizadas pelo material e muito importante: que vozes não são autorizadas.

Desse modo, podemos investigar de como modo a enunciação é dirigida aos aprendizes, quais os pressupostos elas carregam e que público elas pressupõem. A pergunta: “*Warst du schon mal in Deutschland auf einem großen Fest?*” (EVANS et al. 2012, p.67) pressupõe um aprendiz que tenha (ou tenha tido) possibilidade de ir à Alemanha em algum momento de sua vida, ou seja, trata-se de um aprendiz que pertence a determinada classe social, o que pode ou não ser a realidade de nossos aprendizes. Outro exemplo pode ser visto na escolha das figuras e imagens que estarão presentes no livro, como destacamos abaixo:

---

<sup>17</sup> Para a análise das obras como um todo, consultar o artigo de Arantes (2008), disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/14378>. Acesso em 06/03/20.

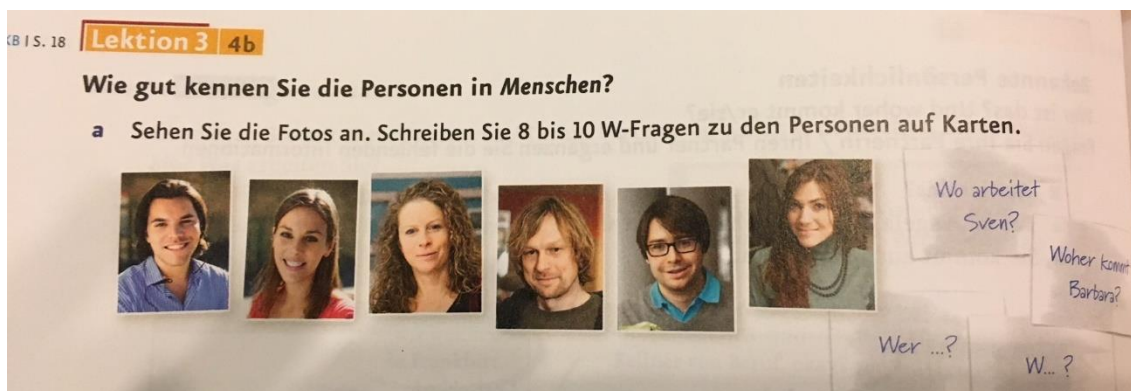


Figura 1: Personagens. Fonte: Evans;Pude;Specht. Menschen A1.1, München: Hueber, 2012, p. 76.

A figura traz personagens brancos, de faixas etárias semelhantes, pressupondo, desse modo, que vozes serão representadas pelos aprendizes no livro didático. A ausência de negros, afrodescendentes, indígenas e outras etnias ou representantes de comunidades minoritárias nos revela o público que se pretende visibilizar nos livros didáticos.

Analisando o **contexto de enunciação**, também podemos atestar que a ausência de imagens, fotos em outros locais que não sejam europeus, por exemplo, no Brasil, cria o sentido pressuposto de que a língua alemã estaria restrita ao território alemão. Trabalhar com imagens de outros países que falam o alemão também fora da Europa poderia indicar uma ênfase em política linguística decolonizadora. Não obstante, o livro investe na representação estereotipada e localizada de encontro de falantes de alemão: na Alemanha ou em países germanófonos localizados na Europa. Nesse sentido, não se autorizam outras variantes da língua, reitera-se a política linguística majoritária e europeizada.


O ambiente europeu é estereotipado em muitos desses livros, observando-se uma padronização de festas típicas em grandes cidades alemãs, antecipando a imagem de aprendiz que se interessaria por visitar esse tipo de evento. O espaço onde se encontra referência a outro país germanófono (Suíça), que não seja a Alemanha, é circunscrito e está localizado em um módulo extra “Modul-Plus-Seiten” fora dos módulos “obrigatórios”, denominado “Projekt Landeskunde”,<sup>10o</sup> que cria o efeito de material “menos importante” que pode ou não ser utilizado.

AB **3 Feste und Events**

► 219 a Was passt? Hören Sie und ordnen Sie zu.

A


In der Nacht vom 31. Dezember auf den 1. Januar feiern Menschen in der ganzen Welt Silvester und Neujahr. Die größte Silvester-Open-Air-Party (mit einer Million Besuchern!) gibt es seit 1995 am Brandenburger Tor in Berlin.



B


Den Karneval in Köln\* gibt es seit 1823. Er fängt am 11. November um 11:11 Uhr an und hört im Februar oder im März auf. Die ganz großen Karnevalsfeste sind immer an den letzten sechs Tagen.

\* Karneval (auch: „Fasching“ oder „Fasnacht“) gibt es auch an vielen anderen Orten.



C

Seit 1985 gehen viele Rockmusik-Fans im Mai oder Juni zu ‚Rock am Ring‘. Das Festival am Nürburgring in der Eifel dauert zwei bis drei Tage. Rund um die Uhr können die 70.000 bis 80.000 Besucher ihre Lieblingsbands hören.



D

Seit 1810 gibt es das Oktoberfest in München. Es ist jedes Jahr im September und Oktober und dauert ungefähr zwei Wochen. Es kommen etwa fünf bis sechs Millionen Besucher.




Figura 2: Festas estereotipadas. Fonte: Evans;Pude;Specht. Menschen A1.1, München: Hueber, 2012, p. 66.

Para finalizar, levantamos o **desenho de aprendizagem** a partir da análise dos sumários. Os conteúdos gramaticais apresentam pouca variaçãonos três livros: todos os três livros analisados iniciam-se com: cumprimentos, alfabeto, números, apresentação de si e do outro (Wer bist du? Wie heißt du?), nacionalidades e nomes de países. Os livros também apresentam divisão dos conteúdos em quatro habilidades – Lesen/Hören/Schreiben/Sprechen– mesmo que não esteja explícita no sumário, é possível percebê-la nos exercícios propostos ao longo das lições.

Em Menschen e no Studio D 21 observa-se a antecipação de uma imagem de aprendiz-espectador para o qual é apresentada uma regra e, em seguida, é solicitado a ele que aplique a regra. Essa sistemática dedutiva pressupõe que a teoria viria antes da prática: é preciso conhecer a estrutura primeiro para poder aplicá-la. Já no Daf Kompakt percebe-se uma tentativa de indução da regra: primeiro apresenta-se um texto abordando o conteúdo gramatical novo e, em seguida, é pedido para que o aluno descreva a regra. Essa tentativa nos parece mais dinâmica e propositiva. Observa-se, nos três livros, que os exercícios de compreensão auditiva são baseados em áudios artificiais (criados pelos autores dos livros e gravados em estúdios) e apresentam, predominantemente, gravações em Hochdeutsch(alemão “padrão”). Quando falam em variação linguística, apresentam áudios em *Schweizerdeutsch*(alemão suíço) e em *Österreichisches Deutsch*(alemão

austríaco), em lições pontuais, ou seja, em espaços determinados para se falar sobre variação, o que cria o efeito de que as variações não seriam recorrentes, nem seriam majoritárias. É curioso que, nos três livros analisados, apenas o LD1 apresente uma lição inteira sobre a Suíça, trazendo alguns excertos de falas descontextualizadas em Schweizerdeutsch. No entanto, a lição é voltada para a apresentação da cidade de Berna como local turístico (lição 7: “Grüezi in der Schweiz”). Ao apresentar a cidade desse modo, o livro reforça uma imagem de aprendiz-turista.

#### **4 Considerações Finais**

Pretendemos, portanto, por meio deste artigo, propor categorias de análise de livros didáticos a partir do referencial teórico da Análise do Discurso. Os livros didáticos, sobretudo aqueles direcionados ao ensino de ALE, têm ocupado em muitos espaços a centralidade das aulas por diversas questões que podemos discutir em outros textos, tais como a quantidade de aulas que os professores têm que assumir e pelo tempo de preparação que não é remunerado em muitos contextos. Nesse sentido, sentimos muita necessidade de formação de um público de professores críticos para o trabalho com livros didáticos em sala de aula, quando não é possível fazer a produção do próprio material.

O livro didático foi considerado neste texto como um dispositivo polifônico no sentido que produz sentido a partir da restituição do diálogo com outros textos e se inscreve em um dado contexto, cujos contornos são pressupostos e, ao mesmo tempo, disputados por sua emergência. São reiterados, portanto, os sentidos e os pressupostos de aprendizagem que os enunciados constroem na interação com os sujeitos.

No presente texto, apresentamos como proposta de análise os seguintes elementos: i) estatuto dos enunciadoreis – quem fala e para quem se fala (quais são as vozes autorizadas)?; ii) contexto de enunciação – quais são os contextos e que pressupostos eles mobilizam (que questões são problematizadas)?; iii) desenho de aprendizagem - que tipo de conhecimento, habilidades, progresso são mobilizados.

Os três pontos acima levantados nos possibilitaram mapear, cartografando as linhas de produção que são construídas nos livros didáticos, a fim de tornar mais clara que tipo de relação queremos e poderemos estabelecer com a utilização desses livros em sala de aula.

## Referências

ARANTES, Poliana Coeli Costa. Imagens de aprendizes de ALE em livros didáticos e o disciplinamento dos saberes. *Revista Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 21, n. 34, maio-ago. 2018, p. 1-30.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990.

EVANS, Sandra; PUDE, Angela; SPECHT, Franz. *Menschen: Deutsch als Fremdsprache A1.1*, München: Hueber, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1997.

UPHOFF, Dörthe. O Caráter institucional do uso do livro didático no ensino de língua estrangeira. In: *Revista Intercâmbio*, (XVII), 2008, 131-141.

## **A música como ferramenta para o ensino de partículas modais alemãs**

### **Music as a tool for teaching German modal particles**

AQUINO, Marcella Cherchiglia<sup>18</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de apresentar estratégias didáticas para o ensino de partículas modais alemãs (PMs) em contexto de alemão como língua adicional (ALA). Tendo em vista as necessidades e interesses dos alunos, assim como a importância de se incluir materiais autênticos e de linguagem em uso em sala de aula, selecionamos duas músicas para a mediação destes elementos modais. As atividades apresentadas servem de exemplo para o trabalho com PMs em sala de aula de ALA, que podem ser adaptadas em diferentes contextos de ensino. Finalmente, defendemos que atividades dinâmicas, que levem em consideração os aspectos gramaticais e pragmáticos das PMs, podem ser desenvolvidas desde o início da formação em alemão como ALA.

**Palavras-chave:** partículas modais alemãs; música no ensino de línguas; alemão como língua adicional

**Abstract:** This work aims to present didactic strategies for teaching German modal particles (MPs) in the context of German as an additional language (GAL). Taking into account the students' need and interest, as well as the importance of including authentic language materials in the classroom, we selected two songs to mediate these modal elements. The activities presented can be used as a working example to include MPs in the GAL classroom, which can be adapted in different teaching contexts. Finally, we argue that dynamic activities, which consider the grammatical and pragmatic aspects of MPs, can be developed already in the initial levels of GAL classes.

**Keywords:** German modal particles; music in language teaching; German as an additional language

---

<sup>18</sup> Universidade de São Paulo (USP). E-mail: marcelli.c.aquino@usp.br

## 1 Introdução

As partículas modais (PMs) em língua alemã<sup>19</sup> são classificadas como palavras que não sofrem flexão, assim como advérbios, conjunções e preposições (WEYDT 1983, p. 13). No entanto, elas apresentam outras características delimitadoras como, por exemplo: não são acentuadas; não podem ser negadas ou intensificadas; não respondem perguntas (sim e não); podem ser combinadas com outras PMs; não formam um enunciado sozinhas; apresentam função nuclear específica; estão sintaticamente e gramaticalmente integradas na sentença; são posicionadas no campo central (*Mittelfeld*); ocorrem em tipos específicos de sentenças; têm escopo sobre toda a sentença; são usadas especialmente em fala coloquial, mas não exclusivamente; apresentam homônimos não modais em outras categorias; têm sentido inferencial (WEYDT, 1969; KRIVONOSOV, 1989; ABRAHAM, 1991; HELBIG; KÖTZ, 1991, AQUINO, no prelo).

Semanticamente e pragmaticamente, as PMs têm função de ajustadores contextuais, isto é, checando e/ou certificando se os interlocutores estão entendendo uns aos outros e, se conhecimentos anteriores são ativados. A habilidade linguística de identificar as informações conhecidas entre os interlocutores e acessar o ambiente cognitivo é chamada, segundo a Teoria da Mente, de *deslocamento duplo* (ABRAHAM; LEISS, 2012, p. 11). De acordo com os postulados dessa teoria, por meio das PMs os indivíduos envolvidos no processo interpretativo abrem espaço para que seu interlocutor avalie o sucesso da proporção, negociando o significado.

O desafio do uso e compreensão das PMs advém, portanto, de diversos determinantes, como a sua dependência contextual, o significado atrelado a inferências, a negociação do ambiente cognitivo dos interlocutores, a existência de homônimos (como advérbios e conjunções) e a falta de equivalentes diretos na maioria dos idiomas (AQUINO, no prelo). Não obstante, defendemos neste trabalho que estas dificuldades podem ser superadas por meio de estratégias didáticas que levem em consideração, de maneira objetiva, as regras gramaticais e as funções comunicativas das PMs.

Para a mediação destes elementos modais propomos o uso de músicas em língua alemã, abrindo espaço para sua compreensão por meio da linguagem em uso. Para tanto, oferecemos algumas sugestões de análise e sua aplicação em sala de aula para duas

---

<sup>19</sup> As 15 PMs mais comuns em alemão: *aber, auch, bloß, denn, doch, eben, eigentlich, etwa, halt, ja, mal, nur, schon, vielleicht, wohl* (HELBIG; BUSCHA, 2001, p. 421; DUDEN, 2016, p. 602).



músicas *zeiDverschwÄndung (Die Ärzte)* e *Fühlt sich wie fliegen an (Max Herre ft. Cro)*, levando em conta aspectos gramaticais e pragmáticos das PMs, bem como procurando encontrar equivalentes funcionais em língua portuguesa.

Além de oferecer exemplos de usos autênticos em língua alemã, a utilização de música nas aulas de língua adicional (LA)<sup>20</sup> proporciona recursos didáticos para se trabalhar componentes do sistema linguístico, promover participação, cooperação e motivação de maneira criativa (AQUINO, no prelo). O gênero musical não deve, no entanto, ser utilizado apenas como recreação, mas deve se preocupar com o processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno, levando em conta suas necessidades e interesses.

O objetivo principal do trabalho com música foi o de propor abordagens que possibilitem a mediação integrada face a temáticas relevantes para os alunos e, desenvolver competências linguísticas atreladas a estratégias de ensino e aprendizagem de ALA (AQUINO, 2019, p. 33). Por fim, defendemos que é possível oferecer regras claras para o ensino de aprendizagem de PMs por meio de tarefas dinâmicas e material autêntico. Evidenciamos ainda que é importante incentivar uma postura autônoma e reflexiva por parte dos alunos, auxiliando assim a compreensão das funções, usos e significados das PMs.

Nas próximas seções abordaremos o papel das PMs em aulas de ALA, e apresentamos sugestões com duas músicas, que podem ser utilizadas e adaptadas como práticas didáticas para o ensino de PMs.

## **2 As partículas modais alemãs no ensino de ALA**

Nos últimos anos, tem-se observado uma crescente preocupação em se investigar questões voltadas à aquisição de competências pragmáticas e sociolinguísticas, essenciais para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e interculturais em ALA. Neste

---

<sup>20</sup> A designação LA valoriza o contexto social do aluno e possibilita uma visão crítica da língua no processo de aprendizagem. A distinção dentre LE e LA situa-se na questão do contato social da língua alvo aprendida, enquanto o primeiro termo indica que o aprendizado foi desenvolvido fora do convívio social, o segundo refere-se à língua como recurso relevante para a participação em práticas sociais contemporâneas. Assim, o termo LA tem a ver com a utilização de uma língua como meio de integração no cotidiano e convívio social, de modo que ela deixa de ser uma língua estrangeira, e se torna adicional. Consideramos, assim, que a escolha deste termo propicia a concepção de língua próxima e acessível, como um instrumento para reconstrução social.

sentido, a mediação das PMs desempenha um papel importante em aulas de alemão, pois possibilita o uso culturalmente apropriado dos meios linguísticos (HELBIG, 1990; BUSSE, 1992; HEGGELUND, 2001; WEYDT 2003; THURMAIR 2010; AQUINO, 2012).

As PMs são extremamente relevantes para o ensino de ALA, mas a sua mediação pode manifestar dificuldades de aprendizado, já que o seu significado e função não são facilmente transmitidos (THURMAIR, 2010, p. 3). Além disso, muitas vezes as PMs têm pouco espaço nas aulas de língua, aparecendo no livro didático em diálogos e textos de leitura, mas raramente são abordadas explicitamente, especialmente nos níveis iniciais. Assim, é de grande importância criar um ambiente de aprendizado no qual os estudantes possam experimentar os usos e significados modais, para depois utilizá-las livremente na comunicação.

Sugerimos iniciar o ensino das PMs com a delimitação de suas características estruturais. Algumas regras básicas podem ser levantadas e discutidas em sala de aula, como: são palavras que não sofrem flexão; não podem ser negadas; não respondem perguntas; podem ser combinadas com outras PMs; não formam um enunciado sozinhas; estão sintaticamente e gramaticalmente integradas na oração; são posicionadas no campo central (*Mittelfeld*); têm escopo sobre toda a oração; apresentam homônimos não modais em outras categorias; e têm sentido inferencial.

Uma das questões mais importantes para definir a classe de palavras das PMs se refere aos aspectos topológicos, isto é, sua ocorrência em extensões sintáticas delimitadas, no *Mittelfeld* ou Campo central (ABRAHAM, 1991). A divisão por campos (*Feld*) é uma característica da língua alemã e advém da separação da sentença entre rema e tema. Essa divisão funciona como limites verbais (*Satzklammer*) que dividem a oração em campos topológicos ocupados por constituintes da frase.

A análise das PMs também deve ser pautada nas funções nucleares específicas de cada uma delas, que se mantém em todas as suas ocorrências (AQUINO, 2017). Assim, tanto para a prática didática, como para a procura por equivalentes funcionais em outro idioma, recomenda-se a investigação do significado das PMs em um nível mais geral. A discussão da função nuclear das PMs pode ser abordada em todos os níveis de conhecimento em ALA. Apresentamos a seguir as funções nucleares das PMs *doch*, *ja* e *mal* que serão encontradas na análise das músicas na próxima seção:

- (i) *Doch* pressupõe um componente semântico de adversidade ou contradição no sistema inferencial do ouvinte (HENTSCHEL; WEYDT, 1983, p. 269). No exemplo “Der soll mich nach Hause fahren? Der ist *doch* betrunken!”,<sup>21</sup> o falante identifica que o ouvinte não levou em consideração ou não sabe sobre alguma informação relevante para a troca comunicativa, ou seja, estar embriagado torna o ato de dirigir inviável (pela lei e conhecimento comum).
- (ii) *Ja* pressupõe concordância ou conhecimento mútuo entre os interlocutores e também pode indicar surpresa. No exemplo “Die Katze ist *ja* schon gefüttert worden”,<sup>22</sup> o falante utiliza a PM *ja*, pois sabe ou imagina que o seu interlocutor concorda ou sabe sobre tal informação. A PM *ja* também pode indicar uma surpresa, como em “Der Kaffe ist *ja* heiß!”,<sup>23</sup> mas diferentemente da PM *aber*, *ja* indica surpresa que aquilo de fato aconteceu, o falante não esperava que o café estivesse quente, mas sim pronto para beber (WEYDT, 2006, p. 13).
- (iii) *Mal* tem a função de um pedido, ordem ou convencimento. Em “Schau *mal!*”,<sup>24</sup> o falante sinaliza um pedido ou uma ordem, indicando que o ouvinte deve reagir à oração apropriadamente, isto é, olhar para algo. Assim, a PM *mal* direciona o interlocutor para as informações relevantes da proposição, abrindo espaço para a negociação do significado.

A abordagem baseada nas estruturas gramaticais e funções comunicativas é relevante para o ensino de ALA, pois mesmo com um número limitado de partículas, é possível abordar todos os seus usos com diferentes exemplos, que podem ser identificados e treinados em sala de aula. Além disso, análises contrastivas, isto é, a comparação entre orações (com e sem PM ou entre diferentes PMs) são relevantes, pois proporcionam analogias claras sobre a função comunicativa destes elementos. Para a comparação entre orações com e sem PM, apresentamos alguns dos exemplos de Heggelund (2001, p. 6):

---

<sup>21</sup> Ele vai me dar carona pra casa? Mas ele está bêbado!

<sup>22</sup> O gato já foi alimentado né.

<sup>23</sup> Como esse café está quente, né?

<sup>24</sup> Olhe lá!

Das war <i>aber</i> eine Reise <sup>25</sup>	Das war eine Reise
Bist du <i>denn</i> fertig? <sup>26</sup>	Bist du fertig?
Wie war <i>doch</i> ihr Name? <sup>27</sup>	Wie war ihr Name?
Es regnet <i>ja</i> . <sup>28</sup>	Es regnet.
Du bist <i>wohl</i> verrückt! <sup>29</sup>	Du bist verrückt!

Quadro 1 – Comparação de ferramentas de ensino de PMs  
 Fonte: Heggelund (2001, p. 2).

Esses exemplos podem ser debatidos em sala de aula através da análise em diferentes contextos e situações comunicativas. Nos níveis iniciais, as PMs podem ser introduzidas através de usos típicos, servindo, portanto, servir como modelo de linguagem para a prática didática.

Finalmente, defendemos neste trabalho que as PMs devem ser abordadas já no início da aprendizagem e continuar durante todos os níveis, adaptando as abordagens metodológicas. Nos níveis básicos, as aulas devem ser pautadas nos usos e funções típicas de PMs, através da prática com frases padrões, focando especialmente em PMs mais frequentes. Importante é possibilitar ao aprendiz começar a construir regras e utilizá-las de maneira intuitiva. Em níveis avançados é possível introduzir explicações detalhadas e maior número de PMs, assim como a ocorrência em combinação (por exemplo, *doch mal*). Assim, é possível oferecer regras simples e claras em todos os níveis de aprendizagem, para então treinar o uso em diferentes situações, por meio de atividades com linguagem autêntica (AQUINO, no prelo).

<sup>25</sup> Mas que viagem!

<sup>26</sup> Então, você está pronto?

<sup>27</sup> Como é mesmo o seu nome?

<sup>28</sup> Está chovendo, né.

<sup>29</sup> Você só pode ser louco!

Na próxima seção discutiremos sugestões práticas de atividades para ALA através de músicas, que englobam algumas das considerações apresentadas acima.

### **3 Música para o ensino e aprendizagem das PMS**

Segundo Murphey (1990: 53), as músicas trabalham ativamente com a memória de longo prazo, ideia que é corroborada pelo fenômeno “a canção não sai da minha cabeça”. Estudos nas áreas de neurologia, neuropsicologia e neurolinguística defendem que a assimilação musical ocorre no hemisfério direito do cérebro, ao passo que a linguística ocorre no esquerdo, indicando haver uma relação complexa entre o processamento de língua e música. Assim, o trabalho com música ajuda tanto nas estratégias da compreensão oral, como na elaboração de estruturas e significados na língua-alvo, permitindo ao aprendiz uma maior consciência linguística.

O trabalho com o gênero musical permite o desenvolvimento de diferentes atividades de recepção (ouvir, ler), produção (escrever, falar) e suas estratégias. As formas de recepção, geralmente conhecidas como global, seletiva, detalhada, direcionada e não orientada podem ser treinadas nos projetos com música, com o texto oral e escrito. Não obstante, ainda é possível o desenvolvimento de estratégias cognitivas com a interpretação do contexto para a compreensão de palavras desconhecidas, análise da derivação e composição morfológica das palavras, ativação de conhecimentos anteriores (linguísticos e/ou contextuais), entre outros.

Neste sentido, acreditamos que o trabalho com música pode auxiliar na mediação das PMs por apresentarem exemplos de linguagem autêntica e por incentivarem o desenvolvimento de estratégias de compreensão e produção em língua alemã. As análises apresentadas a seguir servem como exemplos iniciais, que podem ser adaptados dependendo do contexto de aprendizagem.

Como já mencionado, os aprendizes podem assimilar as PMs de maneira intuitiva, mas é essencial o desenvolvimento de explicações e materiais adequados para o reconhecimento das funções comunicativas e classificação gramatical destas palavras modais. Consequentemente, a escolha do material é essencial, pois deve incentivar a comunicação e proporcionar um ambiente aberto e criativo. Não obstante, recomenda-se que os professores trabalhem conjuntamente com os aprendizes, para explorar diferentes atividades e ferramentas, fomentando um aprendizado autônomo e inclusivo para a compreensão da língua.

### 3.1 *zeiDverschwÄndung (Die Ärzte)*

Com essa canção é possível abordar diferentes aspectos linguísticos e questões socioculturais. Pela grande ocorrência, o trabalho com as PMs também é facilitado, apresentando diferentes contextos e a possibilidade de exercícios e comparações contrastivas. A seguir vamos discutir alguns trechos contendo as PMs *doch*, *ja* e a co-ocorrência entre *doch* e *mal* retiradas da letra da música:

- (1) *Doch* du bist nie zufrieden, du gibst nie niemals Ruh  
Es gibt soviel zu sehn, es gibt *doch* soviel zu lern<sup>30</sup>
- (2) Ich geb' *ja* zu unsere Karriere ist uns gut gelungen<sup>31</sup>
- (3) Lies *doch mal* ein Buch oder zieh dein Studium durch<sup>32</sup>

O primeiro exemplo (1) possibilita a análise dos usos modais e não modais da palavra *doch*. Na primeira oração *doch* não tem função modal, mas sim de conjunção, com significado semelhante a *aber* (mas). Ao analisarmos as informações contextuais, vemos que o primeiro *doch* não tem escopo em toda oração, mas liga-se apenas a dois elementos, o trecho anterior da música<sup>33</sup> e *zufrieden sein* (estar satisfeito). Assim, a função de *doch* não modal é de ligação entre duas informações, sem uma dependência contextual específica. E, finalmente, as questões topológicas ajudam a certificar que a função de *doch* na primeira oração não é modal, isto é, não se encontra no campo central, entre o rema e o tema.

Já no segundo exemplo, a PM *doch* está localizada no campo central e tem escopo na frase toda, ou seja, não está ligada apenas a elementos específicos na oração, mas tem um significado que depende da análise contextual. Como apresentado anteriormente, a PM *doch* pressupõe um componente semântico de adversidade ou contradição, assim, em “es gibt *doch* soviel zu lernen”, o falante indica que o ouvinte não levou em consideração uma informação, isto é, que existem muitas coisas boas e interessantes pra fazer e

---

<sup>30</sup> Mas você nunca está satisfeito, você não deixa pra lá. Existem tantas coisas pra ver, ainda mais para aprender.

<sup>31</sup> Eu vou ter que admitir, a nossa carreira foi bem-sucedida.

<sup>32</sup> Vai lá ler um livro então, ou terminar os seus estudos.

<sup>33</sup> Anexo 1.

aprender na vida, e que eles deveriam fazer isso, e não ficar escutando a música da banda. Um exercício relevante para a sala de aula seria a análise da oração com e sem a PM *doch*, ou ainda, com duas PMs diferentes (por exemplo, *ja* e *doch*), dando espaço para que os alunos levantem hipóteses acerca do uso das PMs em diferentes contextos.

O segundo exemplo (2) apresenta a ocorrência da PM *ja*, que pressupõe concordância ou conhecimento mútuo entre os interlocutores. Em “Ich geb' *ja* zu unsere Karriere ist uns gut gelungen”, é preciso averiguar o contexto anterior, onde o falante, no caso o cantor, afirma que existem coisas melhores pra fazer do que apenas ouvir a música da banda die Ärzte. Com o uso da PM *ja*, o falante admite que a carreira da banda deu certo, pelo contexto entendemos que isso foi possível pela fidelidade dos fãs. Assim, a PM *ja* tem a função de indicar que o locutor precisa concordar, “dar o braço a torcer” que um conhecimento mútuo, entre ele e os fãs, é válido.

Além dos exercícios de contraste entre diferentes PMs, o exemplo 2 permite que o professor discuta acerca dos usos modais em português, incentivando os alunos a levantar hipóteses sobre a interpretação em análises contrastivas. Sugestões de equivalentes funcionais seriam o uso de *que*, *né* ou *mas*, como: “Eu vou ter *que* admitir”, “Eu tenho *que* admitir *né*”, “*Mas* eu tenho *que* admitir”.

O terceiro exemplo (3) possibilita o trabalho com duas PMs e sua co-ocorrência, isto é, *doch mal*, uma combinação frequente entre duas PMs, tanto no uso da língua como nos livros didáticos. Sobre as funções de cada PM sabemos que *doch* indica um componente semântico de adversidade ou contradição, e *mal* tem a função de um pedido, ordem ou convencimento. Uma das regras principais de co-ocorrência é que ambas as PMs mantêm a sua função nuclear, mas a primeira carrega o significado principal. Neste sentido, podemos analisar o exemplo “Lies *doch mal* ein Buch” observando a função de cada uma das PMs e depois seu significado em conjunto. A contradição de *doch* está situada na indicação do falante que seu interlocutor não levou em consideração que existem outras opções melhores do que ser fã da banda, como ler um livro. Com *mal*, o falante sinaliza um pedido ou ordem, procurando incitar o ouvinte a realizar uma ação. Usadas em co-ocorrência, as PMs trazem o significado de uma contradição juntamente com uma ordem, ou seja, você deveria fazer algo que não havia levado em consideração.

Neste trecho da música além do trabalho contrastivo entre PMs, pode-se novamente analisar os usos modais na língua portuguesa, no intuito de melhor compreender os usos em alemão. Evidenciamos que análises contrastivas em busca de um equivalente funcional em outras línguas sempre devem ser acompanhadas da

observação do contexto específico. Alguns exemplos de usos modais em língua portuguesa para a interpretação dessa oração seriam: “Vai *lá* ler um livro *então*”, “Mas vai *ai* ler um livro”, “Pegue um livro para ler *então*”, entre outros. Mais exemplos de atividades com PM e, análises contrastivas alemão-português, podem ser encontrados em “O ensino das partículas modais alemãs: estratégias didáticas em ALE” (AQUINO, no prelo) e “Partículas Modais em alemão e seus equivalentes funcionais em português brasileiro: proposta de análise e classificação para o uso” (AQUINO, ARANTES, no prelo).

### 3.2 *Fühlt sich wie fliegen an* (Max Herre ft. Cro)

Essa música apresenta diferentes aspectos positivos para o trabalho em sala de aula, como a letra, o ritmo, o videoclipe e a temática. No entanto, algumas desvantagens seriam o fato de que a letra é longa, cantada rapidamente e apresenta um vocabulário mais complexo para uma turma iniciante.<sup>34</sup> A nossa sugestão seria, portanto, o trabalho com apenas alguns trechos da música utilizando o programa *Kahoot*,<sup>35</sup> uma plataforma online gratuita que possibilita a realização de tarefas por meio de perguntas em estilo quiz. O seu uso em sala de aula demanda uma conexão à Internet e um computador ligado ao projetor, de forma que as questões apareçam na tela. Os alunos realizam as atividades simultaneamente por meio do aplicativo móvel, que exibe símbolos correspondentes a cada opção de resposta. Para acessar a atividade, basta que se insira o código exibido na tela inicial.

Para o trabalho com a PM *ja* no *Kahoot* escolhemos realizar uma tarefa contrastiva, no qual as opções de interpretações dos trechos em língua portuguesa deveriam ser selecionadas, como veremos nos exemplos abaixo:

---

<sup>34</sup> Anexo 2.

<sup>35</sup> Acessível em <https://kahoot.com/>






	Você bem sabe onde eu estou	✓
	Você sabe onde eu estou	✗
	Você nem sabe onde eu estou	✗

Figura 1: Pergunta do quiz para a PM *ja* na música *Fühlt sich wie fliegen an*

Fonte: Aquino (no prelo)

No trecho selecionado vemos a ocorrência da PM *ja* em alemão. As respostas apresentam sugestões para a sua interpretação em português, sendo que apenas uma delas (*Você nem sabe onde eu estou*) estaria incorreta em comparação com a oração original. Nas outras duas respostas apenas em uma há a procura por um equivalente funcional em língua portuguesa para a PM *ja*, isto é, *bem*.

A PM *ja* tem uma função nuclear que pressupõe concordância ou conhecimento mútuo entre os interlocutores, mas também pode indicar uma surpresa. No exemplo “Du weißt ja wo ich bin”, o falante utiliza a PM *ja*, pois sabe ou imagina que o seu interlocutor concorda ou sabe sobre tal informação. Em português teríamos, neste contexto, o uso modal de *bem* ou *bem que*.

Esta questão oferece, portanto, a oportunidade para a mediação acerca dos usos modais e pragmáticos, tanto em língua alemã, como em língua portuguesa, explorando os diferentes usos da linguagem para a negociação de significado entre os interlocutores.

#### 4 Conclusão

As PMs são recursos linguísticos imprescindíveis na língua alemã, essenciais para o ensino e aprendizagem de ALA e para a comunicação intercultural. A este respeito, o uso de PMs pode desempenhar um papel relevante no ensino de língua alemã. Segundo Weydt (2003, p. 13) a mediação das PMs em ALA deve ser feita levando-se em consideração as necessidades dos estudantes, como o nível de conhecimento, quão relevante é sua aprendizagem, o interesse pessoal, qual o uso da LA e quais exercícios e materiais devem ser aplicados para uma mediação motivadora. A escolha do material

didático é, portanto, de grande importância e deve abarcar diferentes usos e inferências contextuais necessários para a interpretação destas palavras.

Defendemos neste trabalho, que mesmo sendo um tema complexo, as PMs podem ser abordadas já no início da aprendizagem e continuar durante todos os níveis, adaptando-se as abordagens metodológicas. Neste sentido, as atividades com música são relevantes por apresentar linguagem autêntica, permitindo abarcar os interesses e necessidades dos alunos, incluindo aspectos socioculturais da língua e cultura alemã, além de apresentar uma grande frequência e diferentes usos das PMs.

Finalmente, estudar uma LA não se restringe apenas à investigação dos aspectos lexicais e gramaticais. O conhecimento pragmático auxilia o estreitamento das relações sociais e linguísticas entre brasileiros e falantes de alemão, fazendo com que o aprendiz tenha maior compreensão da língua, como ela é falada e utilizada naquela sociedade. Neste sentido, as PMs são elementos de grande importância no ensino e aprendizagem de ALA, e podem ser mediadas de formas sistematizadas e dinâmicas, com a aplicação de regras e atividades relevantes.

## Referências

- ABRAHAM, Werner. Discourse particles in German: how does their illocutive force come about? In: ABRAHAM, W. (Ed.). *Discourse particles: descriptive and theoretical investigations on the logical, syntactic, and pragmatic properties of discourse particles in German*. Amsterdam: Johns Benjamins, 1991b. p. 203-252.
- ABRAHAM, Werner.; LEISS, Elisabeth. *Modality and theory of mind elements across languages*. Berlin: De Gruyter, 2012.
- AQUINO, Marcell. *A função dinâmica das partículas modais alemãs doch e ja no ensino de línguas*. 2012. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- AQUINO, Marcell. O questionário como ferramenta de ensino de partículas modais alemãs. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 20, n. 32, p. 156-179, 2017.
- AQUINO, Marcell. Projeto Novela: uma abordagem comunicativa e intercultural no ensino de alemão como língua estrangeira. *Pandaemonium Germaicum*, São Paulo, v. 22, n. 38, set.-dez. 2019, p. 31-47.
- AQUINO, Marcell. O ensino das partículas modais alemãs: estratégias didáticas em ALE. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada* (no prelo).
- AQUINO, Marcell. Mudando o ritmo das aulas de música com o Kahoot: um relato de experiência e sugestões didáticas para o ensino de alemão como língua adicional. *Pandaemonium Germanicum*. No prelo.

- AQUINO, Marcell.; ARANTES, Poliana. Partículas Modais em alemão e seus equivalentes funcionais em português brasileiro: proposta de análise e classificação para o uso Pandæmonium Germanicum. São Paulo, v. 23, n. 40, p. 166-190, 2020.
- BUSSE, Dietrich. Partikeln im Unterricht Deutsch als Fremdsprache. In: *Muttersprache*, 102, 1, p. 37-59, 1992.
- DUDEN. *Die Grammatik*. Völlig neu erarbeitete und erweiterte Auflage. Band 4. Mannheim/Leipzig/ Wien/ Zürich: Dudenverlag 2016.
- HEGGELUND, Kjell. Zur Bedeutung der deutschen Modalpartikeln in Gesprächen unter besonderer Berücksichtigung der Sprechakttheorie und der DAF-Perspektive. *Linguistik Online*, Berna, v. 9, n. 2, 2001. DOI: <https://doi.org/10.13092/lo.9.969>
- HELBIG, Gerhard. *Lexikon deutscher Partikeln*. 2. ed. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 1990.
- HELBIG, Gerhard; BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik*. 5. Auflage. Berlin: Langenscheidt. 2001, p. 305-319 e 430-439.
- HELBIG, G.; KÖTZ, W. *Die Partikeln*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 1991.
- HENTSCHEL, Elke.; WEYDT, Harald. Der pragmatische Mechanismus: denn und eigentlich. In: WEYDT, H. (Ed.). *Partikeln und Interaktion*. Tübingen: Niemeyer, 1983. p. 263-273.
- KRIVONOSOV, A. Zum Problem der Klassifizierung der deutschen Partikeln. In: WEYDT, Harald. (Ed.). *Sprechen mit Partikeln*. Berlin: De Gruyter, 1989. p. 30-38.
- MURPHEY, TIM. *Song and music in language learning: an analysis of pop song lyrics and the use of song and music in teaching English to speakers of other languages*. Bern, Frankfurt am Main, New York, Paris: Peter Lang, 1990.
- THURMAIR, Maria. Alternative Überlegungen zur Didaktik von Modalpartikeln. *Deutsch als Fremdsprache*, Regensburg, v. 47, n. 1, p. 3-9, 2010.
- WEYDT, Harald. *Abtönungspartikel: die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen*. Berlin: Gehlen, 1969.
- WEYDT, Harald. *Kleine deutsche Partikellehre: ein Lehr- und Übungsbuch für Deutsch als Fremdsprache*. Stuttgart, 1983.
- WEYDT, Harald. (Warum) Spricht man mit Partikeln überhaupt höflich? In: HELD, G. (Ed.). *Partikeln und Höflichkeit*. Frankfurt: Peter Lang, 2003. p. 13-39.
- WEYDT, Harald. What are particles good for? In: FISCHER, K. (Ed.). *Approaches to discourse particles (Studies in pragmatics 1)*. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 205-218.

## **Anexos**

### **Anexo 1: ZeiDverschwÄndung (Die Ärzte)**

Du surfst den ganzen Tag schon durch das weltweite Netz  
 In der Hoffnung das vielleicht da irgendeiner was petzt  
 Einer der deinen Göttern näher ist als du  
 Doch du bist nie zufrieden, du gibst nie niemals Ruh  
 Es gibt soviel zu sehn, es gibt doch soviel zu lern'  
 Hast du nichts besseres zu tun als die die ärzte zu hörn

Es gibt soviel schöne neue Musik, auch deutsch gesungen  
 Ich geb' ja zu unsere Karriere ist uns gut gelungen

Doch manchmal ist es an der Zeit weiterzugehen  
Du kannst doch nicht dein Leben lang nur auf eine Band steh'n  
Es war ein Fehler uns Liebe und Treue zu schwör'n  
Denn es gibt Besseres zu tun als die, die Ärzte zu hör'n

Lies doch mal ein Buch oder zieh dein Studium durch  
Werde Terrorist und verbreite Angst und Furcht  
Such dir wenigstens 'ne Gruppe die gut aussieht und rockt  
Sieh ein das der Kult um uns schon lang nicht mehr schockt  
Jetzt wird es Zeit dein' Player von unseren Songs zu leer'n  
Denn es gibt Besseres zu tun - es gibt auch schlechteres zu tun

Aber es gibt doch nichts Besseres zu tun  
Als  
Die Ärzte zu hör'n, die Ärzte zu hör'n  
Die Ärzte zu hör'n, die Ärzte zu hör'n

### **Anexo 2: Fühlt sich wie fliegen an (Max Herre ft. Cro)**

Uh, Mädchen, wollen wir tanzen gehen  
Nimm den Rücken von der Wand  
Die Nacht ist jung und du bist schön  
Und ich hab all mein Mut zusammen  
Uh, Mädchen, schenk' mir noch einen Blick  
Und ich ertrink' darin  
Und wenn ich auf dem Grund ankomm'  
Du weißt ja wo ich bin

Ich lass mich fallen  
Ich fall' in dich hinein  
Es fühlt sich wie fliegen an  
So leicht muss Liebe sein  
So leicht muss Liebe sein

Uh, Mädchen, sag nur ein Wort  
Es kann 'n ganz kleines sein  
Nur eins, das vom Herzen kommt  
Und ganz für mich allein

Mädchen, komm flieg mit mir  
Lass dich in meinen Himmel fallen  
Ich fang' dich in meinem Wolkenbett  
Du bist die Schönste hier von allen

Ich lass mich fallen  
Ich fall' in dich hinein  
Es fühlt sich wie fliegen an  
So leicht muss Liebe sein  
So leicht muss Liebe sein

Oh ho? Hier ist schwer was los  
Doch du schwebst durch den Raum so wie schwere-los  
Wenn du siehst was ich seh', oh wär' das groß  
Denn oft gibt's nur die eine, nur die erste Chance und  
Sag mal was ist das, was du in deinem Blick hast?  
Denn deine Augen sprechen, auch wenn du nichts sagst  
Nennen wir das Schicksal, wenn es jetzt "Klick" macht?  
Ich flieg in dich hinein, weil der Himmel dich geschickt hat

Es ist dieser Augenblick  
Du fällst während du in diese Augen blickst  
1000 Meter tief unter der Haut ist  
Alles neu doch alles vertraut  
Lass uns raus hier aus diesem Beton  
Und die grauen Wolken, ach schieb' sie davon!  
Einfach nur weg und nie wieder kommen  
Nimm meine Hand und wir fliegen davon

Ich lass mich fallen  
Ich fall' in dich hinein  
Es fühlt sich wie fliegen an  
So leicht muss Liebe sein

So leicht muss Liebe sein

Uh, Mädchen, komm flieg mit mir

Komm wir fliegen weit weg von hier

Und ich fall' in dich hinein

Ich hab gehört so leicht soll Liebe sein

Ich lass mich fallen

Ich fall' in dich hinein

Es fühlt sich wie fliegen an

So leicht muss Liebe sein

So leicht muss Liebe sein

**Reflexões sobre o Brasil representado em *Gebrauchsanweisung für Brasilien*, de Peter Burghardt**  
**Reflections on Brazil represented in *Gebrauchsanweisung für Brasilien*, by Peter Burghardt**

FERNANDES SOARES, Daniele<sup>36</sup>

**Resumo:** Este artigo consiste em apresentar a obra *Gebrauchsanweisung für Brasilien* (2013) [Manual de uso para o Brasil], escrita pelo jornalista Peter Burghardt, e analisar a representação do Brasil nas passagens escolhidas. Para isso, foram selecionados trechos, nos quais o autor descreve o país, oferece dicas de viagem aos leitores e relata algumas de suas experiências, especialmente no carnaval do Rio de Janeiro, onde assistiu ao ensaio e ao desfile da Unidos da Tijuca em 2013, cujo tema era a Alemanha. As análises de aspectos como a representação do Brasil, o olhar para o Outro e estereótipos estão amparadas nos conceitos-chave da literatura de viagem, da tradução cultural (BHABHA, 1998; BERMAN, 2007) e da domesticação e estrangeirização (VENUTI, 2002). O objetivo deste artigo é estimular a reflexão sobre o modo como uma cultura é traduzida para outra e sobre a influência dessa tradução nas possíveis futuras relações entre as culturas em questão. Além disso, espero que a interpretação que o Outro faz sobre o Brasil contribua para que possamos pensar sobre e por nós mesmos, não mais pela perspectiva eurocêntrica.

**Palavras-chave:** tradução cultural; Peter Burghardt; Brasil

**Abstract:** This paper consists of presenting the book *Gebrauchsanweisung für Brasilien* (2013), written by the journalist Peter Burghardt, and analyzes the representation of Brazil in the chosen excerpts. For this, I selected excerpts, in which the author describes Brazil, offers travel tips to readers and reports some of his experiences in Brazil, especially at Rio de Janeiro's carnival by attending the Unidos da Tijuca's rehearsal and parade in 2013, whose theme was Germany. The analyses of aspects such as how Brazil is represented, the gaze of the Other and stereotypes are supported by the concepts of travel literature, cultural translation (BHABHA, 1998; BERMAN, 2007) and domestication and foreignization (VENUTI, 2002). This paper aims to stimulate the reflection on how one culture is translated into another and the influence of this translation on the possible future relations between these cultures. Furthermore, I hope that the Other's interpretation of Brazil will help us to think about and for ourselves, no longer from the Eurocentric perspective.

**Keywords:** cultural translation; Peter Burghardt; Brazil

---

<sup>36</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: fernandes1daniele@gmail.com

## 1 Introdução

A literatura de viagem, também conhecida como literatura odepórica, sempre desempenhou um papel muito importante no Brasil. Além de constituírem as primeiras literaturas em língua portuguesa escritas no país, as obras do gênero são consideradas importantes fontes documentais, além de objetos de pesquisa de historiadores, cientistas sociais, antropólogos, entre outros pesquisadores. Ao contrário da tendência de ser mais descritiva e objetiva por volta do século XVI, como mostram as cartas trocadas entre Brasil e Portugal logo após o descobrimento, a literatura de viagem produzida no Brasil se tornou cada vez mais subjetiva ao longo do tempo. Desde o século XVI, foram produzidas inúmeras obras com relatos sobre o Brasil, escritas principalmente por viajantes estrangeiros interessados em investigar sobre o “Novo mundo”. Em língua alemã, destacam-se os textos de, entre outros, Hans Staden, Friedrich Gerstäcker, Johan Moritz Rugendas, Johan Baptist von Spix, Karl Friedrich Philip von Martius e, posteriormente, Stefan Zweig, que incluiu em seu livro até mesmo previsões para o futuro do país. A obra tratada neste artigo, *Gebrauchsanweisung für Brasilien* (2013), referida aqui como *Manual de uso para o Brasil* e escrita pelo jornalista alemão Peter Burghardt, retrata o país em 24 capítulos, apresentando aos falantes da língua alemã um Brasil atual por meio de diversos temas como economia, política, cultura, culinária e, claro, futebol e carnaval.

Em *Manual de uso para o Brasil*, Burghardt atua não apenas como autor do livro, mas também como tradutor da cultura brasileira para os falantes de alemão, na medida em que aponta aquilo que acredita ser diferente, semelhante ou estranho, ora aproximando, ora distanciando ou somente apresentando ambas as culturas a partir de sua perspectiva. Para a apresentação na Jornada da Língua Alemã 2019, optei por analisar aspectos específicos nos quais o autor traduz o Brasil, especialmente em um dos 24 capítulos de *Manual de uso para o Brasil*: “Carnaval”, que aborda um dos temas mais recorrentes quando se trata da cultura brasileira. No capítulo, Peter Burghardt assiste ao desfile de 2013 da escola de samba Unidos da Tijuca, do Rio de Janeiro, que homenageou a Alemanha naquele ano, e se depara com a representação da cultura alemã no bloco da escola.

Acredito que esse artigo possa contribuir como instrumento para a reflexão sobre a importância da literatura de viagem e da tradução cultural, uma teoria de tradução abrangente, bem como sobre os diversos papéis que o autor/tradutor desempenha, que vão além de transmitir um texto de uma língua para outra língua: o autor-viajante



apresenta apenas uma das múltiplas perspectivas de uma cultura estrangeira para outra, portanto a escolha (nem sempre consciente) dessa perspectiva e o modo como essa apresentação ocorre, seja na forma de selvagens canibais ou de um país com futuro promissor, seja por meio de domesticação ou estrangeirização, tem grande impacto em como uma cultura percebe a outra e suas relações. Além disso, espero que o olhar do outro contribua para que se possa ampliar as reflexões sobre nós, brasileiros, e sobre nossa cultura para além de uma perspectiva eurocêntrica.

Os conceitos teóricos apresentados aqui estão relacionados principalmente à literatura de viagem, aos processos de tradução, à tradução cultural e à ideia de estrangeirização e domesticação apresentados em Berman (2007), Bhabha (1998), Pym (2017) e Venuti (2002). Os trechos de *Manual de uso para o Brasil* serão apresentados em português, todos traduzidos pela autora deste artigo, com seu respectivo trecho no original em alemão em notas de rodapé. Além da introdução, o artigo é composto por mais quatro partes: Autor e obra, na qual apresento Peter Burghardt e *Manual de uso para o Brasil*; Literatura de viagem, onde apresento o gênero literário, suas características e algumas obras; em Tradução cultural, trato apresento essa teoria de tradução e seus teóricos. A seção O Brasil em *Manual de uso para o Brasil* refere-se às análises dos aspectos escolhidos em si. Por fim, estão as considerações finais do artigo.

## **2 Autor e obra**

Peter Burghardt nasceu em 1966 em Munique, na Alemanha, onde estudou Ciência Política. Depois de trabalhar por alguns anos como jornalista *freelancer*, começou a trabalhar em 1994 como redator do departamento de esportes do jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*, um dos jornais mais influentes do país. Em 1996, Peter Burghardt viaja para Lima, no Peru, para noticiar sobre o famoso sequestro de ilustres reféns, entre eles diplomatas, políticos, militares e executivos, realizado por 14 guerrilheiros do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA) na embaixada japonesa. Com apoio do programa de bolsas de estudo da IJP (*Internationale Journalisten-Programme e.V.*), uma organização alemã de programas internacionais de incentivo a novos jornalistas, colaborou por três meses no jornal mexicano *Reforma*, na Cidade do México. Trabalhou em 1999 pelo Departamento de Políticas Externas como correspondente de guerra na região que atualmente pertence à Macedônia e ao Kosovo. Mais tarde atuou como correspondente do *Süddeutsche Zeitung* em Madri. Peter Burghardt mudou-se em 2006

para Buenos Aires, onde trabalhou como correspondente ainda pelo *Süddeutsche Zeitung*, sendo responsável por cobrir os acontecimentos na América do Sul e, portanto, com maior contato com o Brasil e sua cultura. Retornou à Alemanha em 2015 para trabalhar pelo mesmo jornal, mas agora no escritório em Hamburgo, onde atua até hoje.

Além de *Manual de uso para o Brasil*, Peter Burghardt escreveu os livros *Die Metropole der langen Nächte: Madrider Eigenheiten* (2003) [A metrópole das noites longas: particularidades de Madri] e *Gebrauchsanweisung für Mexiko* (2017) [Manual de uso para o México]<sup>37</sup>, este último pertencente à mesma série da obra tratada neste artigo.

*Manual de uso para o Brasil* é um dos guias especiais de viagem da série *Gebrauchsanweisungen* [Manuais de uso] da editora alemã Piper. A série, que teve seu primeiro título publicado em 1978, o *Gebrauchsanweisung für Amerika* [Manual de uso para a América], é atualmente composta por cerca de 120 títulos. Com 3,3 milhões de livros vendidos, ela inclui temáticas diversificadas, desde destinos turísticos como Namíbia, Cuba, Myanmar e Austrália<sup>38</sup>, passando por regiões turísticas alemãs, como Frankfurt, Stuttgart, Bavária, Berlim<sup>39</sup>, até temáticas peculiares, diferentes dos guias de viagem tradicionais, como os guias para ficar em casa, para caminhar, para viajar com crianças, para viajar para o outro mundo<sup>40</sup>. Entre os autores da série estão Juli Zeh, Bruno Jonas, Antje Rávic Strubel e Ilija Trojanow. Sua proposta é abordar de modo literário temas de diferentes áreas, como esporte e lazer, para além dos lugares turísticos habituais, através da perspectiva pessoal e da experiência de cada autor, suas impressões e histórias locais.<sup>41</sup>

Juntamente à publicação da editora Piper, *Manual de uso para o Brasil* recebeu apoio do Governo Federal da Alemanha por meio de uma licença cedida para ser impresso e distribuído pela Agência Federal Alemã para a Educação Política (*Bundeszentrale für politische Bildung*), cuja tarefa é “promover a compreensão de questões políticas, consolidar a consciência democrática e fortalecer a disposição de participação política”<sup>42</sup>.

---

<sup>37</sup> Apesar de ambos os livros não terem sido traduzidos para o português, optei por traduzir os títulos para o português para melhor entendimento.

<sup>38</sup> *Gebrauchsanweisung für Namibia* (2018), *Gebrauchsanweisung für Kuba* (2016), *Gebrauchsanweisung für Myanmar · Burma* (2017) e *Gebrauchsanweisung für Australien* (2014).

<sup>39</sup> *Gebrauchsanweisung für Frankfurt am Main* (2009), *Gebrauchsanweisung für Stuttgart* (2019), *Gebrauchsanweisung für Bayern* (2002), *Gebrauchsanweisung für Berlin* (2015)

<sup>40</sup> *Gebrauchsanweisung fürs Daheimbleiben* (2019), *Gebrauchsanweisung fürs Laufen* (2019), *Gebrauchsanweisung fürs Reisen mit Kindern* (2018), *Gebrauchsanweisung für das Jenseits* (2018)

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.piper.de/buecher/reiseberichte/gebrauchsanweisung>. Acesso em 31/10/2019.

<sup>42</sup> “Die Aufgabe der Bundeszentrale für politischen Bildung (bpb) ist es, Verständnis für politische Sachverhalte zu fördern, das demokratische Bewusstsein zu festigen zur politischen Mitarbeit zu stärken.”

O livro está disponível impresso e em formatos digitais, até o momento apenas em alemão. *Manual de uso para o Brasil* traz a perspectiva e as impressões de Peter Burghardt sobre diferentes acontecimentos no Brasil, bem como sobre a cultura brasileira. Está dividido em 24 capítulos sobre temas como futebol, carnaval, música, política, culinária brasileira, economia, língua, religião, entre outros. O livro apresenta brevemente a história do Brasil, entrevistas com brasileiros conhecidos, pequenas biografias de jogadores de futebol brasileiros famosos, com algumas dicas para os possíveis futuros turistas. A maioria dos fatos presentes no livro ocorreram entre 1986, quando Peter Burghardt visitou o Brasil pela primeira vez, e 2013, ano da publicação do livro.

Peter Burghardt mostra as relações, semelhanças e diferenças entre o Brasil e a Alemanha por meio da língua portuguesa, da cultura e estereótipos brasileiros, a partir de suas experiências como turista no país. O autor se desloca da cultura alemã, na qual está inserido, em direção à uma cultura estrangeira, a brasileira, para posteriormente traduzi-la aos leitores de língua alemã. *Manual de uso para o Brasil* pertence ao gênero da literatura de viagem, tema discutido no capítulo a seguir.

### **3 Literatura de viagem**

A literatura de viagem, seja ela em forma de cartas, guias, relatos de naufrágio, diários, registros de bordo ou afins, ganhou grande importância no Ocidente por volta do século XV, como consequência das expansões marítimas e das viagens dos europeus em busca de um “Novo mundo”, e, em razão disso, está diretamente relacionada à história do Brasil. Com a chegada da caravana de Pedro Álvares Cabral em 1500, as primeiras narrativas em língua portuguesa produzidas no país foram as descrições da terra até então desconhecida, feitas pelos recém-chegados. A Carta de Pero Vaz de Caminha é um exemplo bastante significativo do gênero, considerada por muitos teóricos como a primeira obra literária do Brasil, além de ser o primeiro documento histórico de valor do país, sendo assim uma espécie de certidão de nascimento do Brasil.

Ao longo do tempo, a literatura de viagem foi se transformando conforme sua motivação, finalidade e o contexto histórico no qual estava inserida: a carta de Caminha tendia a ser mais objetiva e descritiva e abordava, entre outros aspectos, os primeiros contatos e o primeiro escambo com os índios, além da possível presença de metais

---

Disponível em: <https://www.demokratie-leben.de/wissen/veroeffentlichungen-der-bundeszentrale-fuer-politische-bildung.html>. Acesso em 02/10/2019.

preciosos na colônia portuguesa. Em contrapartida, a partir do século XVI, muitas viagens foram feitas, sobretudo com o objetivo de adquirir conhecimento científico e/ou de satisfazer algum desejo do próprio viajante. Independente se de caráter objetivo ou subjetivo, não se pode negar que a literatura de viagem abriu e abre as portas de mundos desconhecidos para outros viajantes e outras culturas, conforme aponta Junqueira (2011):

(...) uma viagem — particularmente o relato de viagem — funciona como inspiração para outras jornadas desde tempos remotos. A curiosidade sobre terras distantes e homens que viviam de forma distinta aguçou espíritos aventureiros, negociantes e pensadores, se pensarmos principalmente nas viagens feitas por ocidentais. Alguns relatos de viagem são, dessa maneira, textos muito influentes e, por conseguinte, mobilizadores (JUNQUEIRA, 2011, p. 49).

Com o passar do tempo, esse gênero literário passou a ser cada vez mais subjetivo: o autor-viajante propõe-se não apenas a descrever o desconhecido com uma determinada finalidade, mas a revelar sua reflexão sobre o seu lugar de estrangeiro em um espaço novo. Tais transformações na literatura de viagem permitem que esse gênero contribua em pesquisas de diferentes disciplinas, entre elas a literatura, a história, a antropologia social, bem como a tradução cultural.

Desde o descobrimento do Brasil, diversos autores-viajantes europeus escreveram sobre o país, principalmente em língua alemã, por exemplo, Hans Staden, que apresentou o Brasil como um país de selvagens canibais, Stefan Zweig com *Brasil, um país do futuro* (1941) que, ao contrário de Staden, deu maior destaque aos aspectos positivos do Brasil e às características da cultura, história e economia brasileiras, apesar de sua leitura do país ser bastante naiv. Assim como Stefan Zweig em *Brasil, um país do futuro*, em *Manual de uso para o Brasil* (2013), Peter Burghardt retrata o país a partir de uma perspectiva bastante pessoal. Na obra, o autor-viajante apresenta ao público alemão um Brasil contemporâneo através de acontecimentos desde a hiperinflação no final da década de 80, até onda de protestos em junho de 2013.

#### **4 Tradução cultural**

Conforme explicou Aubert (1995), o ato tradutório não se resume apenas a transcodificações do léxico e da sintaxe de uma língua para outra, mas compreende também a cultura das sociedades em questão, ainda que isso ocorra em diferentes graus. Assim, o ato tradutório, além de ato linguístico, pode ser definido como “objeto de

reflexão e de uso antropológico, sociológico, psicológico, comunicativo, ideológico, neurológico (...), comercial e jurídico”. Uma vez que a tradução pode ser entendida para além da língua e da linguagem, é possível pensar sobre uma tradução cultural.

Carlos Rincón (1999) retoma as duas ascendências teóricas da tradução cultural: por um lado está a Antropologia Social Britânica, de Godfrey Lienhardt a Ernest Gellner, com foco no estudo sociocultural. Neste contexto, a cultura estrangeira é analisada e descrita a partir da abordagem da etnografia, onde o termo tradução cultural foi utilizado pela primeira vez. Por outro lado, estão as reflexões anti-hermenêuticas de Walter Benjamin em “A tarefa do tradutor” (2012). A partir de Benjamin, a cultura “se apresenta como lugar ou espaço instável de passagem entre línguas, de cruzamento de identidades, de desestabilização de referências culturais: aquele lugar (*Location*) onde as culturas se traduzem entre si” (RINCÓN, 1999, p. 351).

Em Explorando as teorias da tradução (2017), Pym dedica um capítulo à tradução cultural, descrevendo-a como uma “atividade geral de comunicação entre grupos culturais”. No livro, o teórico afirma que “a tradução cultural pode ser entendida como um processo no qual não existe texto de partida e, em geral, não existe um texto de chegada fixo”. O que está em evidência na tradução cultural são os processos culturais e a circulação de pessoas, não apenas a circulação de textos e o produto da tradução em si e, por isso, esse conceito de tradução se dá a partir da perspectiva do tradutor, não das traduções.

A atividade de comunicação entre culturas abre lugar para outros conceitos e paradigmas, sendo um deles referente à subjetividade do tradutor. O tradutor inevitavelmente acaba por mostrar-se na tradução da cultura estrangeira para a sua própria cultura, na medida em que a manifestação de sua experiência vivencial e subjetiva confere um caráter particular ao modo como uma sociedade vê a outra, muitas vezes destacando a posição privilegiada de colonizador do autor-viajante, como é o caso da carta de Caminha. De certo modo, pode-se afirmar que a tradução e o tradutor atuam de forma semelhante à narrativa e ao narrador retratados por Benjamin (2012) em O narrador:

Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 2012, p. 221).

Outro paradigma está relacionado ao lugar do tradutor. Ao longo dos processos de tradução cultural, ele pode esforçar-se em permanecer o mesmo, assim como era quando estava inserido em sua cultura inicial, ou procurar se integrar à cultura estrangeira ao cruzar a fronteira imaginária entre elas. No entanto, por não ser possível desvencilhar-se completamente de suas origens e se inserir por completo em uma outra cultura, na tentativa de fazer com que uma cultura seja não somente aceita, mas compreendida por uma outra, o tradutor concebe e ocupa uma espécie de “terceiro espaço”, um “entrelugar” de contato e diálogo entre as duas culturas em questão:

Os conceitos ligados à tradução cultural podem complementar outros paradigmas ao destacar a posição intermediária do tradutor, o hibridismo cultural que pode caracterizar essa posição, os movimentos transculturais que moldam os lugares onde os tradutores trabalham e a natureza problemática das fronteiras culturais pelas quais transita toda tradução (PYM, 2017, p. 265).

Há um cruzamento entre duas culturas denominado hibridismo cultural, cujo objetivo não consiste em uma representação idêntica da cultura de partida ou de chegada, visto que as culturas não se refletem umas nas outras como em um espelho. Segundo Bhabha (1998), “a ênfase está em fazer a ligação através dos elementos instáveis da literatura e da vida — o arriscado encontro marcado com o ‘intraduzível’ — em vez de chegar a nomes prontos” (PYM, 2017). É preciso traduzir esse “intraduzível”: está em questão o que pode haver em comum entre uma cultura e outra e como a tradução cultural pode ser realizada. Enquanto algumas culturas têm muitos pontos de contato significativos, outras podem ser tão diferentes que a busca por um equivalente apresente uma dificuldade que impeça a comunicação ou distorça de tal modo que seja comunicado o contrário do que se desejava inicialmente. Uma vez que não há correspondência perfeita entre culturas diferentes ou com frequência até mesmo dentro da própria cultura, as múltiplas traduções possíveis estão sempre sujeitas a conflitos, mal-entendidos e equívocos.

Outra questão pertinente à tradução cultural é como ela deve funcionar na cultura de chegada; nos termos utilizados por Venuti (2002), trata-se da dicotomia “domesticação” (*domestication*), que visa ocultar as diferenças culturais ao adaptar tudo à cultura de chegada, e “estrangeirização” (*foreignization*), que mantém o estrangeiro do texto original e da cultura de partida, causando um certo estranhamento ao leitor. Berman (2007) critica a tendência de domesticar uma cultura a fim de tornar a leitura fluente e

defende uma tradução ética, que “consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro”. A tradução cultural coloca a questão sobre como uma cultura pode dialogar com outra, levando em consideração aquilo que as aproxima e as afasta, bem como os conflitos surgidos a partir desse diálogo. Em geral, é preciso escolher uma tradução que priorize ou a diversificação ou a padronização da cultura estrangeira. Apesar dessa decisão não ser necessariamente uma decisão (consciente) do tradutor (em muitos casos, não cabe a ele, mas à editora), ela pode exercer grande influência positiva ou negativa sobre ambas as culturas, por exemplo, ao evidenciar as relações entre o Brasil e a Alemanha, reforçar ou quebrar estereótipos dos brasileiros ou alemães, ou apontar para a necessidade de se pensar sobre si mesmo e sobre o outro.

## 5 O Brasil em *Manual de uso para o Brasil*

### 5.1 Geografia

Enquanto alguns topônimos são dados apenas em alemão, como *Bolivien*, *Argentinien etc.*, ou somente em português, muitos deles são apresentados em português, traduzidos literalmente para o alemão e/ou associados a outras referências ao longo da obra, como mostra o seguinte trecho:

Recife significa *Riff* em alemão e, por causa de seus rios e pontes, a cidade também é chamada, com um leve exagero, de Veneza Brasileira. O centro histórico embolorado tinha um charme mórbido e a praia de Boa Viagem um toque de *Miami Beach* (BURGHARDT, 2013, p. 10).<sup>43</sup>

Ainda que dentro do contexto brasileiro a palavra Recife não seja imediatamente associada à massa de rochas, de coral ou de um banco de areia estendido, que se encontra nas proximidades da costa<sup>44</sup>, conforme sua definição no dicionário Michaelis, mas sim primeiramente à capital do estado de Pernambuco, Burghardt recorre à tradução literal, evocando assim um sentido que estava de certa forma encoberto. Berman (2007) classifica esse tipo de movimento como explicitação, isto é, “a manifestação de algo que não é aparente, mas ocultado ou reprimido no original”. O mesmo pode ser verificado quando o autor escreve sobre a praia de Boa Viagem, conforme mostrado no trecho, e em

---

<sup>43</sup> Recife bedeutet Riff und wird wegen seiner Flüsse und Brücken in leichter Übertreibung auch brasilianisches Venedig genannt. Die modrige Altstadt hatte morbiden Charme und das Strandrevier Boa Viagem (Gute Reise) einen Hauch von Miami Beach (BURGHARDT, 2013, p. 10).

<sup>44</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/recife/> Acesso em 20/11/2019.

outras ocorrências no texto. No entanto, não há em nenhum momento qualquer tradução de “Rio de Janeiro”, por exemplo, possivelmente por ser esse um dos topônimos brasileiros mais lembrados no exterior.

O eu (neste caso, a cultura e a língua alemãs) está não apenas explícito, mas em alguns trechos mostra-se como a lente através da qual se fala sobre o Outro, sobre o Brasil. Para expressar o tamanho do Brasil, por exemplo, o autor utiliza a Alemanha como unidade de medida em vez de km<sup>2</sup>, unidade padrão para área, e aproxima a fronteira entre os dois países:

O Brasil tem 24 vezes o tamanho da Alemanha. Em comprimento, o país abrange desde o Chuí na fronteira do Uruguai até o Monte Caburaí no limite com a Venezuela — antigamente Oiapoque era considerada a cidade mais ao norte, do outro lado do rio está a Guiana Francesa e a União Europeia<sup>45</sup> (BURGHARDT, 2013, p. 12).

O autor também aproxima e compara o Brasil a outros países ao citar o país fictício Belíndia, conhecido através da fábula *O rei da Belíndia* (1974), escrita pelo economista brasileiro Edmar Lisboa Bacha. Segundo Burghardt, “O Brasil era visto como Belíndia: uma mistura de elite e desenvolvimento à la Bélgica e pobreza e atraso à la Índia”<sup>46</sup>.

## 5.2 Manual

*Manual de uso para o Brasil* também inclui palavras em português, como mostrado anteriormente em algumas notas com os trechos no original. A não tradução de determinados termos para o alemão e a inserção de palavras ou trechos em português, além de provocarem um certo estranhamento no leitor de língua alemã, também cumprem, de certa forma, parte da função didática de um manual “tradicional”.

Ao longo do capítulo, *Carnaval* apresenta um vasto vocabulário em português relacionado ao tema, algumas vezes incluindo a tradução e/ou até mesmo a definição em alemão de, por exemplo, “sambódromo”, “trio elétrico”, “carnavalesco”. O samba-enredo

---

<sup>45</sup> Brasilien ist 24-mal so groß wie Deutschland.

Es reicht in seiner Länge von Chuí an Uruguays Grenze bis zum Monte Caburaí an der Schwelle zu Venezuela — früher galt Oiapoque als nördlichster Ort, auf der anderen Seite des Flusses liegen Französisch-Guayana und die Europäische Union (BURGHARDT, 2013, p. 12).

<sup>46</sup> Brasilien galt als Belindia, eine Mischung aus Elite und Entwicklung à la Belgien und Armut und Rückstand à la Indien (BURGHARDT, 2013, p. 10).



(outro termo presente em português no texto original) da Unidos da Tijuca é dado em português e traduzido para o alemão quase que por completo:

“Um raio rasgando o céu cruzou o Borel é trovoada, na velocidade da luz é o filho de Odin anuncia a Alemanha encantada, na fantasia de um mundo imortal, seres, magia do meu Carnaval”, cantava a banda com os bateristas. “*Ein Blitz zerriss den Himmel und kreuzte Borel, es ist ein Gewitter, in Lichtgeschwindigkeit kündigt der Sohn Odins das zauberhafte Deutschland an, in der Phantasie einer unsterblichen Welt, Wesen, Magie meines Karnevals*”<sup>47</sup> (BURGHARDT, 2013, p. 88).

A tradução que Peter Burghardt faz do Brasil muitas vezes transpassa a ideia primeira da tradução cultural em descrever e dialogar com o Outro ao instrui como se comunicar com ele. O autor ensina como os alemães podem realizar o primeiro contato com os brasileiros: “polegar para cima e duas palavras: tudo bem (se pronuncia “tudu beng”), *alles klar*, ou tudo joia, *alles Schmuck*, ou tudo beleza, *alles Schönheit*.”<sup>48</sup>. A pronúncia de outras palavras significativas para a cultura brasileira também é ensinada: *Brasilien*: “Bra-si-u”; *Sehnsucht*: “saudaadschi”, entre outras. Além disso, são dados alertas e dicas, elementos característicos dos manuais tradicionais: “tem jeito: *alles lässt sich regeln*”; “No mercado Ver-o-Peso ‘cuidado com o peso’ (e cuidado com sua câmera)”<sup>49</sup>.

### 5.3 Carnaval

Em *Carnaval*, nono capítulo de *Manual de uso para o Brasil*, Burghardt assiste ao ensaio e ao desfile de 2013 da escola de samba carioca Unidos da Tijuca, que escolheu a Alemanha como a homenageada daquele ano. Além de apresentar algumas características dos carnavais brasileiros para os falantes da língua alemã, o autor acompanha o evento e suas preparações, uma representação da Alemanha dentro do carnaval brasileiro. Junto ao tradicional desfile da escola de samba, Burghardt cita e comenta sobre outras diferentes celebrações do carnaval no Brasil: os blocos de rua do

---

<sup>47</sup> *Um raio rasgando o céu cruzou o Borel e trovoada, na velocidade da luz é o filho de Odin, anuncia a Alemanha encantada, na fantasia de um mundo imortal, seres, magia do meu Carnaval* sang die Band mit den Trommlern. „Ein Blitz zerriss den Himmel und kreuzte Borel, es ist ein Gewitter, in Lichtgeschwindigkeit kündigt der Sohn Odins das zauberhafte Deutschland an, in der Phantasie einer unsterblichen Welt, Wesen, Magie meines Karnevals“ (BURGHARDT, 2013, p. 88).

<sup>48</sup> Daumen hoch, dazu zwei Wörter: *tudo bem*, gesprochen „tudu beng“, *alles klar*, oder *tudo joia* (sic), *alles Schmuck*, oder *tudo beleza*, *alles Schönheit* (BURGHARDT, 2013, p. 10).

<sup>49</sup> Auf dem Markt Ver-o-Peso, „Achte aufs Gewicht“ (und achte auf deine Kamera) (BURGHARDT, 2013, p. 12).

Rio de Janeiro, o Festival Folclórico de Parintins e os trios elétricos na Bahia, conforme mostra o trecho abaixo:

Mas não acontece tão rápido assim, a embriaguez anarquista começa antes da hora — quando os blocos, os clubes de carnaval, como a Banda de Ipanema passam pelo bairro, e as escolas de samba ensaiam — e vão além da quarta-feira. Em Parintins, na ilha Tupinambarana, na Amazônia, a festa só começa no final de junho até início de julho, quando uma agremiação folclórica azul e outra vermelha competem uma contra a outra com figuras bizarras de bois. Farra do Boi Bumbá é o nome desse duelo arcaico, mas essa é uma outra história. A folia mais estridente durante o Carnaval de fevereiro, por sua vez, aconteceu na Bahia: além dos blocos, também existem comboios com sistemas de alto-falantes de estourar os tímpanos sobre caminhões por Salvador. Esses trios elétricos tocam música de tremer as paredes. “Chuva, suor e cerveja”, canta Caetano Veloso, “*Regen, Schweiß und Bier*” (BURGHARDT, 2013, p. 83 – 84).<sup>50</sup>

O carnaval é apresentado para além de suas variedades e questões de caráter estético. O autor comenta alguns aspectos econômicos, diplomáticos, ambientais, antropológicos, políticos, entre outros, envolvidos na “festa mais famosa do mundo”<sup>51</sup>. Apesar de se mostrar muito lucrativo, arrecadando milhões de dólares e atraindo milhares de foliões, o carnaval não parece ter resultados muito amigáveis ao meio ambiente: “Em todos os lugares é preciso ter boas condições, o maior negócio ocorre no Rio. Da última vez, os 364.740 foliões, que são os *Karnevalsfreunde*, deixaram 848 milhões de dólares e 1120 toneladas de lixo”.<sup>52</sup>

Burghardt mostra as relações de competição das escolas de samba entre si e de cooperação entre a Unidos da Tijuca e as empresas alemãs para o desfile de 2013. A disputa das escolas pelo título de campeã é acirrada e os esforços para isso são extremos: “Para a multidão, os figurinos e os cenários até a grande final são tão secretos quanto o

---

<sup>50</sup> Ganz so schnell geht es allerdings nicht, der anarchistische Rausch beginnt schon vor dem Termin — wenn die *blocos*, die Karnevalsvereine, wie die Banda de Ipanema durch ihre Reviere ziehen und die Sambaschulen proben - und geht über den Mittwoch hinaus. Parintins (sic) auf der Insel Tupinambarana am Amazonas kommt sogar erst Ende Juni und Anfang Juli in Fahrt, dann treten eine blaue und eine rote Partei mit bizarren Stiermodellen gegeneinander an. *Farra Boi-Bumbá* heißt dieses archaische Duell, aber das ist eine eigene Geschichte. Das schrillste Gelage während des Karnevals im Februar wiederum ereigne sich in Bahia: Dort fahren außer den *blocos* auch Combos mit ohrenzerfetzenden Lautsprecheranlagen auf Lastwagen durch Salvador. Diese *Trios elétricos* (sic) musizieren, dass die Wände wackeln. „Chuva, suor e cerveja“, singt Caetano Veloso, „Regen, Schweiß und Bier“ (BURGHARDT, 2013, p. 83–84).

<sup>51</sup> (..) der berühmtesten Party der Welt (BURGHARDT, 2013, p. 82).

<sup>52</sup> Überall braucht man gute Kondition, das größte Geschäft macht Rio. Beim letzten Mal hinterließen 364 740 *foliões*, das sind die *Karnevalsfreunde*, 848 Millionen Dollar und 1120 Tonnen Müll (BURGHARDT, 2013, p. 84).

programa nuclear da Coreia do Norte”<sup>53</sup>. Segundo o autor, apesar da ideia de tema ter vindo do Goethe-Institut e do Consulado da Alemanha, fechar parcerias com empresas alemãs instaladas no Brasil não foi uma tarefa fácil, tanto que grande parte das verbas para o desfile da Unidos da Tijuca vieram de empresas francesas em vez de alemãs. Além disso, o desfile de uma escola, além de muito trabalhoso, tem um preço muito alto: “É um trabalho como o *Cirque du Soleil* e tão caro quanto. Pelo menos doze milhões de reais custam só o espetáculo da Unidos da Tijuca, mais de quatro milhões de euros”<sup>54</sup>.

Por fim, Burghardt faz analogias entre o carnaval e outras celebrações, traz trechos do samba-enredo da Tijuca em português e traduzido para o alemão, cita o livro *Carnavais, malandros e heróis*, do antropólogo brasileiro Roberto DaMatta e o poema *A felicidade*, de Vinicius de Moraes, para expressar a complexidade do carnaval, que se revela como algo maior que uma grande festa de quatro dias.

#### 5.4 Estereótipos

Apesar de ter “algumas das maiores comunidades japonesas, italianas e alemãs fora do Japão, da Itália e da Alemanha”,<sup>55</sup> o autor afirma que no Brasil pouco se conhecia sobre a Alemanha:

A Alemanha era aqui um pouco desconhecida, apesar dos muitos imigrantes. Havia rumores de que alguns alemães fazem xixi sentados e bebem cerveja quente. De qualquer forma, não tão fria quanto no Brasil, onde uma cerveja decentemente gelada é quase tão fria quanto o inverno alemão<sup>56</sup> (BURGHARDT, 2013, p. 80–81).

O que se sabia sobre o país até então, como sugere o autor, eram apenas lugares-comuns. Para o desfile, alguns integrantes da Unidos da Tijuca viajaram até Colônia e Berlim a fim de estudarem sobre a história da Alemanha.

---

<sup>53</sup> Für die Masse sind die Kostüme und Kulissen bis zum großen Finale ja so geheim wie Nordkoreas Atomprogramm (BURGHARDT, 2013, p. 80).

<sup>54</sup> Es ist ein Aufwand wie beim Cirque de Soleil und entsprechend teuer. Mindestens zwölf Millionen Reais softer allein die Aufführung der Unidos da Tijuca kosten, mehr als vier Millionen Euro (BURGHARDT, 2013, p. 85).

<sup>55</sup> Brasilien hat (...) einige der größten japanischen, italienischen und deutschen Gemeinden außerhalb Japans, Italiens und Deutschlands (BURGHARDT, 2013, p. 12).

<sup>56</sup> *Alemanha* war hier eh etwas fremd, trotz der vielen Einwanderer. Man hörte Gerüchte wie jene, dass manche deutschen Männer im Sitzen pinkeln und ihr Bier lauwarm trinken würden. Jedenfalls nicht halb so kalt wie in Brasilien, wo eine vernünftige *cerveja gelada* ist, also fast so eisig wie der deutsche Winter (BURGHARDT, 2013, p. 80–81).

A ideia de colocar Richard Wagner no centro foi rejeitada por causa de Wagner e dos nazistas. Na viagem pelos mitos da Alemanha, Barros enviou o deus do trovão Thor, que muitos brasileiros conhecem pela televisão e pensavam ser uma invenção de Walt Disney assim como a Branca de Neve.

Ele desenvolveu ideias para Bertolt Brecht, para Beethoven e o Fausto de Goethe, para Franz Marc, para “o anjo azul” de Marlene Dietrich, para os Irmãos Grimm. Descobriu que o Playmobil, também popular no Brasil, vem da Alemanha. Ele colocou o zepelim no programa, Gutenberg, energia verde e o VW *Käfer* — que no Brasil se chama Fusca — e aqui estava um verdadeiro Volkswagen. Para o departamento de gastronomia foram planejadas, entre outras, *Würstchen*, salsichas<sup>57</sup> (BURGHARDT, 2013, p. 86–87).

Durante uma entrevista a Burghardt, Bruno Tenório, responsável pela captação de patrocinadores para o desfile da Unidos da Tijuca de 2013, afirma que depois do desfile, “as pessoas saberão mais sobre a Alemanha”<sup>58</sup> e completa: “queremos quebrar estereótipos”.<sup>59</sup> Mesmo depois que os brasileiros foram até a Alemanha ao encontro desse Outro, com a finalidade de fugir da superficialidade do lugar-comum, os estereótipos ganharam reforço no desfile na Ala 29, a Ala da Cerveja, por exemplo. Enquanto esse clichê sobre a Alemanha aparece como algo em comum entre as duas culturas: “a cerveja realmente conecta a Alemanha e o Brasil”,<sup>60</sup> outras questões do estereótipo brasileiro surgem como fator prejudicial à uma cooperação entre ambas:

Os gestores da Alemanha aparentemente tinham medo de fazer publicidade com pele nua. “Para a maioria das pessoas, carnaval é só peito e bunda”, presumiu Sergio Silva, colaborador da Tijuca, ao guiar o visitante pelas oficinas. Além disso, o Rio é considerado um lugar de pecado<sup>61</sup> BURGHARDT, 2013, p. 85–86).

---

<sup>57</sup> Die Idee, Richard Wagner in den Mittelpunkt zu stellen, wurde verworfen, wegen Wagner und der Nazis. Auf die Reise durch Deutschlands Mythen schickte Barros stattdessen den Donnergott Thor, den viele Brasilianer aus dem Fernsehen kennen und wie Schneewittchen für eine Erfindung von Walt Disney hielten.

Er ließ Ideen zu Bertolt Brecht entwickeln, zu Beethoven und Goethes Faust, zu Franz Marc, Marlene Dietrichs „Blauem Engel“, den Gebrüder Grimm. Er entdeckte, dass das auch in Brasilien beliebte Playmobil aus Deutschland kommt. Er nahm Zeppelin ins Programm auf, Gutenberg, grüne Energie und den VW Käfer - der heißt in Brasilien Fusca und wurde hier ein echter Volkswagen. Für die Abteilung Gastronomie waren unter anderem *salsichas* geplant, *Würstchen* (BURGHARDT, 2013, p. 86–87).

<sup>58</sup> „Nachher werden die Leute mehr über Deutschland wissen“ (BURGHARDT, 2013, p. 87).

<sup>59</sup> „Wir wollen Klischees brechen“ (BURGHARDT, 2013, p. 87).

<sup>60</sup> Das Bier verbindet Deutschland und Brasilien ja nun wirklich (BURGHARDT, 2013, p. 88).

<sup>61</sup> Deutschlands Manager hatten offenbar Angst, mit nackter Haut Reklame zu machen. „Karneval ist für die meisten doch Busen und Hintern“, vermutete Tijuca-Mitarbeiter Sergio Silva, als er den Besucher durch die Werkstätten führte. Außerdem gilt Rio als Sündenbabel (BURGHARDT, 2013, p. 85–86).

Em *O local da cultura* (1998), Bhabha define estereótipo como “uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido”. O estereótipo aparece como um modo de representação rígido e imutável, mas também paradoxal. O autor satisfaz as expectativas do leitor, que espera a confirmação daquilo que já estava enraizado: não falar sobre o carnaval no Rio ou sobre futebol aparentemente não é falar sobre o Brasil, já que os dois elementos são partes importantes da nossa cultura. No entanto, não mencionar o carnaval de Recife e Olinda, por exemplo, é esquecer o maior bloco de carnaval do mundo, o Galo da Madrugada. Ao mesmo tempo em que não se pode deixar de lembrar daquilo que marca e se repete no Outro, este não pode estar limitado e reduzido ao estereótipo, ao lugar-comum. O processo de tradução cultural implica um contato cultural profundo entre as culturas envolvidas, caso contrário, corre-se o risco de permanecer na superficialidade, apenas reproduzindo estereótipos.

## **6 Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo apresentar o livro *Gebrauchsanweisung für Brasilien* (2013) [Manual de uso para o Brasil], escrito por Peter Burghardt, e analisar o modo como o Brasil é representado. Com base principalmente nos conceitos da teoria de tradução cultural, foram abordadas, entre outras, as questões das línguas portuguesa e alemã presentes no texto original, alguns estereótipos de ambas as culturas e a subjetividade do autor ao retratar o Outro.

Devido à limitação no escopo, esse artigo não apresentou todas as questões de tradução cultural encontradas no livro e apresentadas durante a comunicação na Jornada da Língua Alemã 2019. No entanto, acredito que os aspectos apresentados aqui tenham sido suficientes para incentivar a reflexão sobre o modo como o Brasil foi e tem sido representado nas obras escritas para um público estrangeiro, em geral, sobre a importância desse tipo de representação e como ela pode influenciar as relações entre culturas diferentes, sobre os limites dessas representações que frequentemente mostram mais sobre a posição do autor tradutor da cultura, que a cultura retratada em si. Com isso, espero também ter chamado a atenção para a necessidade de se pensar sobre o Brasil e sobre a cultura brasileira a partir de uma perspectiva menos eurocêntrica.

Por fim, para futuros estudos, espero continuar traduzindo textos e pesquisando sobre a tradução cultural e sobre a subjetividade do tradutor ao falar sobre uma

determinada cultura e sobre o papel dessa tradução para as relações entre culturas diferentes.

## Referências

AUBERT, F. H. Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). *TradTerm*, v. 2, p. 31-44, 1995.

BACHA, Edmar. *Belíndia 2.0 - Fábulas e Ensaios Sobre o País Dos Contrastes*. Brasil: Civilização Brasileira, 2012

BENJAMIN, W. O narrador. *In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Tradução Sérgio Paulo Rouanet*. v. 1, 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERMAN, A. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BHABHA, H. A outra questão. *In: O local da cultura. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BUNDESMINISTERIUM FÜR FAMILIE, SENIOREN, FRAUEN UND JUGEND. Veröffentlichungen der Bundeszentrale für politische Bildung. [S. l.], c2019. Disponível em: <https://www.demokratie-leben.de/wissen/veroeffentlichungen-der-bundeszentrale-fuer-politische-bildung.html>. Acesso em: 30 out. 2019.

BURGHARDT, P. *Gebrauchsanweisung für Brasilien*. Bonn: Piper Verlag GmbH, 2013. *Gebrauchsanweisungen online kaufen | PIPER*. Disponível em: <https://www.piper.de/buecher/reiseberichte/gebrauchsanweisung>. Acesso em: 31 out. 2019.

JUNQUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *In: JUNQUEIRA, M. A.; SCATENA FRANCO, S. M. (Eds.). Cadernos de Seminários de Pesquisa*. v. II. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011.

PIPER VERLAG. Peter Burghardt Bücher & Biografie. [S. l.], c2016. Disponível em: <https://www.piper.de/autoren/peter-burghardt-3782>. Acesso em: 31 out. 2019.

PYM, A. Tradução cultural. *In: Explorando as teorias da tradução. Tradução Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RINCÓN, C. Antropofagia reciclaje, hibridación, traducción o: cómo apropiarse la apropiación. *Nuevo Texto Crítico*, v. 23/24, p. 341-356, 1999.

STADEN, H. *Duas viagens ao Brasil. Tradução Angel Bojadsen*. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2008.

SÜDDEUTSCHE ZEITUNG. Peter Burghardt. [S. l.], c2019. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/autoren/peter-burghardt-1.1143208>. Acesso em: 31 out. 2019.

VAZ DE CAMINHA, P. *A Carta. Pará: UNAMA*, ca. 1500.

VENUTI, L. Escândalos da Tradução. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

ZWEIG, S. Brasil, um país do futuro. Tradução de Kristina Michahelles. 1. ed. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006

# **Desenvolvimento da qualidade vocálica das vogais altas anteriores arredondadas [y:]-[ʏ] do Alemão Padrão (AP) por um falante nativo brasileiro em contexto de instrução fonética**

## **Entwicklung der Vokalqualität für die hohen vorderen runden Vokale [y:]-[ʏ] des Hochdeutschen bei einem brasilianischen Muttersprachler im Kontext von der Phonetik-Instruktion**

JUNGES, Mágat Nágelo<sup>62</sup>

ALVES, Ubiratã Kickhöfel

**Resumo:** Neste artigo, analisamos o desenvolvimento da qualidade vocálica de ambas as vogais altas anteriores arredondadas [y:] e [ʏ] do alemão padrão por um falante nativo brasileiro do alemão como terceira língua (doravante, L3). Os dados são apresentados com relação à qualidade vocálica, isto é, aos três primeiros formantes (F1, F2, F3), a fim de se verificarem possíveis modificações vocálicas ao longo das sessões de obtenção de dados avaliadas (pré-instrução; instrução explícita de fonética; pós-instrução), bem como representarem variações vocálicas em seu espaço acústico. A base teórica diz respeito à concepção de Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC) (DE BOT, LOWIE, VERSPOOR, 2007; DE BOT *et al.*, 2013; DE BOT, 2015; 2017; LOWIE, VERSPOOR, 2015; VERSPOOR, VAN DIJK, 2013). Resultante das análises, foram observadas modificações para ambas as vogais, principalmente no tocante à sua variabilidade, que podem ser consideradas indícios de desenvolvimento no sistema linguístico do falante.

**Palavras-chave:** Qualidade vocálica; Vogais altas anteriores arredondadas; Três primeiros formantes (F1, F2, F3); Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC)

**Zusammenfassung:** In diesem Artikel wird die Entwicklung der Vokalqualität für die hohen vorderen runden Vokale [y:] und [ʏ] des Hochdeutschen (Standard German) bei einem brasilianischen Muttersprachler im Deutschen als L3 analysiert. Es werden Daten bezüglich der Vokalqualität, o. Ä., der drei ersten Formanten (F1, F2, F3) erhoben, um mögliche Vokaländerungen entlang der evaluierten Datenerfassungen (Phonetik-Vorinstruktion; explizite Phonetik-Instruktion; Phonetik-Nachinstruktion) festzustellen und auch dabei mögliche vokalische Variationen in seinem akustischen Phonetik-Raum darzustellen. Die theoretische Grundlage basiert auf der Konzeption der Komplexen Dynamischen Systemen (KDS) (DE BOT, LOWIE, VERSPOOR, 2007; DE BOT *et al.*, 2013; DE BOT, 2015; 2017; LOWIE, VERSPOOR, 2015; VERSPOOR, VAN DIJK, 2013). Als Folge der Analysen wurden Änderungen für beide Vokalproduktionen beobachtet, hauptsächlich hinsichtlich der Variabilitätenraten, die als erster Entwicklungsschritt im System des Sprechenden berücksichtigt werden können.

**Stichwörter:** Vokalqualität; Hohe vordere runde Vokale; Drei ersten Formanten (F1, F2, F3); Komplexe Dynamische Systeme (KDS)

---

<sup>62</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: magat.nj@hotmail.com, ukalves@gmail.com.



## 1 Introdução

O papel da instrução explícita de fonética, conforme o levantamento realizado em Junges e Alves (2019), tem sido investigado recentemente em diversas pesquisas da área de Linguística Aplicada (ALVES, 2015; PEREYRON; ALVES, 2018; SAKAI; MOORMAN, 2017; SAITO, 2011; KISSLING 2012, 2013; CARLET; DE SOUZA, 2018; BOUCHHIOUA, 2017; LIMA JR., 2017). A partir de uma visão de língua como Sistema Dinâmico Complexo (SDC – DE BOT; VERSPOOR; LOWIE, 2007, LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; DE BOT, 2017), Lowie e Verspoor (2015) argumentam que a instrução em L2, de natureza significativa, pode causar perturbações nos sistemas dinâmicos. Tais perturbações podem ser capazes de causar uma reorganização do sistema, e, por conseguinte, a incorporação das novas informações. Os autores chamam a atenção para o caráter bastante individual e não imediato de tais desestabilizações, afirmando que “o efeito da perturbação depende do estado da rede dinâmica emergente de variáveis acopladas, ao invés de restrições de processamento cognitivas fixas” (*op. cit.*, p. 83).

A trajetória dinâmica de um sistema passará por momentos com mudanças repentinas e por alterações menos acentuadas, ou etapas que até demonstram uma certa estabilidade, mas não estaticidade plena. Nesse sentido, Hiver (2015) reconhece que o ser humano tende a buscar padrões de estabilidade, fortemente relacionados à capacidade de as variáveis do sistema dinâmico estarem sempre se auto-organizando em estados atratores. Sendo abertos, os subsistemas estão sempre sujeitos à ação de uma série de perturbações vivenciadas no ambiente, que alteram os demais subsistemas e podem vir a ser capazes de “desorganizar o sistema” como um todo, tirando-o do equilíbrio. Ao pensarmos no uso da linguagem, podemos considerar que a quebra da inteligibilidade da fala em meio a uma situação de comunicação pode, por exemplo, causar uma desestabilização, levando o aprendiz a reconfigurar todo o seu sistema linguístico em um processo de auto-organização dinâmica, em busca de uma comunicação inteligível (ALVES, 2018).

Tomando-se por base o acima afirmado, o ensino do componente fonético-fonológico, com o objetivo de desenvolver mais altos graus de inteligibilidade na língua adicional, assume caráter fundamental. Tal ensino pode contribuir não somente com a produção, mas também com a percepção, dos sons da L2. No que diz respeito à percepção, Flege (1995) aponta que os sons da L1 e da L2, em processo de desenvolvimento, coexistem em um espaço fonológico único, oferecendo contexto para

a influência da L1 sobre a L2, na qual o detalhe fonético é o elemento que constitui a representação linguística (KUPSKE; ALVES, 2017). Além disso, Flege (1995) chama a atenção para a tendência constante de se interpretarem sons novos da L2 como pertencentes a categorias próximas da L1, não sendo esses novos sons percebidos como tal (PEREYRON; ALVES, 2018). Formam-se, assim, categorias mistas e complexas de sons, que carregam características tanto da L1 quanto da L2, modificando-se ao longo do tempo e a partir das novas experiências dos aprendizes.

Do aqui exposto, com base em uma visão dinâmica, o ensino do componente fonético-fonológico deve ser integrado aos outros subcomponentes do sistema linguístico. De fato, “se isolarmos os componentes artificialmente, perdemos a essência dos fenômenos que queremos descrever” (LARSEN-FREEMAN, 2017, p. 29). Tal consideração se opõe à tradicional concepção de ensino de pronúncia, que tende a ser caracterizada, unicamente, pela mera tarefa de ‘ouvir’ e ‘repetir’ estruturas isoladas, de modo mecanicista.

A partir das premissas supracitadas, o objetivo geral deste artigo é acompanhar, em seis coletas de dados de caráter longitudinal, o desenvolvimento fonético-fonológico dos valores de F1, F2 e F3 de duas vogais do Alemão Padrão (AP) a partir de um informante brasileiro e aprendiz do AP como L3. Este estudo tem, primordialmente, a necessidade de investigar o desenvolvimento linguístico do indivíduo ao longo do tempo, pautando na teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos, distinguindo-se, portanto, da concepção teórica clássica de ‘causa e efeito’.

Para que seja contemplado o objetivo geral, pretendemos (i) verificar modificações, ao longo do tempo, os valores formânticos (F1, F2 e F3) das vogais altas anteriores arredondadas do AP [y:]-[ʏ]; (ii) apontar alterações no sistema do aprendiz dentre o período de instrução explícita e a comparação aos momentos anteriores e posteriores a ele; (iii) discutir, com base na visão dos SDCs, o que os dados podem dizer sobre a trajetória desenvolvimental do aprendiz. Abordaremos nossa análise com vistas a estabelecer relações teóricas e experimentais a respeito dos elementos mencionados.

## **2 A visão de língua para os Sistemas Dinâmicos Complexos (SDCs)**

A partir da visão de Sistemas Dinâmicos Complexos (DE BOT; LOWIE; VERSPOOR, 2007; DE BOT, 2017), compreendemos que o desenvolvimento da L2 deve ser visto como um *processo*. Deste modo, a não linearidade e a imprevisibilidade dos resultados salientam a necessidade de o sistema linguístico individual do falante poder se reorganizar, pois, independentemente dos seus estágios iniciais, os sistemas estão sempre mudando. Conforme apontam MacIntyre *et al.* (2017), o tempo é uma das questões centrais para a verificação da mudança, interessando quando iniciam as coletas de dados, quando terminam essas coletas, bem como os intervalos entre elas. Assim, justificamos o caráter longitudinal do nosso trabalho através da maior propriedade dos Sistemas Dinâmicos Complexos, segundo De Bot; Lowie; Verspoor (2007): a sua mudança ao longo do tempo. No presente trabalho, que segue a mesma metodologia de Junges e Alves (2019), como obtivemos seis momentos de coletas das vogais investigadas, poderemos observar, como mencionado, a não linearidade, a mudança e a imprevisibilidade do subsistema fonético do nosso aprendiz.

## **3 A instrução explícita de fonética sobre o aprendizado de segmentos e suprasegmentos**

Ao discutirmos o ensino de L2 (e, em particular, a integração do componente fonético-fonológico aos outros domínios linguísticos) à luz de uma visão complexa, temos de considerar não somente a relevância dessa prática, mas também o modo como tal integração deve ocorrer.

A discussão sobre a relevância da prática de ensino de L2 é de grande pertinência, visto que, conforme já dito, o paradigma dinâmico rejeita a noção de “causa e efeito”. Nessa perspectiva, duplicar o número de horas do aluno em sala de aula não implica duplicar o seu grau de desempenho linguístico em uma determinada tarefa. Isso não quer dizer, entretanto, que o valor da instrução deva ser renegado. Em Larsen-Freeman (2015), a autora explica que, numa visão complexa, “mais importante do que a simples dicotomia entre aprendizado implícito e explícito é a contribuição de cada uma dessas formas para a percepção do aprendiz” (*op. cit.*, 239, p. 2015). Tal afirmação não significa que a autora advogue a erradicação de episódios de instrução explícita acerca de detalhes formais da

língua. Entretanto, a instrução explícita não se sustenta de forma isolada: ela deve ser integrada às funções da língua.

A partir do aqui exposto, acreditamos já termos deixado claro, também, o modo como deve ser conduzido o ensino do componente fonético-fonológico: devemos integrá-lo aos outros subcomponentes do sistema linguístico. De fato, “se isolarmos os componentes artificialmente, perdemos a essência dos fenômenos que queremos descrever” (LARSEN-FREEMAN, 2017, p. 29). Tal consideração se opõe à tradicional concepção de ensino de pronúncia, que tende a ser caracterizada, unicamente, pela mera tarefa de ‘ouvir’ e ‘repetir’ estruturas isoladas, de modo mecanicista.

## **4 Metodologia**

Neste Capítulo, introduziremos todos os procedimentos adotados para a realização da pesquisa. Os procedimentos metodológicos adotados são os mesmos empregados em Junges e Alves (2019).

### **4.1 O informante e o questionário linguístico**

A fim de obtermos o máximo de informações a respeito do histórico linguístico do nosso informante, empregamos o *Questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues*<sup>63</sup>, de Scholl e Finger (2013), cujos dados obtidos são arrolados a seguir.

O informante selecionado para a pesquisa é do sexo masculino, tem 20 anos, é brasileiro, natural da cidade de Passo Fundo (RS). A respeito de seu nível de escolaridade, ele cursa, no momento, a faculdade de Engenharia de Controle e Automação, em uma Universidade Federal brasileira. O informante fala português (língua 1), inglês (língua 2), alemão (língua 3), e japonês (língua 4). Começou a aprender o alemão padrão em curso de línguas, com 11 anos, tornando-se fluente, segundo suas próprias informações, aos 17 anos (passou, ao todo, dois meses em países de língua alemã). Interage em alemão com familiares, em uma frequência de aproximadamente 3 vezes por mês, porém não usa a língua diariamente (apenas 0,9% de um total de 100% para as quatro línguas

---

<sup>63</sup> O questionário de histórico da linguagem em português foi criado para ser utilizado com indivíduos bilíngues adultos com diferentes experiências linguísticas e níveis de proficiência com foco em seleção de participantes para pesquisas envolvendo o bilinguismo (SCHOLL; FINGER, 2013).

mencionadas). O informante relata, através do questionário, ser capaz de expressar contos e emoções em alemão.

A respeito da sua proficiência linguística em alemão, em uma escala de 1 a 6 (1 = muito baixo, 2 = baixo, 3 = razoável, 4 = bom, 5 = muito bom, 6 = proficiente), respondeu que para as habilidades linguísticas da leitura, escrita e compreensão auditiva, sua autoavaliação é de grau 5 = *muito bom*. Por sua vez, para a fala, sua escala é 6 = *proficiente*. O informante respondeu, ademais, que nunca realizou um teste de proficiência em alemão até o momento. Em contrapartida, com relação às outras línguas estrangeiras, o mesmo começou a aprender inglês<sup>64</sup> com sete anos de idade, passando a utilizá-lo ativamente com oito anos e tornando-se fluente aos 17 anos. A respeito da sua proficiência linguística em inglês, em uma escala de 1 a 6 (1 = muito baixo, 2 = baixo, 3 = razoável, 4 = bom, 5 = muito bom, 6 = proficiente), respondeu ser 6 = *proficiente* para todas as habilidades linguísticas. Por fim, começou a aprender japonês com 20 anos de idade, avaliando-se em leitura e escrita como 1 = *muito baixo*, compreensão auditiva como 3 = *razoável*, e fala 4 = *bom*.

## 4.2 Corpus

O *corpus* contém 12 palavras dissílabas (*seis* com a vogal longa [y:] e *seis* com a vogal breve [ʏ], todas em sílaba tônica). Todas as palavras apresentam uma consoante plosiva na posição inicial da sílaba, em posição fonológica de *onset* ou ataque silábico, sendo as surdas [p] e [t] e as sonoras [b] e [g] precedendo a vogal longa [y:], e as consoantes plosivas surdas [t] e [k] e a sonora [b] precedentes à vogal breve [ʏ]<sup>65</sup>. Por outro lado, as consoantes precedidas da vogal longa [y:] foram [t], [p] e [s], [ç], e as consoantes precedidas da vogal breve [ʏ] são [t], [k] e [s], [ʃ], [ç]. Ambas as vogais podem ser representadas ortograficamente através do acento gráfico do *Umlaut* sobre a vogal <ü>, na maioria dos casos, e/ou pela consoante <y>. As palavras foram obtidas por meio do léxico do dicionário Langenscheidt (2011), Duden<sup>66</sup> e Pons<sup>67</sup> (ambos *online-Wörterbücher*). Tais palavras são apresentados, a seguir, com as suas respectivas

---

<sup>64</sup> O informante já realizou, em 2015, o teste do TOEFL-ITP, obtendo 590 pontos.

<sup>65</sup> Tivemos o cuidado de selecionar estes contextos e ponto/modo de articulação para que o *corpus* ficasse o mais homogêneo possível, de acordo com o contexto silábico das palavras empregadas no AP. Destarte, a escolha dessas consoantes se deu em função da limitação do contexto consonantal adjacente em palavras do léxico do AP, representando uma limitação do nosso trabalho, pois, infelizmente, não foi possível obter o mesmo número de palavras com os contextos fonéticos/silábicos, ora inicial, ora final, iguais ou semelhantes.

<sup>66</sup> Disponível em: <<https://www.duden.de/woerterbuch>>.

<sup>67</sup> Disponível em: <<https://de.pons.com/>>.

transcrições fonéticas, ao lado, entre colchetes [ ], e a sua tradução para o português brasileiro (doravante, PB) em aspas simples:

[y:] C PLO/OCL + V[y:]	[ʏ] C PLO/OCL + V[ʏ]
PYTHON ['pʰy:.tɔn] ‘pitão’	TÜCKE ['tʰʏ.kə] ‘malícia’
TÜTEN ['tyʰ:.tɪ̃] ‘sacolas’	KÜCHE ['kʰʏ.çə] ‘cozinha’
TYPEN ['tyʰ:.pɪ̃] ‘tipos’	KÜSSEN ['kʰʏ.sɪ̃] ‘beijar’
BÜßEN [by:.sɪ̃] ‘ser castigado por a.c.’	BÜSCHE [bʏ.ʃə] ‘mata’
BÜCHER [by:.çɐ̃] ‘livros’	BÜTTE [bʏ.tə] ‘tina’
GÜTER [gy:.tɐ̃] ‘bens’	BÜCKEN [bʏ.kɪ̃] ‘encurvar-se’

Quadro 1: Lista de palavras dissílabas do AP com a vogal longa (coluna da esquerda) e a vogal breve (coluna da direita), seguidas de suas respectivas transcrições fonéticas (IPA, 2015), e suas traduções para o PB. Fonte: os autores.

As palavras foram apresentadas ao falante em um modelo de *slides* em ppt, em alemão, com a seguinte sentença-modelo: SAGE\_\_\_\_\_JETZT. (DIGA\_\_\_\_\_AGORA.). As sentenças apareceram, na tela do computador, em letra maiúscula ou garrafal, como, por exemplo, na seguinte sentença: SAGE PYTHON JETZT. As 120 sentenças (60 sentenças com as vogais em análise: 30 para cada; e mais 60 distratoras) foram randomizadas aleatoriamente através do site RANDOM.ORG (*True Random Number Service*): <http://www.random.org/lists/>, utilizando-se a opção ‘list randomizer’ (randomizador de listas). Repetiram-se 5x cada *type* (12x5 = 60 *tokens*, ao total, com as duas vogais). A lista das doze palavras dissílabas distratoras, com suas respectivas transcrições fonéticas e significados empregados, no *corpus*, pode ser visualizada no que segue.

BLUME ['blu.mə] ‘flor’	KLIMA ['kli.mə] ‘clima’
DATEN ['da.tɪ̃] ‘datas’	LAMPE ['lam.pə] ‘lâmpada’
FLASCHE ['fla.ʃə] ‘garrafa’	LEUTE ['lɔi.tə] ‘pessoas’
FREUNDE ['fʁɔ̃m.də] ‘amigos’	RAHMEN [ʁa.mɪ̃] ‘moldura’
KABEL ['kʰabɪ̃] ‘cabo’	TISCHE ['tʰi.ʃə] ‘mesas’
KINDER ['kʰin.dɐ̃] ‘crianças/filhos’	WAGEN ['va:.gɪ̃] ‘carro’

Quadro 2: Lista de palavras dissílabas distratoras.  
Fonte: os autores.

Assim como as demais repetições do *corpus*, repetiram-se, igualmente, 5 vezes cada *type*, resultando em 60 *tokens* distratores e 120 *tokens*/sentenças, por coleta ao total.

### 4.3 Materiais e procedimento de gravação

Para gravar os dados da pesquisa, utilizamos o *laptop* Intel(R) Core(TM) i3-3217U CPU @ 1.80 GHz, 1801 Mhz, 2 Núcleo(s), 4 Processador (es) Lógico (s); versão/data BIOS Dell Inc. (modelo Inspiron 3421) A12; Versão do SMBIOS 2.7; Tipo do sistema: PC baseado em X64; Memória instalada de 4,0 GB, rodando com o sistema operacional Microsoft Windows 10 Pro (versão 10.0.17134). Utilizamos o microfone unidirecional da marca *Dreamer*, acoplado ao pedestal, com as seguintes especificações técnicas: corpo de metal; cápsula dinâmica; resposta de frequência: 50 Hz – 15 KHz; padrão polar: cardioide unidirecional; sensibilidade: -73 dB 3 dB; impedância de saída: 600 ohms; Cabo: XLR x P10 5 metros; conector: TRS ¼" (6,5 mm) - conectado diretamente a um adaptador P10-P2, junto ao cabo para se estabelecer a conexão com o *laptop*. Cada sessão de gravação das sentenças em alemão durou cerca de quatro a cinco minutos, e se deu com o informante sentado, confortavelmente, em uma cadeira, em frente ao *laptop* sobre a mesa, e com o microfone posto ao seu lado esquerdo, tendo sua extensão com o pedestal próxima à região oral do informante.

Para a gravação e a extração de áudios, utilizamos o programa AUDACITY<sup>68</sup> 2018 (*software livre*), cujos arquivos de áudio foram gravados no formato *mono* (1 Canal de Gravação) e com a taxa de amostragem (*Project Rate*) de 44.100 Hz de frequência. Os dados sonoros (em formato .wav), gravados e extraídos do Audacity<sup>®</sup>, foram ouvidos e analisados, por meio do programa de análise acústica da fala Praat<sup>®69</sup> (BOERSMA; WEENINK, 2019; versão 6.0.43), durante os processos a serem mencionados a seguir, e com o fone de ouvido da marca SONY MDR-XB 200. Por fim, com o intuito de gerarmos as plotagens (gráficos) dos dados formânticos, utilizamos os recursos disponibilizados pelo sítio<sup>70</sup> '*Visible vowels*', mantido pela *Fryske Akademy*.

---

<sup>68</sup> O programa Audacity<sup>®</sup> pode ser baixado gratuitamente através do site: <<https://www.audacityteam.org/>>.

<sup>69</sup> O programa Praat<sup>®</sup> pode ser baixado gratuitamente através do site: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.

<sup>70</sup> Disponível em: <<https://www.visiblevowels.org/>>.

### 4.3.1 Coletas e gravações

Realizamos as gravações<sup>71</sup> em uma peça residencial com a menor taxa possível de ruídos interno e externo ao ambiente, com a aplicação de oito encontros<sup>72</sup> (seis com coletas) de uma hora (com o falante nativo do português brasileiro e falante de alemão como L3, mencionado na Seção 4.1), sendo dois de pré-instrução (somente gravação e coleta), quatro de instrução (sendo dois *somente de aula* e dois de *aula seguida de gravação e coleta*), e mais dois de pós-instrução (somente de gravação e coleta, sem aula), dentre dezembro de 2018 a fevereiro de 2019. As datas selecionadas para tal foram as seguintes, de acordo com a disponibilidade do informante:

#### *Pré-instrução*

21/12/2018: Gravação e Coleta.

28/12/2018: Gravação e Coleta.

#### *Instrução*

02/01/2019: 1ª aula de fonética aplicada do alemão padrão.

04/01/2019: 2ª aula de fonética aplicada do alemão padrão + Gravação e Coleta pós-aula.

23/01/2019: 3ª aula de fonética aplicada do alemão padrão.

25/01/2019: 4ª aula de fonética aplicada do alemão padrão + Gravação e Coleta pós-aula.

#### *Pós-instrução*

01/02/2019: Gravação e Coleta.

08/02/2019: Gravação e Coleta.

Quadro 3: Cronograma de aulas e gravações e coletas.

Fonte: os autores.

Ademais, vale lembrar que, ao início de cada dia de aula e/ou coleta, conduzimos sempre uma breve conversa informal com o informante, em alemão, de aproximadamente 10 a 20 minutos, a fim de que ele pudesse se sentir mais à vontade para iniciar a aula ou a gravação (de acordo com o dia) e que, também, não o introduzíssemos bruscamente perante o contato direto com o alemão padrão (uma espécie de “*warm-up*” linguístico).

<sup>71</sup> Optamos por realizar duas gravações (sem instrução), quatro gravações ao longo do mês de janeiro (duas com instrução seguidas de gravação; e duas com instrução, apenas) e, ainda, mais duas gravações em fevereiro (sem instrução), por causa da organização do nosso calendário acadêmico do período de férias, em consonância com o calendário de férias acadêmicas do nosso informante. Por conta disso, essas foram as melhores datas possíveis para darmos conta das gravações.

<sup>72</sup> Entre os dias 06 a 20 de janeiro de 2019, o informante esteve ausente para as gravações por motivo de férias.



#### 4.4 Aulas de fonética aplicada do alemão padrão (AP)

As aulas de fonética aplicada do AP foram ministradas em alemão, na residência do primeiro autor deste trabalho, na cidade de Passo Fundo (RS), aos dias 02, 04, 23 e 25 de janeiro de 2019, tendo a duração de uma hora (60 minutos) cada. Nos dias 02 e 23, foram realizadas somente as aulas, ao passo que, aos dias 04 e 25, foram realizadas as aulas, seguidas da gravação do *corpus* de palavras selecionado. Destarte, a fim de atingirmos o nosso objetivo nas aulas, levamos em consideração os preceitos teórico-didáticos levantados por Alves (2015) e Pereyron e Alves (2018), bem como os passos comunicativos de pronúncia de Celce-Murcia *et al.* (2010), junto à escolha metodológica e à escolha das tarefas aplicadas.

Para ministrar a primeira e a segunda aulas, utilizamos os exercícios do livro didático de fonética aplicada do alemão padrão (AP), intitulado *Phonetiktrainer A1-B1 Aussichten*. Os exercícios foram adaptados a atividades que fossem possíveis ser realizadas com apenas um estudante. A terceira aula foi realizada mediante dois *jogos lúdicos*<sup>73</sup>, concebidos para os níveis A1 a B1, de acordo com o ‘Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas’. Os demais exercícios fonéticos abordados nos encontros seguintes foram selecionados do livro de fonética aplicada do AP, *Phonetik lehren und lernen* ‘Ensinando e aprendendo fonética’, de autoria de Dieling e Hirschfeld (2000).

#### 4.5 Procedimento de análise: segmentação e etiquetagem dos dados.

A fim de obter os dados acústicos referentes à qualidade vocálica, utilizamos o programa de análise acústica da fala Praat<sup>®</sup> (BOERSMA; WEENINK, 2019; versão 6.0.43). Executamos, primeiramente, a tarefa de segmentação fonética. Baseando-nos neste procedimento, o primeiro passo para a execução da segmentação e a etiquetagem de cada vogal foi selecionar, manualmente, o início e o fim de cada palavra, em que a vogal longa ou a vogal breve está inserida, criando-se, desse modo, a camada (*tier 3*) denominada ‘palavra’. A segunda camada (*tier 2*) diz respeito à segmentação da vogal em análise e, sobre ela, a primeira camada (*tier 1*), cuja marcação representa a região formântica de maior concentração de energia, e mais estável da vogal (“*steady state*”). A última camada (*tier 4*) demarca a frase-veículo utilizada para a gravação do *corpus* lido.

---

<sup>73</sup> Os jogos lúdicos utilizados chamam-se *Alles im Haus* (Spiel 33) e *Wer bist du?* (Spiel 39), da editora Klett Sprachen (2014), que podem ser acessados nas seguintes páginas (*links*): <[https://www.derdiedaf.com/files\\_media/downloads/675187\\_33\\_AllesimHaus.pdf](https://www.derdiedaf.com/files_media/downloads/675187_33_AllesimHaus.pdf)>; <[https://www.derdiedaf.com/files\\_media/downloads/675187\\_39\\_Werbistdu.pdf](https://www.derdiedaf.com/files_media/downloads/675187_39_Werbistdu.pdf)>.

Com base neste procedimento, segmentamos cada vogal do *corpus* (360 vogais ao total; equivalente a 60 vogais coletadas em 6 gravações = 12 vogais, seis longas e seis breves, x 5 repetições), criando-se a segunda camada (*tier*) denominada de “vogal”.

Este procedimento metodológico baseou-se no empregado em Schoormann, Heeringa e Peters (2017, p. 08), apresentando o início da vogal medido no cruzamento-zero (*zero-crossing*), antes do primeiro pico positivo da forma de onda periódica. O fim da vogal foi delineado ao último cruzamento-zero de negativo a positivo, antes da redução abrupta da amplitude, a cessação da periodicidade, ou ambas na forma de onda antes do próximo segmento.

## 5 Resultados

Nesta seção, contemplamos as produções de ambas as vogais longa [y:] e breve [ʏ] do alemão pelo nosso informante brasileiro de alemão (L3) e inglês (L2). Introduziremos as plotagens dos gráficos, de acordo com a ordem de gravação e instrução, apresentadas acima.

No que diz respeito ao par de ‘vogais altas anteriores arredondadas’ [y:]-[ʏ] do AP pesquisado, Ladefoged e Maddieson (1996 [2008], p. 290) asseguram que “as línguas do mundo fazem uso bastante limitado das dimensões anteroposterior e arredondado vs. não-arredondado, que geralmente carregam não mais do que oposições binárias. Não há muitos casos de uma língua com três vogais que faça contraste somente por ser anterior, central e posterior, e com todos os outros traços permanecendo os mesmos”<sup>74</sup>. Sendo assim, os autores (1996 [2008], p. 295) caracterizam ambas as vogais por uma configuração articulatória mais arredondada e com uma posição labial mais protraída. É o que acusticamente caracterizamos correntemente pela manifestação do terceiro formante (doravante, F3).

Nas plotagens abaixo, visualizamos, portanto, a vogal longa (em roxo) e a vogal breve (em azul). O espaço acústico delineado foi gerado, como mencionado, através do sítio ‘*Visible vowels*<sup>75</sup>’, e sua extensão formântica compreende os seguintes valores: 100

---

<sup>74</sup> No original: “The languages of the world make much more limited use of the front-back and rounded-unrounded dimensions, which usually support no more than binary oppositions. There are not many cases of a language with three vowels that contrast just by being front, central and back, with all other features remaining the same” (LADEFOGED; MADDIESON, 1996 [2008], 290).

<sup>75</sup> Disponível em: <[https://www.visiblevowels.org/#load\\_file](https://www.visiblevowels.org/#load_file)>.

a 400 Hz (F1) e 1600 a 2200 Hz (F2). Podemos, destarte, contemplar, abaixo, os primeiros gráficos gerados para a primeira coleta:

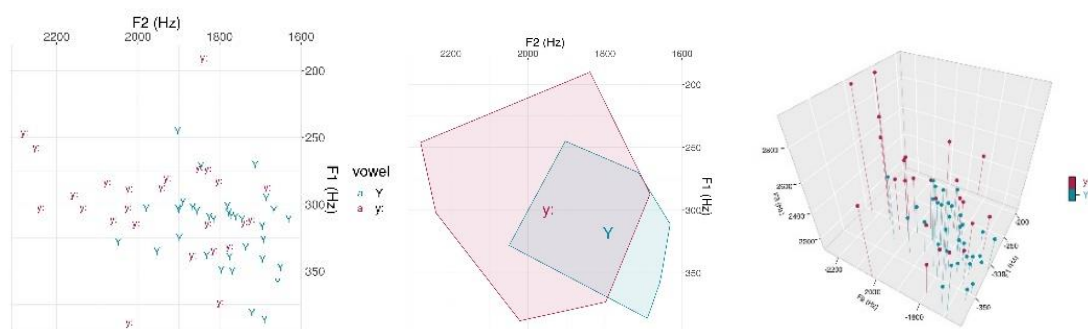


Figura 01 (Pré-Instrução: 21/12/2018): Apresentação das produções das vogais longas e breves, com as produções de F1-F2 (de (a)-(b)); no gráfico tridimensional (x-y-z), em (c), temos as produções de F1, F2 e F3. Fonte: os autores.

Neste primeiro momento de coleta de dados da Pré-Instrução (21/12/2018), as produções da vogal longa apresentaram-se com média em 300 Hz (F1) e 1947 Hz (F2). Por sua vez, as da vogal breve apresentaram-se em 318 Hz (F1) e 1792 Hz (F2). Observamos, através das plotagens, que as vogais longas se encontram bastante espalhadas pelo espaço acústico, diferenciando-se das vogais breves, que por sua vez se encontram mais condensadas e centralizadas. Verificamos, ademais, uma área comum de convergência e intersecção entre si, em que ambas as vogais foram produzidas de 250 a 380 Hz (F1) e de 1600 a 2050 Hz (F2). No gráfico tridimensional (x-y-z), contemplamos, por fim, os valores de F3 (eixo Z), à esquerda superior, na plotagem, pelo qual podemos visualizar maiores valores formânticos em Hz para a vogal longa (roxa), com média de 2526 Hz, mas exibindo algumas produções variando entre 2600 a 2900 Hz, em geral. F3, por sua vez, parece acompanhar, deste modo, a mesma progressão dos demais formantes.

No que segue, apresentam-se os dados referentes ao segundo momento de coleta.

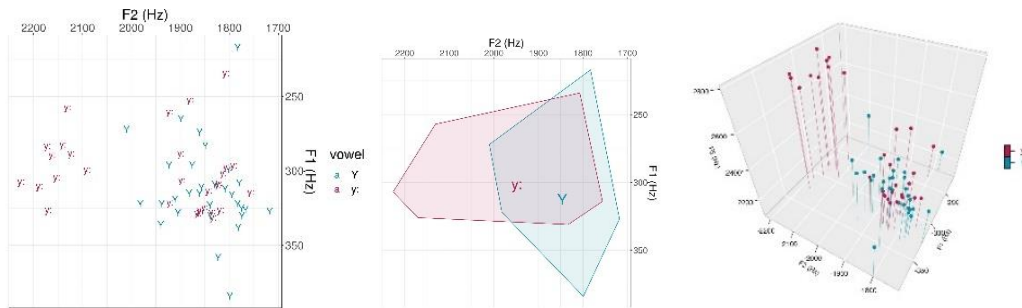


Figura 02 (Pré-Instrução: 28/12/2018): Apresentação das produções das vogais longas e breves, com as produções de F1 e F2 (de (a)-(b)); no gráfico tridimensional (x-y-z), em (c), temos as produções de F1, F2 e F3. Fonte: os autores.

Neste segundo momento de coleta de dados da Pré-Instrução (28/12/2018), a disposição de ambas as vogais parece estar em posições semelhantes à da primeira gravação. O espaço acústico verificado encontra-se de 250 a 350 Hz (F1) e de 1800 a 2000 Hz (F2), constatando-se a maior variação formântica no eixo X (F2). Em relação ao espaço acústico anterior, a vogal breve apresenta-se mais anteriorizada. Nesse sentido, de acordo com as produções vocálicas do nosso informante, podemos visualizar uma maior dispersão da vogal longa no eixo X (F2) e da vogal breve no eixo Y (F1), ambas variando consideravelmente em seus respectivos eixos. Ademais, verificamos, novamente, uma região de convergência e intersecção formânticas dentre parte das produções de ambas as vogais (aproximadamente de 200 a 400 Hz para F1, e de aproximadamente 1800 a 2000 Hz para F2). No gráfico tridimensional (x-y-z), observamos, principalmente, as produções mais anteriorizadas da vogal longa com valores de F3 bem elevados, também. Por sua vez, a vogal breve manteve-se, outrossim, na sua posição de origem mais centralizada e com valores menores para F3. Além disso, verificamos, também, uma região de convergência e intersecção dentre as duas vogais no tocante a F3.

Na próxima figura, apresentamos a representação gráfica referente à terceira coleta, correspondente à primeira coleta após o início da instrução.

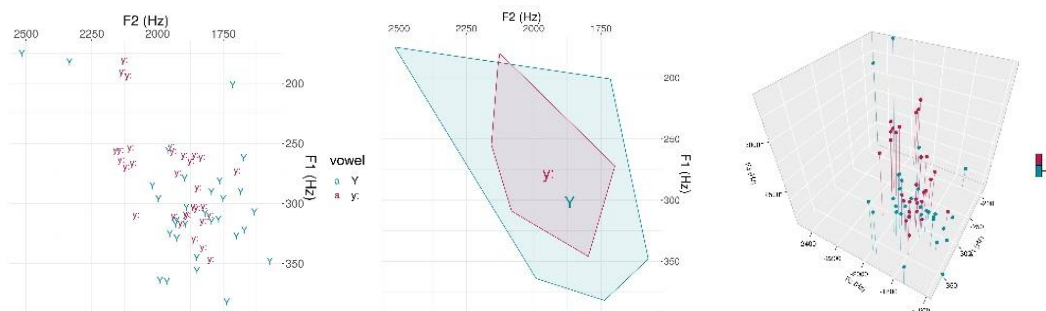


Figura 03 (Instrução: 04/01/2019): Apresentação das produções das vogais longas e breves, com as produções de F1 e F2 (de (a)-(b)); no gráfico tridimensional (x-y-z), em (c), temos as produções de F1, F2 e F3. Fonte: os autores.

Neste primeiro momento de coleta de dados após o início do período de Instrução (04/01/2019), observamos ambas as vogais com valores médios semelhantes que variam entre, aproximadamente, 300 Hz (F1) e 1900 Hz (F2). Porém, observamos, também, que as vogais breves se situam muito mais espalhadas pelo espaço acústico, se comparadas às vogais longas. Em geral, verificamos bastante espaços dispersos para as produções das duas vogais, oscilando tanto em F1 quanto em F2. As produções da vogal comportaram-se de maneira dispersa com relação aos dois eixos do gráfico. Embora as produções da vogal breve também estejam bem espalhadas pelo espaço acústico, elas ainda estão concentradas na faixa de 250 a 350 Hz (F1) e de 1633 a 2000 Hz (F2). Especificamente, constatamos dois valores maiores de F2 para a vogal breve, em 2335 Hz e 2516 Hz, e uma produção super recuada de 1633 Hz. Podemos perceber, mais uma vez, que se formou uma zona de convergência e intersecção entre ambas as vogais, localizada, aproximadamente, de 250 a 350 Hz (F1) e de 1700 a 2200 Hz (F2). No gráfico tridimensional (x-y-z), por fim, observamos maiores valores de F3 para a vogal longa, em geral; há, no entanto, duas produções de F3 para a vogal breve extremamente elevadas, tais com 3075 Hz e 3369 Hz.

No que segue, são apresentadas as plotagens referentes à quarta coleta, que também foi realizada durante o período de instrução.

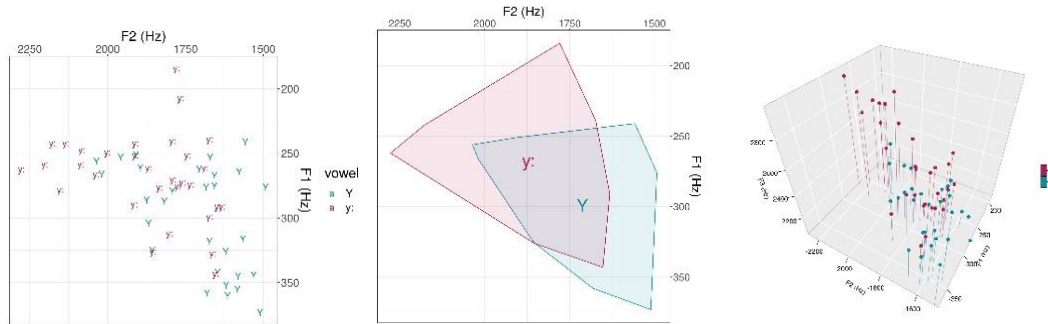


Figura 04 (Instrução: 25/01/2019): Apresentação das produções das vogais longas e breves, com as produções de F1 e F2 (de (a)-(b)); no gráfico tridimensional (x-y-z), em (c), temos as produções de F1, F2 e F3. Fonte: os autores.

Neste segundo momento de coleta de dados após o início da Instrução (25/01/2019), podemos verificar, mais uma vez, a disposição acústica mais próxima ao padrão nativo para essas duas vogais. A vogal longa apresentou-se mais alta e mais anterior, comparada à sua contraparte breve. Destarte, a vogal longa possuiu 267 Hz (F1) e 1871 Hz (F2) e a vogal breve 299 Hz (F1) e 1712 Hz (F2). Já notamos, nestes gráficos, que está ocorrendo uma mudança na disposição acústica para ambas as vogais, exibindo uma área de convergência e intersecção formânticas extremamente central. Como de praxe, a vogal longa ocupou a área mais alta e mais anterior do espaço acústico vigente, e a breve a área mais posterior e baixa do mesmo. Por fim, no gráfico tridimensional (x-y-z), constatamos, nitidamente, valores de F2 e F3 bastante elevados para a vogal longa, oscilando de 2500 a 2986 Hz (F3), e valores de F3 mais baixos para a vogal breve, situando-se em uma região mais central-baixa-posterior do espaço acústico.

No que segue, apresentamos os dados referentes à quinta coleta, a primeira após o término da instrução.

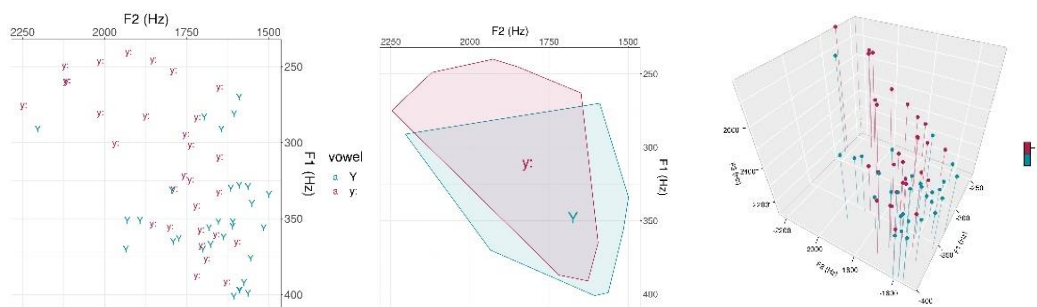


Figura 05 (Pós-Instrução: 01/02/2019): Apresentação das produções das vogais longas e breves, com as produções de F1 e F2 (de (a)-(b)); no gráfico tridimensional (x-y-z), em (c), temos as produções de F1, F2 e F3. Fonte: os autores.

Neste primeiro momento de coleta de dados da Pós-instrução (01/02/2019), podemos visualizar uma configuração mais estável do espaço acústico, ocupando de 250 a 400 Hz (F1) e de 1500 a 2250 Hz (F2). Destarte, verificamos, novamente, a disposição acústica clássica (ou mais semelhante ao padrão nativo) para ambas as vogais, estando a vogal longa mais alta e anterior e a breve mais baixa e posterior. Suas médias são 309 Hz (F1) e 1817 Hz (F2), para a vogal longa, e 348 Hz (F1) e 1674 Hz (F2), para a vogal breve. No gráfico de dispersão vocálica, observamos várias produções da vogal longa entre 240 e 300 Hz (F1) e entre 1750 e 2250 Hz (F2). Por outro lado, as produções da vogal breve estão concentradas entre 329 e 400 Hz (F1) e entre 1500 e 1900 Hz (F2). As vogais breves deslocam-se, nesse sentido, na direção oposta às produções da vogal longa. Constatamos, novamente, a região de convergência e intersecção vocálica entre ambas, oscilando de 270 a 370 Hz (F1) e de 1550 a 1800 Hz (F2). No gráfico tridimensional (x-y-z), por sua vez, visualizamos que os maiores valores para F3 pertencem à vogal longa e excedem os 2600 Hz (F3). Várias produções de F3 para a vogal breve variam na faixa de 2200 a 2481 Hz, valores relativamente próximos a alguns de F2, inclusive. Visualmente, da região posterior-anterior, tais valores de F3 para a vogal longa progridem, constantemente, em direção ascendente, ao contrário do que se verifica para a vogal breve, que parece mais ‘estática’ acusticamente e ainda com valores baixos para F3, oscilando entre aproximadamente 2100 e 2300 Hz.

Por fim, apresentamos os dados referentes à sexta e última coleta (a segunda após o término do período de instrução).



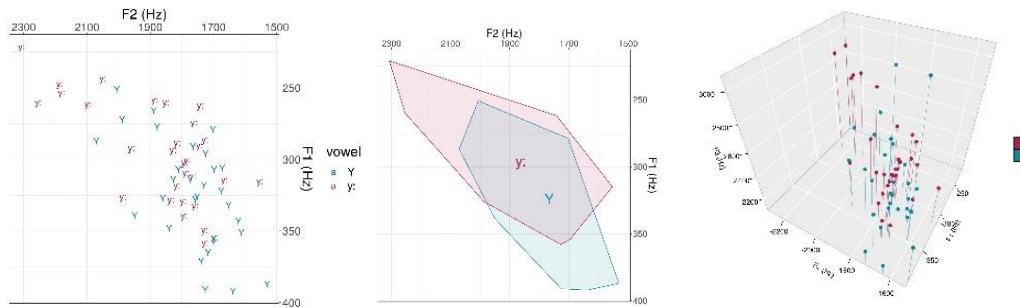


Figura 06 (Pós-Instrução: 08/02/2019): Apresentação das produções das vogais longas e breves, com as produções de F1 e F2 (de (a)-(b)); no gráfico tridimensional (x-y-z), em (c), temos as produções de F1, F2 e F3. Fonte: os autores.

Neste segundo (e último) momento de coleta de dados da Pós-Instrução (08/02/2019), observamos o espaço acústico vocálico oscilando com valores um pouco superiores a 0 até 400 Hz (F1) e 1500 a 2300 Hz (F2). Ambas as vogais se encontram dispostas similarmente às demais plotagens das coletas anteriores, porém, neste momento, apresentado uma proximidade maior com relação a F2, entre si. Interessantemente, nestas últimas plotagens, observamos uma maior dispersão de ambas as vogais, sobretudo em relação à vogal breve, cujas algumas produções aparecem mais altas e anteriores. Podemos constatar, outrossim, uma região de convergência e intersecção formânticas relativamente central no espaço acústico, variando de 250 a 350 Hz (F1) e de 1600 a 1900 Hz (F2). Aparte dessa região, vemos que há algumas produções com valores extremos para ambas as vogais, tanto em termos de F1 quanto de F2. Por fim, para além desses dois primeiros formantes, verificamos, através do gráfico tridimensional (x-y-z), uma queda abrupta nos valores de F3 para a vogal longa (sobretudo), bem como valores baixos para a sua contraparte breve, apresentando valores mínimos de 2086 e 2092 Hz (F3). Visualizamos, também, várias produções dispersas e espalhadas para as duas vogais.

A partir da descrição realizada, a fim de ter uma noção mais minuciosa sobre a distribuição dessas vogais no subsistema da L3 do nosso informante, foco deste estudo longitudinal, procedemos os valores formânticos das Médias e Desvios-Padrão das vogais em análise do subsistema vocálico do AP, durante o período desenvolvimental analisado.



Coletas	[y:]			[ɻ]		
	F <sub>1</sub>	F <sub>2</sub>	F <sub>3</sub>	F <sub>1</sub>	F <sub>2</sub>	F <sub>3</sub>
1 Pré-Instrução (21/12/2018)	299 (39)	1947 (173)	2526 (219)	318 (29)	1792 (102)	2344 (142)
2 Pré-Instrução (28/12/2018)	301 (25)	1948 (155)	2448 (210)	313 (30)	1846 (70)	2307 (91)
3 Instrução (04/01/2019)	277 (40)	1945 (132)	2547 (210)	301 (49)	1867 (194)	2461 (279)
4 Instrução (25/01/2019)	267 (33)	1871 (188)	2458 (245)	299 (40)	1712 (155)	2340 (121)
5 Pós-Instrução (01/02/2019)	309 (47)	1817 (172)	2423 (130)	348 (36)	1674 (152)	2384 (116)
6 Pós-Instrução (08/02/2019)	296 (36)	1862 (184)	2437 (208)	324 (38)	1767 (125)	2380 (229)

Tabela 01: Valores formânticos das Médias (em Hz) e Desvios-Padrão das vogais [y:]-[ɻ] produzidas pelo informante brasileiro. Fonte: os autores.

Verificamos, assim, segundo os dados formânticos levantados, que está ocorrendo uma *desestabilização acústica* muito elevada no subsistema vocálico do AP pelo informante brasileiro, junto à qual a diferenciação dentre as duas vogais emerge, subitamente, da terceira para a quarta coleta (decorrente, sobretudo, do efeito didático-linguístico das aulas de fonética explícita do AP). Semelhantemente aos resultados de Pereyron e Alves (2018), os valores das coletas 3 e 6 do nosso estudo harmonizam-se acusticamente, apresentando, por sua vez, valores formânticos muito próximos em Hz. Como destacado acima, as duas vogais passam a se assemelhar em altura e anteroposterioridade da primeira até a terceira coleta, convergindo para uma mesma vogal, em termos de qualidade acústica.

No entanto, da terceira à quinta coleta, passam a se diferenciar radicalmente, voltando a estabilizar-se na sexta e última coleta. Desse modo, ancorado na concepção de Sistemas Dinâmicos Complexos, Fleischer (2009) introduz a característica de ‘difícil controle’, segundo a qual os mecanismos de controle de causa/efeito dificilmente produzem resultados fixos e reproduzíveis. Observamos, portanto, que esse comportamento vocálico, aqui exibido, é expresso em termos formânticos (PEREYRON; ALVES, 2018). Flege (1995, p. 239), na sexta hipótese de seu *Speech Learning Model*

(SLM), afirma que “a representação bilíngue é baseada em diferentes traços, ou diferentes pesos, do que a representação monolíngue<sup>76</sup>”, pelo que estamos plenamente de acordo. Além disso, o autor compreende, a partir do seu quarto postulado, que “bilíngues se esforçam para manter os contrastes entre as categorias fonéticas da L1 e da L2 [no nosso caso, aqui, da L3], que existem em um espaço fonológico comum<sup>77</sup>”, o que também explica a variabilidade em nossos dados.

Nesse sentido, nosso informante está lidando, concomitantemente, com três línguas naturais (senão, quatro, já que está aprendendo japonês), isto é, com no mínimo três espaços fonético-fonológicos distintos que apresentam realizações articulatórias de natureza própria. Essas, uma vez que se manifestam em regiões distintas da cavidade oral, ou seja, na região supraglotal do sistema fonador, ocupam os mais variados pontos (expressos em Hz) no espaço acústico, ‘reservado’ para essas duas vogais investigadas e produzidas pelo informante. Além do mais, devemos recordar que a correspondência entre articulação e som não é biunívoca, isto é, de um para um, pois pequenas diferenças articulatórias tendem frequentemente a causar diferenças acústicas muito grandes (LIBERMAN, 1957). Conforme menciona Sundberg (2018, p. 48), sabemos que existe um conjunto de combinações similares associadas a uma mesma vogal. Em visto disso, podemos verificar que as vogais não correspondem a pontos discretos no gráfico, mas a ‘territórios em meio a um campo de possibilidades’, que dizem respeito à *variabilidade dos valores* dos formantes para uma mesma vogal. Para o autor, “não apenas as dimensões do trato vocal determinarão as diferenças entre frequências de formantes para uma certa vogal, mas também os hábitos de pronúncia de determinado grupo ou indivíduo”. Tais considerações podem, também, contribuir para uma explicação sobre os nossos dados.

## 6 Considerações finais

A partir de nossos dados e ancorados em uma visão de língua dinâmico e complexa, podemos afirmar que o informante brasileiro realiza, até certo grau, a distinção entre ambas as vogais, ainda que possam ser encontrados espaços acústicos de sobreposição entre as duas categorias. A instrução fornecida contribuiu para uma maior

---

<sup>76</sup> No original: “2) the bilingual’s representation is based on different features, or feature weights, than a monolingual’s.” (FLEGE, 1995, p. 239)

<sup>77</sup> No original: “Bilinguals strive to maintain contrast between L1 and L2 phonetic categories, which exist in a common phonological space.” (FLEGE, 1995, p. 239)

variabilidade, referente a uma maior ocupação de espaços acústicos para cada vogal. Tal fato pode ser considerado como um primeiro passo de “desestabilização” do sistema do aprendiz. Com a instrução, o aluno passa a explorar novos espaços acústicos, estabelecer novas hipóteses, enfim, “testar” novas possibilidades em direção a uma comunicação mais inteligível.

O presente trabalho mostra-se limitado em função do baixo número de coletas, uma vez que acompanhamos o desenvolvimento do aprendiz apenas ao longo de seis pontos da sua trajetória dinâmica. Ainda que tal limitação nos impeça de verificar se, ao longo do tempo, o aprendiz dirigiu suas produções em direção a padrões que diferenciavam as duas vogais, os dados que apresentamos mostram que o participante em questão se encontra em meio a uma etapa desenvolvimental bastante dinâmica, o que foi verificado na variabilidade de seus dados, sobretudo a partir dos momentos de instrução explícita.

Esperamos, com o presente trabalho, ter demonstrado a necessidade de estudos de longo prazo, que não resumam a ação pedagógica referente ao ensino de pronúncia a partir de uma perspectiva binária do tipo ‘funcionou’ vs. ‘não funcionou’. A variabilidade dos dados sugere que a instrução, ao desestabilizar o sistema em desenvolvimento, faz com que o aprendiz se mostre engajado a um estágio dinâmico de aprendizado. Dessa forma, fica o convite para que estudiosos e professores desenvolvam estudos sobre o desenvolvimento fonético-fonológico do alemão em escalas de tempo ainda maiores.

## Referências

- ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Desafios e implicações de uma caracterização ecológica para o construto ‘Inteligibilidade em Língua Estrangeira’*: reflexões preliminares. *Revista de Letras*, v. 37, n. 2, p. 58-70, 2018.
- BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: doing phonetics by computer* (Versão 6.0.43) [Programa de computador], 2019. <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/> (05/01/2019).
- BOUCHHIOUA, Nadia. The effects of explicit pronunciation instruction on the comprehensibility and intelligibility of Tunisian EFL learners. *International Journal of Research Studies in Language Learning*, vol. 6, n.º 3, 2017, p. 73-88.
- CARLET, Angélica; DE SOUZA, Hanna Kivistö. Improving L2 pronunciation inside and outside the classroom: perception, production and autonomous learning of L2 vowels. *Ilha do Desterro*, v. 71, n.º 3, p. 099-123, Florianópolis, set./dez. 2018.
- CELCE-MURCIA, Marianne; BRINTON, Donna M.; GOODWIN, Janet M.; GRINER, Barry D. [electronic resource]. *Teaching pronunciation: a course book and reference guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- DE BOT, Kees de. Rates of Change: Timescales in Second Language Development. In: DÖRNYEI, Zoltán; MACINTYRE, Peter D.; HENRY, Alastair. *Motivational Dynamics in Language Learning*. Bristol: British Library, 2015. p. 29-37.

- DE BOT, Kees de. Complexity Theory and Dynamic Systems Theory: Same or different? In: ORTEGA, L.; HAN, Z. (eds.). *Complexity Theory and Language Development* – in celebration of Diane Larsen-Freeman. Amsterdam: John Benjamins, 2017, 51-58.
- DE BOT, Kees de. Time scales in second language development. *Dutch Journal of Applied Linguistics* 1 (1), 143–149, 2012.
- DE BOT, Kees de.; LOWIE, Wander. Second language accent and pronunciation teaching: A research based approach. *TESOL Quarterly*, 39, 2005, p. 379-397.
- DE BOT, Kees de.; LOWIE, Wander; VERSPOOR, Marjolijn. A dynamic systems theory approach to second language acquisition. *Bilingualism, Language and Cognition*, v. 10, n. 1, p. 7-21, 2007.
- DE BOT, Kees de.; LOWIE, Wander; THORNE, Steven L.; Marjolijn. *Dynamic Systems Theory as a comprehensive theory of second language development*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013.
- DIELING, Helga; HIRSCHFELD, Ursula. *Phonetik lehren und lernen*. Langenscheidt: München, 2000.
- FLEGE, James Emil. Second language speech learning: Theory, findings, and problems. In: STRANGE, W. (Ed.). *Speech perception and language experience: Issues in cross-language research*. Baltimore: York Press, 1995, p. 233-277.
- FLEISCHER, Erik. Caos/Complexidade na interação humana. In Vera Lúcia M. Oliveira & Milton Nascimento Paiva (Orgs.). *Sistemas Adaptativos Complexos: Lingua(gem) e Aprendizagem* (p. 73-92). Belo Horizonte: Pontes, 2009.
- HEERINGA, Wilbert; VELDE, Hans van de. *Visible Vowels: a Tool for the Visualization of Vowel Variation*. 2017.
- HIVER, Phil. Attractor States. In: DÖRNYEI, Zoltán; MacINTYRE, Peter D.; HENRY, Alastair. (eds). *Motivational Dynamics in Language Learning*. Bristol: Multilingual Matters, 2015, p. 20-28.
- IPA (*International Phonetic Alphabet*). 2015.
- JUNGES, Márgat Nágelo; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Desenvolvimento da duração das vogais altas anteriores arredondadas [y:]-[ɥ] do Alemão Padrão (AP) por um falante nativo brasileiro em contexto de instrução fonética. *Revista Investigações*, v. 32, n. 2, 2019. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241537> (21/02/2020).
- KISSLING, Elizabeth Maria. *The effect of phonetics instruction on adult learners' perception and production of L2 sounds*. 226 f. Tese (Doutorado). Washington: Georgetown University, 2012.
- KUPSKE, Felipe Flores; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Orquestrando o caos: o ensino de pronúncia de língua estrangeira à luz do paradigma da complexidade. *Fórum Linguístico*, v. 14, n. 4, p. 2771-2784, 2017.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Malden: Blackwell, 1996 [2008].
- LARSEN-FREEMAN, Diane. Complexity theory. In VAN PATTEN, Bill; WILLIAMS, Jessica (Eds.). *Theories in Second Language Acquisition*, 2nd edition. Routledge, 2015, p. 227-244.
- LARSEN-FREEMAN, Diane. Complexity Theory: the lessons continue. In: ORTEGA, Lourdes; HAN, ZhaoHong (eds.). *Complexity Theory and Language Development: in celebration of Diane Larsen-Freeman*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 11-50.
- LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. *Complex Systems and Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LIBERMAN, Alvin M. *et al.* The discrimination of speech sounds within and across phoneme boundaries. *Journal of Experimental Psychology*, A, v. 54, n. 5, p.358-368, 1 jan. 1957. <https://pdfs.semanticscholar.org/101c/7d3c3444f048ba7e6f794cd914099cad74be.pdf> (27/10/2019).
- LOWIE, Wander; VERSPOOR, Marjolijn. Variability and Variation in Second Language Acquisition Orders: A Dynamic Reevaluation. *Language Learning: A Journal of Research in Language Studies*. University Of Michigan, p. 63-88. 13 fev. 2015. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/lang.12093> (24/10/2019).

MACINTYRE, Peter D.; MACKAY, Emily; ROSS, Jessica; ABEL, Esther. The emerging need for methods appropriate to study dynamic systems: individual differences in motivational dynamics. In: ORTEGA, Lourdes; HAN, ZhaoHong (eds.). *Complexity Theory and Language Development: in celebration of Diane Larsen-Freeman*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 97-122.

PEREYRON, Leticia; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *A produção vocálica por falantes de Espanhol (L1), Inglês (L2) e Português (L3): uma perspectiva dinâmica na (multi)direcionalidade da transferência linguística*. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

PEREYRON, Leticia; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. Efeitos da instrução articulatória das vogais médias baixas do português (L3) no espanhol (L1) e no inglês (L2): um estudo de caso. *Belt - Brazilian English Language Teaching Journal*, [s.l.], v. 9, n. 1, p.167-189, 19 set. 2018. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3640.2018.1.31990>.

SAKAI, Mari; MOORMAN, Colleen. Can perception training improve the production of second language phonemes? A meta-analytic review of 25 years of perception training research. *Applied Psycholinguistics*, 39, 2018, p. 187-224.

SCHOLL, Ana Paula; FINGER, Ingrid. Elaboração de um questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 2, n. 21, p.1-17, 2013.

SCHOORMANN, Heike; HEERINGA, Wilbert; PETERS, Jörg. Standard German vowel productions by monolingual and trilingual speakers. *International Journal of Bilingualism*, vol. 23, ed. 1, 2017.

SUNDBERG, Johan. *A ciência da voz: fatos sobre a voz na fala e no canto*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (edusp), 2018. 328 p. Tradução e revisão Glaucia Laís Salomão.

VERSPoor, Marjolijn. H.; VAN DIJK, Marijn. Variability in a dynamic systems approach. In C. A. Chapel (Ed.), *The encyclopedia of applied linguistics* (pp. 6051–6059). Oxford, England: Wiley-Blackwell, 2013.

## O *continuum* entre o Léxico e a Gramática observado em construções com os verbos-suporte *bringen* e *kommen*

### Das Kontinuum zwischen Lexik und Grammatik beobachtet in Gefügen mit den Funktionsverben „bringen“ und „kommen“

PEREIRA, Marina Sundfeld<sup>78</sup>

**Resumo:** O tema do presente artigo é a lexicalização das construções com o verbo-suporte *bringen* e suas construções sinônimas com o verbo-suporte *kommen*, bem como a gramaticalização de ambos os verbos. As construções com verbo-suporte são ligações verbo-nominais, por exemplo, *in Ordnung bringen* e *in Bewegung kommen*. Verbos-suporte são verbos que perderam o seu significado lexical original e passaram a depender de um substantivo abstrato para expressar um significado pleno. Esse processo é um conhecido mecanismo da gramaticalização denominado “desbotamento semântico” (*bleaching*). Quando o verbo é gramaticalizado, toda a construção fica mais coesa e, por isso, em alguns casos, não é possível mudar o artigo nem o adjetivo da parte nominal, nem pluralizar seu substantivo e nem utilizar o pronome de negação *kein*, o que indica que a construção está lexicalizada. A lexicalização foi testada em dados provenientes do sistema *Cosmas II*, que então foram classificados em “lexicalizados” e “não lexicalizados”. Observamos que uma construção, por exemplo, com *bringen*, está lexicalizada, enquanto a construção sinônima com *kommen* não está. Esse resultado indica que tanto a gramaticalização do verbo quanto a lexicalização da construção não dependem somente da parte nominal, mas da construção com todos seus elementos.

**Palavras-chave:** Construções com verbos-suporte; gramaticalização; lexicalização; linguística de *corpus*; *Cosmas II*

**Zusammenfassung:** Das Thema des vorliegenden Artikels ist die Lexikalisierung der Funktionsverbgefüge mit dem Verb „bringen“ und ihrer synonymischen Gefüge mit dem Verb „kommen“ sowie die Grammatikalisierung beider Verben. Das Funktionsverbgefüge ist eine Nomen-Verb-Verbindung wie „in Ordnung bringen“ und „in Bewegung kommen“. Funktionsverben sind Verben, die ihre ursprünglichen lexikalischen Inhalte verloren haben und von einem abstrakten Substantiv abhängig sind, um zu einer vollen, konkreten Bedeutung zu gelangen. Dieser Vorgang wird mit „semantischer Ausbleichung“ („bleaching“) bezeichnet und ist ein Mechanismus der Grammatikalisierung. Bei der Grammatikalisierung eines Verbs ist das gesamte Gefüge eng gebunden, das bedeutet, dass in einigen Fällen Artikel- und Adjektivveränderungen, Pluralisierung des Nomens und Verneinung mit dem Negationspronomen „kein“ nicht mehr möglich sind - man sagt, dass das Funktionsverbgefüge lexicalisiert ist. Zur Überprüfung der Lexikalisierung wurde ein Datenkorpus verwendet, der dem System „Cosmas II“ entstammt, und eine Klassifizierung in „lexicalisiert“ und „nicht lexicalisiert“ durchgeführt. Diese ergab, dass ein Ausdruck beispielsweise mit „bringen“

---

<sup>78</sup> Universidade de São Paulo. E-mail: masp@usp.br

lexikalisiert wurde, während sein Synonym mit „kommen“ nicht. Dieses Resultat weist darauf hin, dass sowie die Grammatikalisierung des Verbs als auch die Lexikalisierung des Gefüges nicht nur vom Nominalteil alleine abhängt, sondern auch vom Verb wie auch der Präposition (falls existent), also von der Summe aller Einzelelemente des gesamten Gefüges.

**Stichwörter:** Funktionsverbgefüge; Grammatikalisierung; Lexikalisierung; Korpuslinguistik; Cosmas II

## 1 Introdução

O objetivo do presente artigo é apresentar uma parte da pesquisa de mestrado sobre construções com verbos-suporte (doravante CVS), realizada entre os anos de 2015 e 2017 (cf. PEREIRA, 2017). Nessa pesquisa, as construções com o verbo-suporte (doravante VS) *bringen* na voz passiva foram descritas em paralelo às construções sinônimas com o VS *kommen*. Para isso, realizou-se uma análise sintático-semântica que incluiu a observação da lexicalização das construções com o VS *bringen*. No presente artigo, além da análise da lexicalização da CVS e da gramaticalização do VS *bringen*, analisou-se também as construções com o VS *kommen*, com o intuito de mostrar que a gramaticalização e a lexicalização se reforçam mutuamente e dependem de todas as palavras componentes da construção.

As CVS são ligações verbo-nominais em que o verbo e o substantivo expressam um significado único. O verbo é responsável pelas marcas de tempo e de pessoa e pela *Aktionsart* (modo da ação, que pode ser durativa ou não durativa no tempo), ao passo que o substantivo é responsável pelo nome da ação que está sendo expressa pela construção. Em (1) temos um exemplo de uma CVS com *bringen* e em (2) de uma CVS com *kommen*:

(1) Zahllose teils heftige Nachbeben **bringen** die Ruinen immer wieder **ins Rutschen**. (FOC11/FEB.00374 FOCUS, 28.02.2011, S. 10-11; FOTO DER WOCHE)

(2) Ob Bildung, Beruf, Freizeit, Sport, Vereine, Angelegenheiten der Ortsverbände oder aktuelle „große Politik“, alle für die Jugend wichtigen Themen sollen **zur Sprache kommen**. (RHZ12/JAN.18217 Rhein-Zeitung, 18.01.2012, S. 18; Verband lädt ein zum Jugend-Neujahrstreffen)

Em (1) a CVS é *ins Rutschen bringen*, pois o VS *bringen* e a parte nominal *ins Rutschen* formam um significado único, sinônima do VP *rutschen*, do qual o substantivo deriva. Em (2) a CVS é *zur Sprache kommen*, sendo o substantivo da parte nominal

*Sprache* um deverbal formado a partir de *sprechen*, que por sua vez, é um verbo sinônimo da CVS. Ambas as CVS são formadas por um VS, um substantivo deverbal e uma preposição. No entanto, é possível encontrar derivações dessa forma de CVS, como VS ligados a substantivos não deverbais e sem preposição.

Uma CVS constitui-se através da transformação de um verbo pleno (doravante VP), ou seja, um verbo que tem uma carga lexical completa, em um VS, ou seja, um verbo semanticamente desbotado, que depende do substantivo para atribuir sentido à sentença. Esse processo é denominado gramaticalização e ocorre ao longo do tempo, conforme surgem novos usos para uma mesma palavra. Por isso, os estudos sobre gramaticalização são conduzidos através do ponto de vista diacrônico da língua. Para analisar os dados em um recorte sincrônico, partimos do pressuposto, conforme Pereira (2017, p. 29-30), de que a língua é pancrônica, ou seja, de que formas novas coexistem com formas mais antigas em um recorte de tempo sincrônico (cf. CASTILHO, 2010, p. 77-78).

Com o objetivo de mostrar a gramaticalização de *bringen* e de *kommen* em um recorte sincrônico da língua, foram analisados dados reais de CVS em uso. Para isso, foram aplicados testes de lexicalização, conforme descritos na seção 2, em construções com ambos os VS, com o intuito de descrevê-las e de mostrar que o VS está em um estágio diferente de gramaticalização dependendo da parte nominal com a qual se liga. Essa análise parte do pressuposto de que a lexicalização e a gramaticalização não são processos opostos, mas que se completam, ou seja, quanto mais gramaticalizado estiver o verbo, mais coeso ele estará com o substantivo que compõe a CVS e, portanto, mais lexicalizado (cf. BRINTON, 2011).

Com o presente artigo, propõe-se contribuir com os estudos sobre a gramaticalização, sobre a lexicalização e sobre as CVS do alemão. Além disso, a dissertação de mestrado, na qual este artigo se fundamenta, teve como objetivo contribuir com os estudos sobre a voz passiva, além de oferecer descrições de construções com o VS *bringen* através do preenchimento de fichas lexicográficas (cf. PEREIRA, 2017).

Na próxima seção, Fundamentação teórica, aprofundamos o conceito de CVS e apresentamos sua definição para compor o presente trabalho. Também está exposta a relação que a gramaticalização e a lexicalização têm entre si, além de uma descrição dos testes de lexicalização aplicados nas construções com o VS *kommen* para o presente artigo e sobre as construções com o VS *bringen* para a dissertação de mestrado (cf. PEREIRA, 2017). Na seção 3, está descrita a metodologia para a realização do trabalho, baseado em



dados de *corpora* oriundos do sistema *Cosmas II*. Na seção 4, apresenta-se uma discussão sobre a análise dos dados, evidenciando-se seus diferentes estágios de lexicalização e de gramaticalização. Por último, são apresentadas as considerações finais deste artigo.

## 2 Fundamentação teórica

A definição de CVS varia entre os diferentes autores que já trataram do assunto (cf. KAMBER, 2008; HEINE, 2008; EISENBERG, 2004; ATHAYDE, 2001; HELBIG; BUSCHA, 2001). Essas divergências podem ser quanto à natureza do substantivo ou quanto à presença ou não de preposição na parte nominal da CVS. Um exemplo de definição bastante restrita de CVS é a de Eisenberg (2004, p. 309), que considera que uma CVS tem obrigatoriamente uma preposição na parte nominal:

Entre as características do VS, está uma ligação particularmente próxima com a PrGr [parte nominal preposicionada] (*zur Geltung kommen, zur Anwendung bringen*). Juntos, VS e PrGr formam a chamada construção com verbo-suporte (CVS)<sup>79</sup> (EISENBERG, 2004, p. 309, tradução nossa).

Para o autor, quando não há preposição na parte nominal da construção, não se pode considerá-la uma CVS por causa de sua proximidade com o significado literal do verbo. O mesmo ocorre com construções com os verbos *sein* ou *haben*, que não adquirem status de VS por serem verbos de cópula (*Kopulaverben*) (idem, p. 310).

Para definir o objeto de estudo, optamos por concordar com os autores que estabelecem seus critérios para considerar uma construção uma CVS de maneira mais abrangente do que a de Eisenberg (idem), como Kamber (2008) e Heine (2008), pois nosso foco é a gramaticalização do verbo e sua consequente dependência do substantivo que contém o sentido lexical da construção. Dessa forma, a presença (ou ausência) da preposição na parte nominal não assume um papel preponderante em nossa análise. Assim:

“Nosso critério básico para considerar uma construção como uma CVS é a presença de um verbo semanticamente desbotado (verbo-suporte) ligado a um substantivo abstrato, precedido ou não por uma preposição, de forma a expressar um significado único” (PEREIRA, 2017, p. 23).

---

<sup>79</sup> Em alemão, no original: Zu der Charakteristika der Funktionsverb gehört eine besonders enge Bindung an die PrGr (**zur Geltung kommen; zur Anwendung bringen**). Funktionsverb und PrGr bilden gemeinsam ein sogenanntes *Funktionsverbgefüge* (FVG). (Grifos do autor)

Com esse critério, é possível que construções relativamente distintas entre si componham o rol de CVS, como as dos seguintes exemplos:

(3) In der Gaußstraße **kommen** Stücke aus Tallinn, BogotÆ [sic], Berlin, Wien und Rio de Janeiro **zur Aufführung**. (HMP11/JAN.01711 Hamburger Morgenpost, 21.01.2011, S. 20, 21; Festival in Thalia Lessing ganz lässig Premieren, Konzerte, Stadtpaziergänge - und alles im Namen des großen Dichturfürsten)

(4) Das **bringt** mich **auf die Idee**, es an diesem Wochenende zu putzen. (BRZ12/MAR.05815 Braunschweiger Zeitung, 10.03.2012;)

(5) Die Funktion **bringt** dem Internetkonzern immer wieder **Ärger**, es ist mehrfach zu Gerichtsverfahren gekommen. (HAZ12/SEP.00493 Hannoversche Allgemeine, 10.09.2012; Google &#8211; eine Gerüchtemaschine?)

Em (3), o VS está ligado a uma parte nominal que contém uma preposição e um substantivo deverbal, formado a partir do verbo *aufführen*, que é o responsável pelo significado da CVS, além de ser um sinônimo dela. Esse é o exemplo de uma CVS prototípica, pois ela contém todos os elementos componentes de uma CVS de acordo com as definições dos diferentes autores mencionados acima, inclusive Einsenberg (idem). O exemplo (4), embora tenha a presença de uma preposição na parte nominal, afasta-se do exemplo prototípico, ou seja, é mais periférico, pois o seu substantivo abstrato não é deverbal, tendo origem na palavra francesa *idée* (cf. Duden Online). O exemplo (5) também é considerado periférico por não conter uma preposição na parte nominal, embora o substantivo seja deverbal, derivado do verbo *ärgern*.

Contudo, é preciso delimitar o que se entende por “verbo semanticamente desbotado”, que leva um VP a se tornar um VS. O desbotamento semântico se refere a um dos mecanismos da gramaticalização, entendido como “a perda de conteúdo semântico, mais precisamente, de significado lexical” (FERRARESI, p. 12, tradução nossa)<sup>80</sup>.

A gramaticalização, por sua vez, pode ser definida como:

(...) a mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam (partes de) uma construção com uma função gramatical ou atribuem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical<sup>81</sup> (TRAUGOTT, 2009, p. 91, tradução nossa).

---

<sup>80</sup> Em alemão, no original: (...) der Verlust an semantischem Inhalt, genauer gesagt, an lexikalischer Bedeutung.

<sup>81</sup> Em inglês, no original: The change whereby in certain linguistic contexts speakers use (parts of) a construction with a grammatical function, or assign a new grammatical function to an already grammatical construction.

Uma palavra lexical é aquela que tem significado próprio, que é “autônoma”, por exemplo, substantivos, verbos plenos, adjetivos. Uma palavra gramatical exerce uma função gramatical no texto e não é considerada uma possuidora de sentido lexical, por exemplo, preposições, conectores e pronomes.

No entanto, as fronteiras entre o léxico e a gramática não são bem definidas e, na teoria da gramaticalização, entende-se que há um *continuum* entre eles (cf. CASTILHO, 2010; GONÇALVES et al., 2007; NEVES, 2002). Dessa forma, o VS, que nem é tão lexical quanto um substantivo, VP, adjetivo ou advérbio, mas nem tão gramatical quanto uma preposição, artigo ou verbo auxiliar, encontra-se em algum ponto desse *continuum*, podendo estar em diferentes estágios de gramaticalização. Dá-se o nome de *cline* ao caminho que a palavra “percorre” no *continuum* entre o léxico e a gramática durante o processo de gramaticalização, por exemplo: item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional<sup>82</sup> (HOPPER; TRAUGOTT, 1994, p. 7, tradução nossa).

O VS é originalmente um VP, mas que foi gramaticalizado e passou a depender de um substantivo para ter sentido lexical. De acordo com Castilho (2010, p. 397), um dos caminhos possíveis, mas não obrigatório, que o verbo pode percorrer em sua gramaticalização pode ser expresso pelo seguinte *cline*: VP > verbo funcional (VS) > verbo auxiliar. Em uma das extremidades do *continuum* está o VP e, na outra, encontramos o verbo auxiliar, que apenas colabora com a função gramatical de estabelecer a concordância com a pessoa e número. O VS está no centro do *continuum* e, além da marca de tempo, pessoa e número, determina a *Aktionsart* (também chamada de “modo da ação”, que pode ser, de maneira geral, perfectiva – pontual no tempo – ou imperfectiva – durativa) (cf. HELBIG; BUSCHA, 2001; EROMS, 2000; BATTAGLIA, 1999; LEISS, 1992; HERINGER, 1968).

Como a palavra gramaticalizada passa a depender de outra para ter sentido lexical, é comum que a coocorrência das duas seja cada vez mais frequente na língua e, com o tempo, passem a ser compreendidas como um só item lexical, sendo esse o fenômeno da lexicalização. Brinton (2011) faz a seguinte afirmação sobre a lexicalização de CVS:

---

<sup>82</sup> Em inglês, no original: content item > grammatical word > clitic > inflexional affix.

Se nós compreendermos a lexicalização, em seu sentido mais amplo, como “uma adoção pelo léxico” [...], a visão global histórica irá pontuar que os predicados complexos estão submetidos a um processo de lexicalização. Predicados complexos mostram uma tendência à fusão – sintática e semântica – para uma unidade lexical que é guardada em um inventário (o léxico) e é acessado holisticamente<sup>83</sup> (BRINTON, 2011, p. 565, tradução nossa).

A autora argumenta que gramaticalização e lexicalização não são processos opostos, mas que “representam processos de reforço mútuo que levam à variação gramatical<sup>84</sup>.” (BRINTON, 2011, p. 569, tradução nossa). Ou seja, para formar uma CVS, o verbo é gramaticalizado e passa a formar unidades lexicais com os substantivos, o que quer dizer que a construção é lexicalizada. Por isso, os testes de lexicalização da CVS contribuem para verificar a gramaticalização do VS. Esses testes consistem em mudar características de uma CVS e verificar se elas são aceitas. As mudanças testadas são detalhadas nas subseções abaixo (cf. HELBIG; BUSCHA, 2001; LANGER, 2004).

## 2.1 Teste da pronominalização

É a substituição da parte nominal da CVS por um pronome. Os pronomes são reconhecidos por sua propriedade dêitica e, portanto, dependem de um referente no texto ou no mundo real para terem sentido. Como em uma CVS o verbo não tem sentido lexical, pois este se situa na parte nominal da construção, infere-se que a parte nominal não pode ser substituída por um pronome sem que haja a perda do sentido da CVS e o verbo adquira novamente seu estatuto de VP. No exemplo (6) há uma CVS e, no exemplo (7), mostra-se a perda de significado através da substituição do substantivo por um pronome na parte nominal:

(6) Dazu **wird** am besten dreimal Wasser im Gerät **zum Kochen gebracht** und danach weggegossen. (HMP13/JUN.00713 Hamburger Morgenpost, 08.06.2013, S. 26; TELEGRAMM)

(7) Dazu **wird** am besten dreimal Wasser im Gerät **dahin gebracht** und danach weggegossen.

---

<sup>83</sup> Em inglês, no original: If we understand lexicalization in its broadest sense as ‘adoption into the lexicon’ (...), the historical overview would point to ComPreds undergoing a process of lexicalization. ComPreds show a tendency towards fusion – both syntactic and semantic – into a lexical unit that is stored in the ‘inventory’ (the lexicon) and is accessed holistically.

<sup>84</sup> Em inglês, no original: Lexicalization and grammaticalization represent mutually reinforcing processes that lead to grammatical variation.

A CVS em (6) *zum Kochen bringen* pode ser considerada sinônima do verbo *kochen*. Ao substituírmos a parte nominal *zum Kochen*, que carrega o nome da ação, pelo pronome *dahin*, a CVS deixa de existir e o significado de toda a sentença muda, podendo ser reinterpretada com o sentido de *kommen* como um VP. Assim, podemos concluir que o verbo está gramaticalizado, dependente da parte nominal para ter significado e, conseqüentemente, a construção deve ser tomada holisticamente.

Neste trabalho, consideramos que teste da pronominalização é o principal para o reconhecimento de CVS em um *corpus* e compreendemos que o verbo e a parte nominal da construção não estão coesos o suficiente para que ela seja considerada uma CVS se a parte nominal da construção puder ser substituída por um pronome. Assim, todas as CVS deste artigo respondem afirmativamente ao teste da pronominalização e a lexicalização da CVS é testada através dos outros testes descritos abaixo.

## 2.2 Teste da mudança de artigo

Para haver uma lexicalização, o conjunto de palavras que forma a construção deve estar bem coeso e não pode sofrer modificações. Uma das conseqüências é que o artigo da CVS não pode ser alterado. O artigo pode ocorrer em uma das três formas: definido, indefinido ou nulo. Assim, se uma CVS possuir um artigo definido, ele não pode ser substituído por um artigo indefinido ou nulo se a CVS estiver lexicalizada. Nos exemplos (8) a (10) abaixo, pode-se inferir que a CVS *zu Ende bringen* não está lexicalizada, pois é possível modificar seu artigo, que pode ser nulo (*zu Ende*), definido (*zum Ende*) e indefinido (*zu einem Ende*).

(8) "Ulla hat mir enorm geholfen. Sie hat mir insbesondere geholfen, mein Buch **zu Ende zu bringen**, die 'Schweigeminute'." (FOC11/FEB.00296 FOCUS, 21.02.2011, S. 92-94; Vom Gewinn des Alters)

(9) Die möchte ich gern **zu einem guten Ende bringen**. (FOC13/JUN.00140 FOCUS, 10.06.2013, S. 30-33; Gesamttitel: Was wussten Sie wann, Herr Minister?)

(10) Fast könnte man meinen, dass sich der Autor davor scheut, die zu Beginn sehr verheißungsvoll angelegten Spannungsbögen zumindest ansatzweise **zum Ende zu bringen**. (NUZ12/JUL.00091 Nürnberger Zeitung, 02.07.2012, S. 29; Ein Lied von Eis und Feuer; geht weiter - Hat George R. R. Martin Angst vor dem Ende des Spannungsbogens)

### 2.3 Teste da pluralização

Outra consequência da lexicalização é a impossibilidade de se pluralizar o substantivo da parte nominal da CVS. Em caso de sua pluralização, infere-se que a CVS não está lexicalizada, como mostra, no exemplo (11), uma ocorrência pluralizada da CVS *zur Explosion kommen*:

(11) Unter anderem muss verhindert werden, dass es **zu Explosionen kommt** oder radioaktive Gase oder Flüssigkeiten in das Bergwerk gelangen. (BRZ11/JUN.04574 Braunschweiger Zeitung, 11.06.2011; Asse-Kammer wird im November angebohrt)

### 2.4 Teste da mudança ou inserção de adjetivo

Também o adjetivo não pode ser modificado em CVS lexicalizadas. Caso não haja adjetivo na CVS lexicalizada, o substantivo da parte nominal não pode ser adjetivado. A CVS *unter Kontrolle bringen* não responde afirmativamente ao teste do adjetivo, como pode ser observado no exemplo (12):

(12) Allerdings währt die Vorfreude der Teilnehmer nur kurz, denn Chorleiter Werner ist ein Diktator am Pult, der alle Zwischentöne vom einschleimenden Säuseln bis zum Kasernenhofgebrüll beherrscht, um die Gesangstruppe **unter seine absolute Kontrolle zu bringen**. (BRZ10/JAN.04334 Braunschweiger Zeitung, 12.01.2010; So abgründig kann eine Chorprobe sein)

### 2.5 Teste da negação com *kein*:

A negação com *kein* possui restrições, mas não é proibida em todos os tipos de CVS lexicalizadas. De acordo com Helbig e Buscha (2001, p. 90), quando a CVS é formada com a parte nominal preposicionada, se ela estiver lexicalizada, a negação é feita apenas com o *nicht* e não com o *kein*, pois seu uso equivaleria à mudança de artigo. Se a parte nominal da CVS não for preposicionada, a negação pode ser feita tanto com *nicht* quanto com *kein* no caso do artigo ser nulo. Por outro lado, a negação é feita necessariamente com *kein* se o artigo for indefinido. Em (13), observa-se que a CVS *in Zusammenhang bringen* responde negativamente para lexicalização ao teste da negação:

(13) Zwar gibt es in Warschau eine markante Kirche des heiligen Alexander, die zwischen 1818 und 1825 erbaut wurde, doch die Warschauer **bringen** sie **in keinen Zusammenhang** mit dem Zaren, geschweige denn mit so etwas wie Dankbarkeit für einen Russen. (ZGE15/MAI.00008 Zeit Geschichte, 19.05.2015, S. 36; Geteilte Hoffnung)

Entre as CVS com partes nominais não preposicionadas do nosso rol, foram registradas somente ocorrências de construções com os VS *bringen* e *kommen* com artigo nulo, ou seja, que aceitam a negação tanto com *nicht* quanto com *kein*, o que determina a inaplicabilidade desse teste nessas ocorrências.

### 3 Metodologia

Os dados das construções com o VS *bringen* e *kommen* neste artigo e a análise qualitativa neles empregada estão registrados na seção “Metodologia” da dissertação de Pereira (2017, p. 62-70). Na presente seção, resumimos o método de obtenção desses dados durante a pesquisa de mestrado.

Para empregar uma análise em dados linguísticos reais, escolhemos a Linguística de *Corpus*, que é entendida como “uma abordagem empírica para o estudo da língua” (TAGNIN, 2015, p. 19). Dessa forma, foi constituído um *corpus* de estudo através do sistema de pesquisa, gerenciamento e análise de *corpora*, chamado *Cosmas II*. Esse sistema é disponibilizado pelo IDS (*Leibniz-Institut für Deutsche Sprache*), e permite o acesso ao *corpus* de referência alemão DeReKo (*Deutsch Referenz Korpus*).

O *corpus* foi formado a partir da busca pelos verbos *bringen* e *kommen* em suas formas infinitivas e conjugadas (*bringe, bringst, bringt, brachte* e *gebracht; komme, kommst, kommt* e *gekommen*). A faixa de tempo selecionada para o recorte sincrônico da pesquisa foi entre os anos de 2010 e 2015. Por acreditarmos que os textos jornalísticos são adequados para a pesquisa por apresentarem uma linguagem atualizada e dentro da norma culta, selecionamos os dados provenientes de textos de veículos de comunicação alemães como *Braunschweiger Zeitung*, *Focus*, *Hamburger Morgenpost*, *Hannoversche Allgemeine Zeitung* e *Nürnberger Zeitung*.

Até o momento da pesquisa de mestrado, não foi possível elencar CVS de maneira automática através do sistema *Cosmas II*, uma vez que a coocorrência do verbo e do substantivo em uma sentença não é garantia da presença de uma CVS. Por isso, para o reconhecimento inicial de CVS, aplicou-se o teste da pronominalização (cf. seção 2 deste artigo; PEREIRA, 2017). Assim, a unidade lexical formada pelo VS e pela parte nominal deve ser avaliada subjetivamente, caso a caso, o que não permite tratamentos estatísticos sobre essas construções. Por isso, os dados foram analisados qualitativamente.

Para empregar os testes de lexicalização explicitados na seção 2 deste artigo e em Pereira (2017), o mesmo método manual de busca por CVS foi usado para averiguar se havia ocorrências das CVS que respondessem negativamente aos testes. Assim, foram pesquisadas ocorrências de cada uma das CVS com mudança no artigo da parte nominal, com o substantivo pluralizado, com mudança ou inserção de adjetivo e, em caso da parte nominal da CVS ser preposicionada, com a negação com o pronome de negação *kein*. Os resultados da análise da pesquisa são discutidos na próxima seção deste artigo.

#### **4 Análise das construções com os VS *bringen* e *kommen***

No presente artigo, seguimos a dissertação de mestrado de Pereira (2017), onde foram classificadas como CVS as ligações verbo-nominais que expressam um significado único e literal, cujo substantivo seja abstrato, podendo ou não ser precedido por uma preposição. Como o teste da pronominalização (cf. seção 2) ajuda a identificar CVS, todas as ocorrências desse tipo de construção da dissertação e do presente artigo respondem afirmativamente a esse teste.

As CVS com *bringen* e com *kommen* foram classificadas em prototípicas e não prototípicas por Pereira (2017). Do grupo das prototípicas, fazem parte CVS cuja parte nominal seja composta por um verbo abstrato deverbal e uma preposição. As CVS não prototípicas, por sua vez, podem ser preposicionadas com substantivo abstrato não deverbal ou podem ser não preposicionadas.

Após a aplicação dos testes de lexicalização nos dados que compõem o *corpus*, classificamos as CVS em lexicalizadas e não lexicalizadas. Do grupo das lexicalizadas, fazem parte apenas as CVS que responderam afirmativamente a todos os testes de lexicalização descritos na seção da fundamentação teórica deste artigo. Quando pelo menos um dos testes apresentou resultado negativo, consideramos a CVS como não lexicalizada.

Para compor o presente artigo, partimos dos resultados apresentados na dissertação de mestrado de Pereira (2017). Assim, as subdivisões desta seção norteiam-se pelos resultados dos testes de lexicalização das construções com o VS *bringen*. Essas são comparadas com as construções com o VS *kommen*, cujos testes de lexicalização, por vezes, apresentam resultados diferentes de suas construções sinônimas com *bringen*, conforme mostram as subseções 4.1 e 4.2 a seguir.



#### 4.1 Construções lexicalizadas com o VS *bringen* e suas correspondentes com o VS *kommen*

Entre as construções com o VS *bringen* prototípicas e lexicalizadas, encontramos substantivos deverbiais formados a partir da substantivação do verbo no infinitivo: *Erliegen*, *Halten*, *Kochen*, *Rutschen*, *Stocken* e *Tanzen*. Também há substantivos formados sem sufixação, com ou sem mudança na vogal do radical, como *Räson* (*räsonieren*), *Schwung* (*schwingen*), *Ausdruck* (*ausdrücken*), *Einsturz* (*einstürzen*), *Fall* (*fallen*) e *Sprache* (*sprechen*). Em alguns casos, o sufixo *-ung* é adicionado: *Abstimmung* (*abstimmen*), *Bewegung* (*bewegen*), *Erscheinung* (*erscheinen*) e *Verwirrung* (*verwirren*). Além desses, há a formação do substantivo *Explosion*, em que o verbo *explodieren* perde a marca de infinitivo e recebe o sufixo *-ion*. As preposições *in* e *zu* acompanham os substantivos desse grupo.

As construções com o VS *bringen* não prototípicas lexicalizadas são formadas com os substantivos abstratos *Macht* e *Vernunft*. Ambos têm origem no alto alemão médio (*Mittelhochdeutsch*) (cf. DUDEN ONLINE). Elas foram classificadas como não prototípicas porque os substantivos não têm origem em verbos que ainda estejam em uso no *Hochdeutsch* (alto alemão) e são mais próximos dos adjetivos *mächtig* e *vernünftig*. Para formar as CVS com *bringen* e com *kommen*, recebem as preposições de lugar *an* e *zu* respectivamente.

As CVS formadas com as partes nominais *zum Kochen*, *zum Tanzen*, *ins Stocken*, *zu Fall*, *zur Räson*, *zur Vernunft* e *in Schwung* responderam afirmativamente a todos os testes de lexicalização tanto com o VS *bringen* quanto com o VS *kommen*. Em contrapartida, as partes nominais expostas no Quadro (1) (abaixo) estão lexicalizadas somente em combinação com o VS *bringen*, tendo sido encontradas no *corpus* as seguintes variações nas construções com o VS *kommen*:

Parte nominal da CVS com <i>kommen</i>	Teste da mudança de artigo	Teste da pluralização	Teste da mudança de adjetivo	Teste da negação com <i>kein</i>
zur Abstimmung	zu einer Abstimmung	-	zu einer erweiterten Abstimmung	zu keiner Abstimmung
zum Ausdruck	-	-	zu literarischem Ausdruck	-
in Bewegung	in die Bewegung	zu Bewegungen	-	-
zum Einsturz	zu dem Einsturz/ zu einem Einsturz	-	-	-
zum Erliegen	-	n/a	zum völligen Erliegen	-
zur Erscheinung	-	zu diesen Erscheinungen	zu sinnlicher Erscheinung	-
zur Explosion	zu einer Explosion	zu Explosionen	zu einer gewaltigen Explosion	zu keiner Explosion
zum Halten	-	n/a	zu fahrplanmäßigen Halten	-
an die Macht	-	-	an die politische Macht	-
ins Rutschen	in Rutschen	n/a	-	-
zur Sprache	zu Sprache	-	-	-
zur Verwirrung	zu einer Verwirrung/ zu Verwirrung	zu Verwirrungen	zu einer heillosen Verwirrung	-

Quadro 1: Variações na parte nominal das construções com o VS *kommen*  
 Fonte: da autora

Assim, enquanto 7 substantivos formam CVS lexicalizadas com ambos os verbos, 12 substantivos formam CVS lexicalizadas apenas com o VS *bringen*. Isso é um indício de que a parte nominal não exerce influência direta sobre os processos de lexicalização dos VS se for tomada isoladamente.

As CVS com *kommen* respondem aos testes de lexicalização de maneira não uniforme, isto é, podendo apresentar resultados negativos em somente um, em dois ou até em todos os testes. De maneira geral, percebe-se que o teste da negação tem uma tendência maior de oferecer um resultado positivo para lexicalização, com apenas duas ocorrências de CVS que recebem o pronome de negação *kein* em sua parte nominal. Ademais, nas construções em que o pronome ocorre, ele não é o único teste a apresentar um resultado negativo, coocorrendo com resultados negativos nos outros testes, como o da mudança de artigo e da mudança de adjetivo. O mesmo pode-se dizer do teste da pluralização, que, além disso, não pode ser aplicado em todas as CVS, uma vez que alguns dos substantivos não têm forma plural.

O teste da mudança de artigo pode ser, ao contrário, o único teste que indica a não lexicalização da construção, enquanto o resultado de todos os outros testes é afirmativo para lexicalização. O mesmo ocorre com o teste da mudança de adjetivo.

Neste grupo de CVS, encontramos também variações da preposição da parte nominal ao substituímos o VS *bringen* pelo VS *kommen*. A preposição de lugar *in* foi substituída pela preposição *zu* nas CVS com os substantivos *Bewegung* e *Verwirrung*.

#### **4.2 Construções não lexicalizadas com o VS *bringen* e suas correspondentes com o VS *kommen***

O grupo das CVS com *bringen* prototípicas e não lexicalizadas apresenta substantivos deverbais substantivados e não sufixados, com ou sem mudança na vogal, entre eles: *Abschluss* (*abschließen*), *Ende* (*enden*), *Kontrolle* (*kontrollieren*) e *Gefahr* (*gefährden*). Há substantivos sufixados com *-ung*, como *Abstimmung* (*abstimmen*), *Aufführung* (*aufführen*), *Ausbildung* (*ausbilden*), *Führung* (*führen*), *Ordnung* (*ordnen*) e *Verbindung* (*verbinden*), além de um substantivo com o sufixo *-heit*, de *Sicherheit* (*sichern*) e outro com *-nis* de *Bedrängnis* (*bedrängen*). Há também, neste grupo, o substantivo deverbal não sufixado e prefixado *Gespräch*, formado a partir do verbo *sprechen* e o prefixo *ge-*.

Do grupo das CVS com *bringen* não prototípicas e não lexicalizadas, fazem parte construções com os substantivos abstratos deadjetivais *Bewusstsein*, *Erfolg*, *Ruhm*, *Serienreife* e *Verruf*, todos preposicionados, e *Gerechtigkeit*, não preposicionado com o VS *bringen*, mas preposicionado com o VS *kommen*. Além disso, contém construções com os substantivos deverbais, porém não preposicionados, como *Entlastung* (*entlasten*) e *Leistung* (*leisten*), ambos sufixados com *-ung*, e *Hilfe* (*helfen*) e *Zuwachs* (*zuwachsen*), ambos não sufixados. Há, ainda, uma construção cujo substantivo não tem origem em outra palavra da língua alemã, *Idee*.

Entre as partes nominais das 14 construções com o VS *bringen* não lexicalizadas que compõem o presente trabalho, três formam construções com o VS *kommen* que respondem afirmativamente a todos os testes de lexicalização: *in Führung*, *in Gefahr* e *in Sicherheit kommen*. No grupo das construções não prototípicas, os substantivos *Verruf* e *Serienreife* formam construções lexicalizadas com o VS *kommen*. Esse resultado reforça a ideia de que as partes nominais são lexicalizadas de maneira diferente com cada VS.

Embora no grupo de CVS apresentado nesta subseção haja ocorrência das preposições de lugar *auf* e *unter*, a maioria das CVS ocorre com as preposições *in* e *zu*. É possível haver uma mudança de preposição da parte nominal quando há mudança do VS, como com o substantivo *Serienreife*, que ocorre com a preposição *in* na construção com o VS *kommen*, mas ocorre com *zu* na construção com o VS *bringen*. Os substantivos *Entlastung* e *Gerechtigkeit*, formam construções não preposicionadas com o VS *bringen*, porém com o VS *kommen*, recebem a preposição *zu* como em *zu einer deutlichen Entlastung kommen* e *zu mehr Gerechtigkeit kommen*.

Ocorrem as seguintes variações nas partes nominais das construções com o VS *bringen*, cujas sinônimas com *kommen* estão lexicalizadas (Quadro 2):

Parte nominal da CVS com <i>bringen</i>	Teste da mudança de artigo	Teste da pluralização	Teste da mudança de adjetivo	Teste da negação com <i>kein</i>
in Führung	in die Führung	-	-	-
in Gefahr	in die Gefahr	-	in ernste Gefahr	-
zur Serienreife	-	n/a	zur industriellen Serienreife	-
in Sicherheit	in die Sicherheit	-	-	-

Quadro 2: Variações das partes nominais em construções não lexicalizadas apenas com o VS *bringen*  
 Fonte: da autora

Nas ocorrências no Quadro (2), há resposta negativa para apenas um ou dois testes de lexicalização, sendo as variações encontradas nos testes da mudança de artigo e de adjetivo, mas não nos testes da pluralização e da negação com o pronome *kein*.

As seguintes variações ocorrem com as partes nominais das construções com o VS *bringen*, cujas sinônimas com o VS *kommen* também não estão lexicalizadas (Quadro 3):

Parte nominal da CVS com <i>bringen</i>	Teste da mudança de artigo	Teste da pluralização	Teste da mudança de adjetivo	Teste da negação com <i>kein</i>
zum Abschluss	zu einem Abschluss	-	zu einem anständigen Abschluss/ zum feierlichen Abschluss	-
zur Aufführung	-	-	zur zyklischen Aufführung	-
in die Ausbildung	in eine Ausbildung	-	in betriebliche Ausbildungen	-
in Bedrängnis	-	-	in finanzielle Bedrängnis	-

ins Bewusstsein	in das Bewusstsein	-	ins allgemeine Bewusstsein	-
zu Ende	zum Ende	-	zu einem guten Ende	-
Entlastung	eine Entlastung	-	eine minimale Entlastung	n/a
Erfolg	zu einem Erfolg	-	zum wirtschaftlichen Erfolg	-
Gerechtigkeit	die Gerechtigkeit	-	soziale Gerechtigkeit	n/a
in Gespräch	in ein Gespräch	in Gespräche	in das direkte Gespräch	-
Hilfe	die Hilfe	die Hilfen	weitere finanzielle Hilfe	n/a
auf die Idee	auf eine Idee	-	auf eine geniale Idee	-
unter Kontrolle	unter ihre Kontrolle/ unter die Kontrolle	-	unter seine absolute Kontrolle	-
Leistung	die Leistung	gute Leistungen	eine gute Leistung	n/a
in Ordnung	in eine Ordnung	-	in eine glaubhafte Ordnung	-
zu Ruhm	zum Ruhm	n/a	zu cineastischem Ruhm	-
in Verbindung	in die Verbindung	-	-	-
Zuwachs	einen Zuwachs	die größten Zuwächse	einen weiteren Zuwachs	n/a

Quadro 3: variações nas partes nominais das construções com o VS *bringen* também não lexicalizadas com o VS *kommen*  
Fonte: da autora

E com o VS *kommen* ocorrem as seguintes variações nas partes nominais (Quadro 4):

Parte nominal com o VS <i>kommen</i>	Teste da mudança de artigo	Teste da pluralização	Teste da mudança de adjetivo	Teste da negação com <i>kein</i>
zum Abschluss	zu einem Abschluss	zu erfolgreichen Abschlüssen	-	zu keinem Abschluss
zur Aufführung	zu einer Aufführung	zu Aufführungen	zur letzten Aufführung	-
in die Ausbildung	in eine Ausbildung	-	-	-
in Bedrängnis	in eine Bedrängnis	in finanzielle Bedrängnisse	in finanzielle Bedrängnis	-
ins Bewusstsein	in sein Bewusstsein	-	-	-
zu Ende	zu einem Ende zum Ende	-	-	-
zu Entlastung	zu einer Entlastung	zu Entlastungen	zu einer deutlichen Entlastung	-
zum Erfolg	zu einem Erfolg	zu Erfolgen	zu einem ungefährdeten Erfolg	-
Gerechtigkeit	die Gerechtigkeit	-	die soziale Gerechtigkeit	n/a
in Gespräch	in ein Gespräch	in Gespräche	in ein vertrauensvolles Gespräch	-

Hilfe	die Hilfe	-	die finanzielle Hilfe	n/a
auf die Idee	auf eine Idee	auf die Ideen	auf eine gute Idee	auf keine gute Idee
unter Kontrolle	-	-	unter staatliche Kontrolle	-
Leistung	-	die Leistungen	-	n/a
in Ordnung	in die Ordnung	-	-	-
zu Ruhm	-	n/a	zu großem Ruhm	-
in Verbindung	in eine Verbindung	in Verbindungen	-	-
Zuwachs	der Zuwachs/ ein Zuwachs	Die Zuwächse	der rasante Zuwachs	n/a

Quadro 4: variações nas partes nominais das construções com o VS *kommen* também não lexicalizadas com o VS *bringen*  
Fonte: da autora

A partir dos resultados dos testes de lexicalização expostos nos Quadros (3) e (4) acima, é possível observar que as construções com os VS *bringen* e *kommen* não respondem de maneira igual a todos os testes. Apesar disso, é possível observar nas construções com ambos os VS um resultado afirmativo nos testes da negação e da pluralização, o que condiz com a tendência dos testes de lexicalização aplicados nas construções não lexicalizadas com o VS *kommen*, mas lexicalizadas com *bringen* (cf. subseção 4.1).

Nesta seção, mostramos os resultados dos testes de lexicalização aplicados nas as construções com o VS *bringen* e suas sinônimas com o VS *kommen*. Na próxima seção, apresentamos as considerações finais deste artigo.



## 5 Considerações finais

Neste artigo, mostramos uma parte da pesquisa de mestrado de Pereira (2017), em que as construções com o VS *bringen* foram estudadas em paralelo às construções com o VS *kommen*. A pesquisa teve como fim investigar a relação de sinonímia entre as construções formadas com ambos os VS, com ênfase na expressão da passividade, além da gramaticalização e da lexicalização do verbo *bringen*. No presente artigo, expandimos a análise de Pereira (2017) a fim de realizar um paralelo também com a gramaticalização e a lexicalização do verbo *kommen*.

Partimos do princípio de que gramaticalização e lexicalização não são processos separados, mas que se complementam (cf. BRINTON, 2011). Assim, um verbo gramaticalizado forma construções lexicalizadas, e a lexicalização da CVS pode ser observada através de testes (cf. seção 2; PEREIRA, 2017; LANGER, 2004). Neste trabalho, aplicamos os testes da mudança de artigo, da pluralização, da mudança de adjetivo e da negação com *kein*. Caso os testes retornem resultados afirmativos, isto é, caso as mudanças testadas não sejam encontradas, as construções com *bringen* e com *kommen* estão lexicalizadas e esses verbos estão gramaticalizados.

Ao aplicar os testes, houve a preocupação de buscar as variações em *corpora*, evitando assim recorrer a exemplos forjados pela autora. Com esse método, observamos que as construções com a parte nominal idêntica respondem de maneira diferente aos mesmos testes de lexicalização quando substituímos o VS *bringen* pelo VS *kommen*. Assim, uma parte nominal pode formar uma CVS lexicalizada com *bringen*, mas não lexicalizada com *kommen* ou vice-versa. E, mesmo entre as partes nominais que formam CVS não lexicalizadas com ambos os verbos, os testes com resultado negativo que mostram a não lexicalização da construção podem não ser os mesmos para os dois verbos. Um exemplo é a parte nominal *zum Abschluss*, que ocorre com *kein* com o VS *kommen* (teste da negação com resultado negativo para lexicalização da construção), mas não com *bringen* (teste da negação com resultado positivo para lexicalização).

Como existem construções lexicalizadas e não lexicalizadas com os VS *bringen* e *kommen*, não é possível assumir que um dos VS está mais gramaticalizado do que o outro. É possível assumir, no entanto, que, em ocorrências com determinada parte nominal, um dos VS está mais gramaticalizado do que o outro por estar mais coeso a ela, admitindo menos mudanças. Se tomados isoladamente, *bringen* e *kommen* são VP e podem ser considerados VS somente se forem observados com a parte nominal da construção

holisticamente. Em outras palavras, se tomados isoladamente, ambos os verbos não estão gramaticalizados. Por outro lado, quando em coocorrência com a parte nominal, a gramaticalização varia caso a caso dentro do *continuum*.

A presente análise das construções com *bringen* e com *kommen* mostra a lexicalização associada à gramaticalização dos verbos. Da mesma forma que a lexicalização demonstra a união consagrada de duas ou mais palavras, a gramaticalização é justamente o processo pelo qual uma palavra passa a depender fortemente de outra, coocorrendo com mais frequência, podendo até formar um amálgama de palavras. Essa ligação de palavras lexicais com gramaticais ocorre de maneira aleatória, dependendo da convenção dos falantes, e demonstra que não há uma separação bem definida entre o léxico e a gramática.

Com o presente artigo, oferecemos um acréscimo à análise da gramaticalização e da lexicalização de construções com verbo-suporte da dissertação de mestrado de Pereira (2017), visando a contribuir com os estudos sobre o tema.

## Referências

ATHAYDE, Maria Francisca. *Verbo-suporte (Funktionsverbgefüge) do Português e do Alemão*. 1 a. ed. Coimbra: Cadernos do Cieg n. 1, 2001.

BATTAGLIA, Maria Helena Voorsluys. Aktionsart. In: *Pandaemonium Germanicum*, (3), São Paulo, nov. 1999, 259–271. <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/63977> (11/02/2020).

BRINTON, Laurel J. The Grammaticalization of Complex Predicates. In: NARROG, Heiko; HEINE, Bernd. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, 559–569.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

DUDEN. *Duden Online*. Berlin: DUDEN Verlag. (03/02/2020).

EISENBERG, Peter. *Grundriß der deutschen Grammatik*. Band 2: Der Satz. 2. Aufl. Stuttgart/Weimar: Verlag J. B. Metzler, 2004.

EROMS, Hans-Werner. *Syntax der deutschen Sprache*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000.

FERRARESI, Gisella. *Grammatikalisierung*. Heidelberg: Universitätsverlag, 2014.

- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite et. al. Tratado Geral sobre Gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs). *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, 15-66.
- HEINE, Antje. *Funktionsverbgefüge richtig verstehen und verwenden. Ein korpusbasierter Leitfaden mit finnischen Äquivalenten*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008.
- HELBIG, Gerhard; BUSCHA, Joachim. *Deutsche Grammatik - Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin und München: Langenscheidt, 2001.
- HERINGER, Hans-Jürgen. *Die Opposition von „kommen“ und „bringen“ als Funktionsverben: Untersuchungen zur grammatischen Wertigkeit und Aktionsart*. Düsseldorf: Pädagogischer Verlag Schwann, 1968.
- HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elisabeth Closs. *Grammaticalization*. New York, Cambridge: University Press, 1994.
- KAMBER, Alain. *Funktionsverbgefüge - empirisch*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2008.
- LANGER, Stefan. A Linguistic Test Battery for Support Verb Constructions. In: *Verbes Supports. Nouvel état des lieux*. Special issue of *Linguisticae Investigationes*, 2004, 171-184. [http://sos.coli.uni-saarland.de/data/svcs/support\\_verb\\_test\\_battery.pdf](http://sos.coli.uni-saarland.de/data/svcs/support_verb_test_battery.pdf) (05/12/2019).
- LEISS, Elisabeth. *Die Verbalkategorien des Deutschen. Ein Beitrag zur Theorie der sprachlichen Kategorisierung*. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A Delimitação das Unidades Lexicais: o caso das construções com verbo-suporte. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática: história, teoria e análise de ensino*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002, 189-206.
- PEREIRA, Marina Sundfeld. *Construções com os verbos-suporte bringen e kommen do alemão: significado ativo e passivo*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 2017.
- TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. A Linguística de *Corpus* na e para a Tradução. In: VIANA, Vander; TAGNIN, Stella Esther Ortweiler. *Corpora na Tradução*. São Paulo: Hub Editorial, 2015, 19-56.
- TRAUGOTT, Elisabeth Closs. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). *História do Português Paulista*. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, 91-101.

## Varição de registro no alemão contemporâneo: estudo preliminar

### Register variation in contemporary German: preliminary analysis

COSTA, Andressa<sup>85</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo preliminar sobre variação de registro no alemão contemporâneo. Trata-se de um estudo com base em um corpus de multirregistros e que tem como método a análise multidimensional, uma abordagem metodológica da linguística de corpus que usa ferramentas da linguística computacional e procedimentos estatísticos para identificar grupos de características que coocorrem em alta frequência em textos. Após a identificação dos grupos, é feita uma análise qualitativa para determinar as funções comunicativas ou dimensões que as características coocorrentes desempenham nos textos. Nesse estudo, foram usadas 47 variáveis linguísticas e identificadas cinco dimensões. A interpretação dessas dimensões, no entanto, tem caráter provisório e servirá de base para análise principal.

**Palavras-chave:** Linguística de corpus; variação de registro; análise multidimensional, alemão

**Abstract:** This article presents a preliminary study on register variation in contemporary German. The study is based on a multi-register corpus and uses the multidimensional analysis, a methodological approach from corpus linguistics which uses computational linguistic tools and statistical procedures to identify groups of characteristics that co-occur in high frequency in the texts. After the identification of the groups, a qualitative analysis is performed to determine the communicative functions or dimensions, that the co-occurring characteristics have in the texts. In this study, 47 linguistic variables were used and five dimensions were identified. The interpretation of these dimensions, however, is provisional and will serve as basis for the main analysis.

**Keywords:** Corpus linguistics; register variation; multidimensional analysis; German

---

<sup>85</sup> PUC São Paulo/GELC. E-mail: [acosta.andressa@gmail.com](mailto:acosta.andressa@gmail.com)

## 1 Introdução

O presente estudo se propõe a investigar a variação entre registros no alemão através da análise multidimensional. Essa abordagem metodológica de cunho empírico foi desenvolvida por BIBER (1988) e aplicada primeiramente para o inglês. Ao desenvolver a abordagem multidimensional, BIBER (1988, p. 13) parte do princípio de que padrões de características linguísticas que coocorrem consistentemente em textos sinalizam dimensões funcionais latentes. O objetivo da análise multidimensional é, portanto, identificar as dimensões linguísticas que emergem da análise quantitativa e qualitativa de padrões linguísticos coocorrentes em um corpus. Com base na revisão da literatura especializada, são identificadas características linguísticas consideradas relevantes e que contribuem para a diferenciação entre registros em uma língua específica.

Um aspecto importante nesse estudo multidimensional da variação textual é que texto é considerado sob a perspectiva de registro. Isso implica que: 1) A análise pode ser feita tanto em textos completos, quanto em trechos; 2) Qualquer característica léxico-gramatical pode servir de base para a análise, desde que ela seja frequente e recorrente nos textos de uma dada variedade; 3) A interpretação dos resultados é de base funcional, que atribui a cada fator uma ou mais funções comunicativas compartilhadas pelas características linguísticas que o compõem.

Esse trabalho tem como base um corpus composto por 49 registros das modalidades escrita, falada, discurso roteirizado e internet. A abordagem multidimensional não é de todo desconhecida dos linguistas alemães. No entanto, ainda não se tem conhecimento na literatura especializada de estudos com esse método aplicado ao alemão. Logo, esse estudo se propõe a preencher essa lacuna respondendo às seguintes perguntas: 1) Que características linguísticas coocorrem frequentemente nos registros estudados? 2) Que função comunicativa elas exercem nesses registros? 3) Quais são as dimensões de variação de registro no alemão?

Trata-se aqui de uma análise preliminar com base em 47 características linguísticas que puderam ser extraídas do corpus sem necessidade de uma preparação maior do material, trazendo, portanto, algumas contribuições importantes: por um lado, ele contribuiu para uma melhor definição do conjunto de características linguísticas a serem usadas na análise principal; por outro lado, ele revelou um primeiro conjunto de dimensões textuais do alemão que podem ser confirmadas e melhor desenvolvidas

futuramente. Os procedimentos metodológicos da análise multidimensional, bem como o corpus design, são descritos na seção 2. Na seção 3 são apresentados os resultados das análises, especificando quais características linguísticas compõem cada dimensão identificada e quais registros são mais marcados em cada dimensão. Além disso, é feita uma primeira tentativa de rotular cada dimensão de acordo com a função ou as funções comunicativas compartilhadas pelas características linguísticas que compõem as dimensões. Por fim, na seção 4, são abordadas as implicações do estudo para a pesquisa sobre variação textual no alemão, suas limitações e o desenvolvimento futuro da pesquisa.

## **2 Método e dados da análise**

Estudos baseados na análise multidimensional apresentam as seguintes características metodológicas (BIBER, 1988, p. 63): a) uso de corpora como base de dados; b) uso de programas de computador para contar a frequência das características linguísticas estudadas em uma grande variedade de textos; c) uso de técnicas estatísticas multivariadas, especialmente a análise fatorial, para identificar padrões de coocorrência de características linguísticas nos textos; d) uso de técnicas de análise microscópicas para interpretar os padrões de coocorrência subjacentes aos textos e identificar a função ou as funções comunicativas desses padrões.

A análise multidimensional é realizada em três etapas (BIBER, 1988, p. 64): a) Na primeira etapa, é feita uma revisão de pesquisas anteriores e gramáticas para a identificação de características linguísticas importantes. Em seguida, procede-se à compilação de um corpus em formato digital composto por uma gama variada de registros. Após a limpeza e etiquetagem do corpus, faz-se a contagem da frequência de ocorrência das características linguísticas nos textos através de programa de computador. b) Na segunda etapa, é realizada uma análise fatorial para identificar os grupos de características linguísticas que coocorrem em alta frequência nos textos (fatores). A seguir, os fatores são interpretados como dimensões textuais a partir da definição da função comunicativa mais amplamente compartilhada pelas características linguísticas que os compõem. c) Na terceira etapa, computam-se escores de fator para cada texto, situando-os nas dimensões (mais marcado, menos marcado e não marcado) e escores de fatores médios para os textos dentro de cada gênero, indicando quais textos são bons

representantes das suas categorias textuais. A seguir são descritos os procedimentos seguidos para a realização desse estudo:

## **2.1 Seleção das características linguísticas**

A partir da revisão da literatura especializada, foram identificadas características linguísticas importantes do alemão. Esse estudo preliminar se baseou em características mais gerais, que foram possíveis de se extrair com as ferramentas disponíveis. O intuito da análise preliminar é testar o modelo com uma constelação determinada de características linguísticas e identificar que aspectos precisam ser mais desenvolvidos. As características analisadas foram: a) adjetivo (atributivo e predicativo), b) partícula (resposta, intensidade, negação e verbal), c) advérbio, d) artigo (definido, indefinido, demonstrativo e possessivo), e) número cardinal, f) conjunção (comparativa, coordenada, subordinada com verbo finito e subordinada com infinitivo), g) preposição, h) interjeição, i) substantivo (nome próprio e substantivo comum), j) pronome (1.<sup>a</sup> pessoa, 2.<sup>a</sup> pessoa, 3.<sup>a</sup> pessoa, indefinido, demonstrativo, possessivo, relativo, reflexivo, interrogativo), k) advérbio pronominal (regular e interrogativo), l) verbo finito (auxiliar, modal e cheio no indicativo presente; auxiliar, modal e cheio no indicativo passado; auxiliar, modal e cheio no *Konjunktiv I* e auxiliar, modal e cheio no *Konjunktiv II*), m) imperativo, n) infinitivo com *zu*, o) particípio passado.

## **2.2 Compilação de um Corpus**

Um corpus de multirregistros (*Koder – Korpus deutscher Register*) foi construído especialmente para o projeto (COSTA, 2019). Ele é composto por 50 registros, 2.772 textos e mais de 12 milhões de tokens. Os textos coletados foram produzidos entre 1990 e 2019 e representam o alemão contemporâneo. Após a coleta, os textos foram limpos semiautomaticamente e etiquetados com o RFTagger (SCHIMD, LAWS, 2008).

## **2.3 Contagem da frequência das características linguísticas nos textos**

Após a construção e preparação do corpus (limpeza e etiquetagem), fez-se a contagem normalizada da frequência das características linguísticas nos textos com programa de computador. A frequência das características linguísticas foi normalizada

para um texto com total de 1.000 palavras para possibilitar a comparação da frequência de ocorrência das características estudadas em textos com tamanhos diferentes.

## **2.4 Análise Fatorial**

A contagem normalizada da frequência das características linguísticas é usada na análise fatorial para identificar grupos de características que coocorrem nos textos em alta frequência. Essa técnica estatística utiliza métodos multivariados para investigar correlações subjacentes a grupos de variáveis observadas e determinar o menor número de variáveis para explicar a variância nos dados (LOEWEN, GONULAL, 2015, p. 182). A análise fatorial foi conduzida nesse estudo com SAS (Statistical Analysis System) seguindo vários passos, descritos a seguir:

### **a) Fatorabilidade dos dados**

A adequação dos dados para a análise fatorial foi checada através de testes estatísticos, isto é, se o tamanho da amostra e o nível de correlação das variáveis independentes são apropriados. Tanto a correlação alta, como a correlação baixa entre as variáveis podem prejudicar os resultados da análise estatística. O coeficiente de correlação de Pearson foi usado para medir a existência de correlação alta entre as variáveis, enquanto que o teste de esfericidade de Bartlett foi usado para checar a existência de correlação baixa. O teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi usado para medir se o tamanho da amostra era apropriado para a análise.

### **b) Análise Fatorial Inicial**

Após checar a adequação dos dados, procedeu-se à análise fatorial inicial não rotacionada com o método principal para extração dos fatores estatisticamente importantes. O número de fatores a serem considerados na interpretação dos dados foi definido a partir observação do *Scree plot* gerado na análise fatorial e do *eigenvalue* de cada fator. Foram considerados apenas fatores com *eigenvalues* maiores que 1.



### c) Determinação do número de fatores

De acordo com *Scree plot* abaixo, quatro ou cinco fatores podem ser analisados. Como se pode notar no gráfico, a capacidade de um fator de explicar a variância nas variáveis observadas, medida pelo *eigenvalue*, diminui a partir do sexto fator. Mas ela é relativamente grande entre o quarto e o quinto fator, o que sugere uma solução de quatro ou cinco fatores. Decidiu-se por uma solução com cinco fatores para a análise.

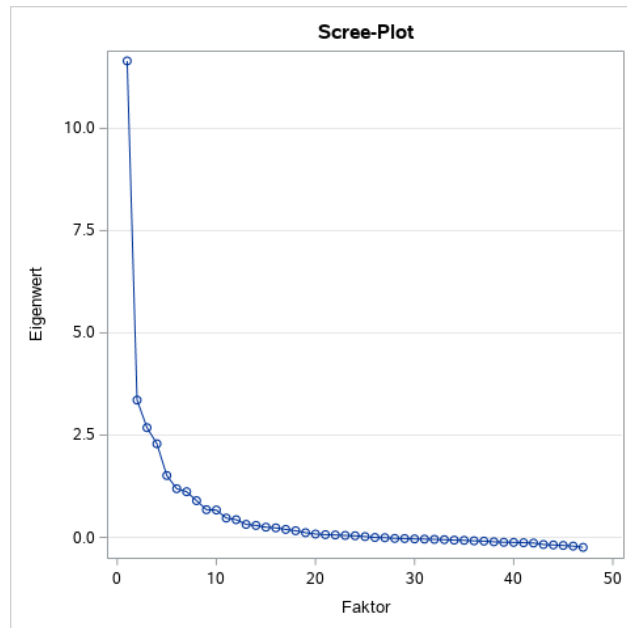


Gráfico 1: *Scree plot* de *Eigenvalues*

### d) Análise Fatorial Rotacionada

Definido o número de fatores, procedeu-se à análise fatorial rotacionada com o método promax. Na extração inicial não rotacionada dos fatores, a maioria das variáveis carrega no fator 1, o que dificulta a interpretação, já que os outros fatores apresentam uma quantidade muito reduzida de variáveis. Essa distribuição desproporcional das variáveis é compensada pela rotação dos fatores, fazendo com que cada variável carregue em poucos fatores. Desse modo, cada fator é caracterizado por um grupo pequeno, porém significativo de variáveis que melhor representam a parcela de contribuição do fator para explicar a variância compartilhada. Seguindo a recomendação em BIBER (1988, p. 88), foram excluídas da análise variáveis com carga fatorial abaixo de 0,30.

### **e) Interpretação dos fatores com base nas cargas fatoriais**

Nesse passo, cada fator é interpretado qualitativamente com base nas variáveis que o compõe, para identificar pelo menos uma função comunicativa que explique a coocorrência das características linguísticas nos textos. A interpretação dos fatores com base na carga fatorial das características linguísticas considera apenas a relação destas variáveis com o fator no qual elas carregaram. Para incluir os textos na análise qualitativa, é necessário um procedimento complementar à análise fatorial, a saber, a computação dos escores de fator.

### **2.5 Escores de fator**

O escore de fator caracteriza cada texto em relação a cada fator. Desse modo, é possível observar quais textos são mais marcados em relação a um fator, quais textos são menos marcados e quais textos não são marcados. O escore de fator é computado para cada texto em relação a cada fator. A computação dos escores de fator para esse estudo foi feita do seguinte modo: 1) Padronização das frequências para uma média de 0,0 e desvio padrão de 1,0. Isso previne que características que ocorrem com muito mais frequência exerçam maior influência na computação dos escores de fator do que aquelas com menor frequência (BIBER, 1988, p. 94); 2) Computação dos escores de fator para cada texto somando o número de ocorrências das características linguísticas em cada texto que compõem cada fator.

### **2.6 Interpretação – Dimensões textuais de variação**

Nessa segunda fase da interpretação dos resultados, o texto é a base de análise. A primeira interpretação feita considerando apenas as cargas fatoriais é revista. As funções comunicativas subjacentes aos textos identificadas através da interpretação das características linguísticas coocorrentes são definidas como dimensões de variação textual.

## **3 Resultados e Discussão**

A análise fatorial, com base em 47 variáveis linguísticas, identificou uma solução de cinco fatores. A estrutura fatorial final é descrita na Tabela 1. A carga fatorial indicada entre parênteses indica o peso de cada característica linguística no fator. Como se pode

observar na tabela, o fator 1 é o único que apresenta dois grupos (polo positivo e polo negativo) de variáveis linguísticas que coocorrem nos textos em uma relação de distribuição complementar. Todos os outros fatores apresentam apenas um grupo.

<b>Fator 1</b>	
Polo positivo	advérbio (0.88237), pronome demonstrativo (0.77100), pronome indefinido (0.76813), interjeição (0.68043), adjetivo predicativo, (0.57211), conjunção (0.48049), <i>Konjunktiv II</i> (0.44978), verbo auxiliar no presente do indicativo (0.34306), negação (0.39394), pronome interrogativo (0.32757), pronome de 1. <sup>a</sup> pessoa (0.44982), partícula de resposta (0.43663), pronome adverbial interrogativo (0.36611)
Polo negativo	substantivo (-0.86557), preposição (-0.74208), adjetivo atributivo (-0.59709), artigo definido (-0.58177), preposição com artigo (-0.49817), número cardinal (-0.38726), palavra composta truncada (-0.38515)
<b>Fator 2</b>	
Polo positivo	verbo auxiliar no presente do indicativo (0.69169), pronome de 2. <sup>a</sup> pessoa (0.66535), verbo modal no presente do indicativo (0.65417), negação (0.60934), pronome interrogativo (0.60923), pronome de 1. <sup>a</sup> pessoa (0.58638), imperativo (0.56392), partícula de resposta (0.54154), pronome adverbial interrogativo (0.50392), verbo cheio no presente do indicativo (0.35728)
<b>Fator 3</b>	
Polo positivo	partícula <i>zu</i> (0.65732), pronome relativo (0,55), artigo demonstrativo (0.46413), pronome adverbial (0.42733), conjunção com infinitivo (0.42031), infinitivo com <i>zu</i> (0.40929), pronome indefinido atributivo (0.35718), conjunção (0.43404), pronome reflexivo (0.393)
<b>Fator 4</b>	
Polo positivo	verbo passado do indicativo (0.74443), verbo auxiliar <i>Konjunktiv I</i> (0.56104), particípio II (0.49956), nome próprio (0.45568), verbo modal <i>Konjunktiv I</i> (0.37053), verbo modal passado do indicativo (0.35527)
<b>Fator 5</b>	
Polo positivo	pronome possessivo (0.66807), pronome de 3. <sup>a</sup> pessoa (0.5798), verbo cheio presente do indicativo (0.48115), partícula verbal (0.47756), pronome reflexivo (0.44332)

Tabela 1: Estrutura Fatorial

A interpretação dos fatores é um processo de análise qualitativa, que tem como objetivo identificar a função comunicativa que as características linguísticas significativamente coocorrentes exercem nos registros estudados. Nesse processo, observam-se não só a composição de cada fator como também os registros mais marcados neles. Identificada a função comunicativa compartilhada pelas características linguísticas que compõem os fatores, estes recebem um rótulo que descreve essa função compartilhada, passando assim cada fator a constituir uma dimensão de variação textual. Foram identificadas as seguintes cinco dimensões. Ressalte-se que os rótulos abaixo são provisórios:

Dimensão 1: Discurso oral vs. discurso letrado

Dimensão 2: Oralidade simulada

Dimensão 3: Discurso com foco explicativo

Dimensão 4: Discurso narrativo

Dimensão 5: (sem rótulo)

### **3.1 Dimensão 1: Discurso oral vs. discurso letrado**

#### **3.1.1 Polo Positivo: Discurso oral**

O polo positivo da dimensão 1 contém 12 variáveis que coocorrem com alta frequência nos registros estudados. A variável com maior carga fatorial é o advérbio. No entanto, ao observar a ocorrência de advérbios nos dados, nota-se que essa categoria abrange também partículas, tais como *ja*, *also*, *doch*, *auch*, *nur*, *so* etc., que são particularmente frequentes na comunicação oral (cf. DUDEN, 2009, p. 588). Isso se deve ao fato de que o etiquetador RFTagger não distingue entre advérbios e partículas. De fato, os etiquetadores existentes foram treinados em textos escritos e por isso não incluem características típicas da língua falada. O problema da não adequada anotação de características da língua falada nos corpora do arquivo foi abordado em WESTPFAHL, SCHMIDT (2013). Os cinco primeiros registros mais marcados nesse polo são registros falados provenientes do Banco de Dados do alemão falado do IDS (DGD) em Mannheim. Considerando que a variável advérbio no polo positivo da dimensão 1 inclui também partículas, e considerando que os registros mais marcados aqui são registros falados,

supõem-se que grande parte das ocorrências aqui descritas como advérbio são, na verdade, partículas. Além disso, ao observar as ocorrências de advérbios nos registros não marcados nesse polo, nota-se que neles se trata de fato de advérbios, e não partículas. Outro aspecto a se considerar são as interjeições que apresentam nessa dimensão uma carga fatorial alta. Interjeições são classificadas na gramática alemã também como um tipo de partícula. Isso implica que um grande número de partículas etiquetadas ora como advérbio, ora com interjeição coocorrem com outras características linguísticas no polo positivo da dimensão 1. Essa é, no entanto, uma questão a ser melhor observada na análise principal.

Outra característica linguística importante no polo positivo do fator 1 são os pronomes demonstrativos. Pronomes demonstrativos são usados para referir-se a objetos, pessoas e eventos situando-os num espaço e/ou tempo, no caso dos pronomes demonstrativos dêiticos, ou no discurso, no caso dos pronomes demonstrativos anafóricos (BECHARA, 2004, p. 187). Pronomes demonstrativos em alemão são: *der/die/das, dieser, jener, derjenige, derselbe* (DUDEN, 2009, p. 280). Entre eles, os tipos que mais ocorrem nos principais registros do polo positivo do fator 1 são *der/die/das*. Ao comparar com a ocorrência de demonstrativos nos registros mais marcados do polo negativo, percebe-se que há mais casos da forma genitiva (*dessen, derem, derer*) e da forma *dies-*. Um estudo interessante a ser realizado a partir dessa observação é investigar se há diferença na distribuição dos pronomes demonstrativos de acordo com o registro, isto é, se *der/die/das* são mais comuns em registros falados, enquanto que as outras formas são mais comuns em registros escritos, pois essa diferença de uso não é abordada nas gramáticas do alemão.

A categoria adjetivo predicativo abrange adjetivos que se referem a frases nominais e são termos oracionais independentes que constituem complemento de certos verbos (cf. DUDEN, 2009, p. 352). A variável oração subordinada com verbo finito abarca tanto conjunções que introduzem orações subordinadas substantivas (*Inhaltssatz*), quanto conjunções que introduzem orações subordinadas adverbiais. Para a análise principal, é importante diferenciar semanticamente as orações subordinadas. Contudo, nesse estudo preliminar, considerar-se-á apenas o fato de que a alta frequência de orações subordinadas e complemento predicativo indica que os textos marcados no polo positivo da dimensão 1 apresentam um forte estilo verbal.

Por fim, temos a variável verbo no passado do subjuntivo que descreve na verdade o modo *Konjunktiv II (KII)*. Ao observar as ocorrências dessa variável nos textos mais

marcados, nota-se que em praticamente 95% dos casos trata-se dos verbos auxiliares *sein*, *haben*, *werden* (usado para formar o *KII* da maioria dos verbos cheios) e verbos modais. O modo *Konjunktiv II* é usado no alemão para expressar irrealidade, pedidos/perguntas/propostas com cortesia (sobretudo com os verbos modais) e discurso reportado na língua falada e informal especialmente a forma *würde* + *Infinitiv*. O exemplo abaixo é um trecho retirado do subcorpus *Interview*, o registro mais marcado no polo positivo da dimensão 1. O exemplo ilustra o uso das características coocorrentes nos registros típicos desse polo:

- (1) MF ***ich*** schalte (.) ***das mal*** an (.) und höre ***da mal rein***  
 MF ***ja***  
 MF scheint zu funktionieren
- (2) BWS2 ***dann*** geht er ***halt*** weg]  
 MF ***ach so hmhm na gut***  
 MF ***ja dass das so unangenehm*** sein ***könnte*** wenn man na ja

[**Pronome 1ª pessoa** - **Pronome demonstrativo** - **Advérbio/Partícula** – **Advérbio**  
 - **Conjunção subordinada** – **Adjetivo predicativo** - **Konjunktiv II**]

Como se observa no exemplo acima, as partículas (*ja*, *so*) são classificadas como advérbio. Além dessa característica, há também os pronomes demonstrativos, verbo no presente do indicativo e pronome de 1.ª pessoa que são marcas de referência dêitica e situam o processo comunicativo no aqui e agora dos interlocutores, adjetivo predicativo e conjunção subordinada que indicam um estilo verbal e *Konjunktiv II*. Os 10 registros mais marcados no polo positivo da dimensão 1 são registros de fala (tanto de fala espontânea, quanto de discurso roteirizado) e constituem na sua maioria interação oral: *Interview*, *Alltagsgespräch*, *Prüfungsgespräch*, *Institutionelle Kommunikation*, *Wissenschaftlicher Vortrag*, *TED Talk*, *Krimiserie*, *Fernsehserie*, *Komödie*, *Filmdrama*.

Faltam, todavia, outras marcas importantes de interação nesse fator como pronome de não 2.ª pessoa e imperativo que aparecem na dimensão 2. Além disso, as características com mais peso sugerem como principal função comunicativa do polo positivo da dimensão 1 a marcação de oralidade, sobretudo quando se compara esse polo com o polo negativo.

### 3.1.2 Polo Negativo: Discurso letrado

O polo negativo da dimensão 1 é composto por características linguísticas que marcam um estilo nominal: substantivo com elementos que o acompanham como preposição, artigo, número cardinal e adjetivo em função atributiva. Além disso, há a presença de uma variável que parece ser típica do polo negativo dessa dimensão, já que ela só aparece aqui, enquanto as outras variáveis também ocorrem em outras dimensões. Trata-se de uma forma de apresentação de palavras compostas que apresentam uma parte em comum, como por exemplo: *Mittel- und Westeuropa* (Europa central e ocidental). A palavra *Europa* é o elemento comum nas duas palavras (*Mitteleuropa, Westeuropa*). O exemplo (3) ilustra um trecho de texto marcado nesse polo:

(3) Besser als **gewöhnliche** Wortschatzentlehnungen sind sie daher geeignet, die Interaktion der Sprachkontakt- mit der Sprachstrukturgeschichte (...) der beteiligten Einzelsprachen zu beleuchten. (agw01.txt)

[**Adjetivo atributivo** - *Substantivo comum* - palavra composta truncada - **Preposição** - Artigo definido]

Os 10 registros mais marcados contêm em sua maioria textos escritos e um texto de discurso roteirizado (notícia de telejornal). Características comuns a esses textos são linguagem altamente elaborada e objetiva: *Gesetzliche Texte, Stellenangebot, Business Kommunikation, Rezept, Gesprochene Nachricht, Dissertation Leben-, Ingenieur- und Naturwissenschaft, Wikipedia Artikel, Gebrauchsanleitung, Artikel Geisteswissenschaft, Dissertation Geisteswissenschaft*.

### 3.2 Dimensão 2: Oralidade simulada

A dimensão 2 apresenta uma estrutura fatorial bastante interessante. Por um lado, o seu polo positivo contém seis variáveis que também carregaram no polo positivo do fator 1, porém, elas obtiveram aqui maior carga fatorial, isto é, sua contribuição é maior na dimensão 2 do que na dimensão 1. Isso indica que há uma relação muito próxima entre as duas dimensões. Os 10 registros mais marcados na dimensão 2 são em sua maioria registros de discurso roteirizado, ou seja, textos escritos para serem falados: *Fernsehserie, Komödie, Filmdrama, Krimiserie, Liedertext, Theaterstück, Dokumentarfilm, Institutionelle Kommunikation, Professioneller Chat, TED talk*.

Além disso, a dimensão 2 compõe-se de várias características linguísticas que sinalizam interação. Pronomes de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoa, sobretudo no singular, tem função dêitica (cf. DUDEN, 2009, p. 263). Eles referem-se às pessoas participantes do processo de interação verbal e por isso presentes no contexto comunicativo. Pronomes interrogativos, partículas de resposta e imperativo são também marcas de interação. Eles pressupõem um eu que fala com um tu/você que por sua vez reage.

Formas verbais no presente do indicativo são uma constante na dimensão 2. Nesse caso, trata-se dos verbos auxiliares *sein* e *haben*, usados para compor o *Präsensperfekt*, para referir-se a acontecimentos passados em relação ao momento de fala atual e verbos modais. Segundo DUDEN (2009, p. 1111), os tempos do presente do indicativo são usados em uma situação que é típica da comunicação oral direta, na qual o ouvinte tem a possibilidade de interagir com o falante. Os exemplos (4) e (5) mostram como essas características são usadas nos textos mais típicos dessa dimensão:

(4) **Wie** kommt's, dass du **mich** besuchst? - Ach, **ich** bin zufällig in Berlin. (fs01.txt)

(5) Komm, lass uns hochgehen. - **Ok**. (fs01.txt)

[**Pronome adverbial interrogativo** – *Presente do Indicativo* – Pronome 2.<sup>a</sup> pessoa – *Pronome 1.<sup>a</sup> pessoa* – Imperativo – **Partícula de resposta**]

À primeira vista, conclui-se que pronomes pessoais de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas, pronomes interrogativos, partículas de resposta, verbo no imperativo e no presente do indicativo coocorrem em textos para produzir situações de interação oral. Essa hipótese é parcialmente confirmada por alguns dos registros mais marcados na dimensão 2. Contudo, há também entre os registros marcados alguns que não tem interação como textos de canção, documentário e TED talk. Além disso, chat não é comunicação oral, mas mediada por computador. Outro aspecto relevante nos registros principais diz respeito ao interlocutor: enquanto nos registros com interação direta, dialógica há uma certa familiaridade do sujeito falante com seu interlocutor, essa familiaridade falta em registros como texto de canção, documentário, TED talk pois o enunciador nesses casos se dirige a um público que ele desconhece. O elemento comum a esses textos é a oralidade, no aspecto conceitual, pois no aspecto medial chat seria excluído. Todavia, a oralidade aqui é distinta da oralidade da dimensão 1. A oralidade presente nos registros



prototípicos da dimensão 2 é simulada no sentido de não ser fala espontânea e sim fala preparada, ensaiada. De fato, os registros prototípicos dessa dimensão compõem-se em sua maioria de textos escritos para serem falados, com exceção de chat e comunicação institucional.

### 3.3 Dimensão 3: Discurso com foco explicativo

A dimensão 3 caracteriza-se pela recorrência de orações complexas indicada pela alta frequência de conjunções subordinadas. Segundo KOCH (2008, p. 68), conjunções estabelecem “entre orações, enunciados ou partes do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas.” Relações lógico-semânticas são estabelecidas entre orações que compõem um enunciado, enquanto as relações discursivas ou pragmáticas são estabelecidas entre dois enunciados distintos (cf. KOCH, 2008, p. 68; 71). Temos, portanto, na dimensão 3 diversas relações do tipo lógico-semânticas. Os registros mais marcados provêm de diferentes esferas comunicativas: *Plenarprotokolle*, *Populärwissenschaftlicher Artikel*, *Politische Rede*, *Leserbrief*, *Blog*, *Meinung*, *Leserkommentar*, *Leitartikel*, *Zeitungsinterview*, *Sachbuch*.

A partir do grupo de variáveis coocorrentes que compõe o fator 3, observa-se que construções com verbo no infinitivo precedidos pela partícula *zu* são bastante frequentes nos registros marcados nessa dimensão. Esse tipo de construção é representado nos dados pelas variáveis partícula *zu*, conjunção com infinitivo e *zu + Infinitiv*. Analisando as ocorrências das variáveis partícula *zu* e *zu + Infinitiv* no corpus, nota-se que se trata do mesmo tipo de característica linguística: verbo no infinitivo precedido por *zu*. A diferença é que as ocorrências etiquetadas com partícula são verbos simples (*zu interpretieren*), enquanto as ocorrências etiquetadas com *zu + Infinitiv* são verbos compostos com prefixo separável nos quais a partícula *zu* é acrescentada entre o prefixo e o verbo (*nachzudenken*). Isso, porém, não é uma diferença significativa em alemão, já que ela não é de natureza semântica, funcional, mas apenas formal. A diferença relevante no uso de construções infinitivas em alemão é de ordem sintática. Infinitivo com *zu* exerce em alemão as seguintes funções sintáticas: a) complemento oracional com função de sujeito ou objeto de certos verbos e locuções verbais; b) locução conjuntiva subordinativa formada pelas preposições *um (zu)*, *ohne (zu)* e *(an)statt (zu)* usadas para expressar

finalidade (*um ... zu*), substituição (*(an)statt ... zu*) e modalidade (*ohne ... zu*) (cf. WÖLLSTEIN-LEISTEN et al., 2006, p. 50-1).

As ocorrências identificadas como partícula *zu* e *zu + Infinitiv* englobam, no entanto, tanto complemento oracional (a) quanto locução conjuntiva subordinativa (b). Para uma análise mais acurada, é necessário observar a distribuição dos grupos sintáticos separadamente. Além disso, é importante diferenciar o tipo de locução conjuntiva, já que *um...zu*, *ohne...zu* e *anstatt...zu* não estabelecem o mesmo tipo de relação entre as orações que elas conectam. *Um...zu* estabelece uma relação de finalidade, *ohne...zu*, uma relação modal e *anstatt...zu*, de substituição (cf. WÖLLSTEIN-LEISTEN et al 2006: 50-1).

Um segundo grupo de variáveis coocorrentes nessa dimensão compartilha função atributiva, que por sua vez forma duas categorias de acordo com sua realização sintática: a) pronomes demonstrativos e pronomes indefinidos em função atributiva são usados em frases nominais; b) pronomes relativos introduzem orações relativas. Além disso, vale ressaltar que construções com *zu + Infinitiv* também são usados como atributo oracional (cf. WÖLLSTEIN-LEISTEN et al., 2006, p. 43).

Pronomes demonstrativos exercem função de referenciação anafórica. Porém, o modo de referenciar dos demonstrativos difere da referenciação feita por pronomes de 3.<sup>a</sup> terceira pessoa. Enquanto estes podem retomar também objetos-de-discurso que foram introduzidos em um momento bem anterior no texto, aqueles referem-se apenas a objetos-de-discurso que aparecem em um contexto imediatamente anterior. Isso se deve à natureza dêitica desses pronomes. Por isso se fala em dêixis anafórica (anadeixis) ao se referir à função dos pronomes demonstrativos. (DUDEN, 2009, p. 280; p. 1107).

Os pronomes indefinidos (*Indefinita*) são usados para referir-se a algo que não é identificável de modo preciso e têm via de regra função anafórica, sobretudo aqueles pronomes que designam quantificação (DUDEN, 2009, p. 309; 1106-7), que são as ocorrências mais frequentes dessa categoria nos registros mais marcados na dimensão 3. Os pronomes relativos também exercem função de referenciação anafórica. Eles conectam duas orações, introduzindo uma oração atributiva na qual fazem referência a um elemento da oração principal ou a toda oração (DUDEN, 2009, p. 302; p. 1068).

Por fim, há os advérbios pronominais (*Pronominaladverb*) ou advérbios preposicionais (*Präpositionaladverb*). Eles são compostos pelo elemento dêitico *da-/dar-*seguidos de preposição. Esse tipo de advérbio pode exercer diferentes funções no texto (cf. GRAMMIS): como pronome anafórico, contribui para a progressão temática; como conector, ele estabelece uma relação semântica específica entre dois enunciados (por

exemplo causa - *deswegen*, consequência – *deshalb*); como correlato de complemento preposicional realizado em forma de oração subordinada. Um aspecto importante a se ressaltar no uso dos pronomes adverbiais com função anafórica diz respeito ao tipo de elemento ao qual ele faz referência: eles podem referir-se a objetos, acontecimentos, ao próprio enunciado anterior, porém, eles não fazem referência a pessoas.

Além dessas características principais, há também grande recorrência de conjunções subordinadas com verbo finito, que também tem a função de estabelecer relações específicas entre orações e pronomes reflexivos, que exercem função de referenciação anafórica. Em (6) temos um enunciado composto pelo encadeamento de várias orações no qual uma ação a ser tomada é apresentada e logo justificada. Em (7) é apresentada uma explicação para algo dito anteriormente e que é retomado no enunciado através do pronome *dabei*. O pronome adverbial *darum* serve como correlato da oração infinitiva seguinte que explica a intenção por trás do enunciado do falante.

(6) Was wir, die Bundesregierung und die Länder, gemeinsam tun sollten, ist, **zu zeigen**, dass das Prinzip des Föderalismus ein Strukturprinzip Europas bleiben muss, und zwar mit mehr Chancen, **um** die kulturellen Identitäten unterhalb der Ebene des Nationalstaates sich stärker ausprägen **zu** lassen, *als* man es bisher für möglich hielt. (pp01.txt)

[**Infinitivo com zu** - *Conjunção com verbo finito* - Pronome indefinido atributivo - *Conjunção com infinitivo* – Pronome reflexivo]

(7) **Dabei** möchte Jenuwein nun ganz und gar nicht die herausragende Leistung der Genetiker schmälern, ihm geht es **darum**, auf deren Ergebnissen aufbauend die Biologie *voranzutreiben* und *zu klären*, was jenseits der Gene vererbt wird. (plinw10.txt)

[**Pronome adverbial** – *Infinitivo com zu*]

Os enunciados em (6) e (7) são exemplos de progressão textual do tipo explicativo no qual um enunciado esclarece ou justifica o conteúdo de outro enunciado. Esses enunciados podem estar conectados através de conjunções como em (6), ou serem relacionados através de pronome adverbial como em (7). Uma descrição mais detalhada sobre os mecanismos de textualização/discursivização de explicação encontra-se em JAHR (2000). A partir do exposto, conclui-se que os registros que são marcados na dimensão 3 caracterizam-se por uma alta recorrência de enunciados explicativos, o que não significa que os textos sejam essencialmente explicativos, mas que apenas tenham em comum a alta frequência de tais tipos de enunciados.

### 3.4 Dimensão 4: Discurso narrativo

A dimensão 4 contém alta incidência de verbos no passado do indicativo e verbos no *Konjunktiv I*, além de nomes próprios e particípio passado. Uma análise das ocorrências de particípio passado nos registros marcados na dimensão 4 mostra que se trata do tempo passado *Perfekt*. Os registros mais característicos nessa dimensão abrangem textos de registros jornalísticos, textos fictícios e textos informativos: *Gesprochene Nachrichten, Meldung, Zeitungsartikel, Belletristik, Wikipedia Artikel, Krimiserie, Sachbuch, Dokumentarfilm, Dissertation Lebens-, Ingenieur- und Naturwissenschaft, Zeitungsinerview*.

A partir da observação do grupo de características linguísticas mais frequentemente coocorrentes e dos textos mais marcados, pressupõe-se que esse grupo de características é usado em textos para expressar relatos de eventos. De fato, os principais registros dessa dimensão são textos jornalísticos, que têm função de informar sobre fatos e eventos ocorridos. Outros tipos textuais no grupo com função de informar são documentários e artigos da Wikipédia. Literatura de ficção e série policial compõe um grupo específico, cuja principal função é contar uma história. Livros de não ficção e teses (no caso das áreas de biologia, engenharia e ciências naturais) têm a função de informar para instruir, relatando nesse processo também o que outros autores disseram/escreveram sobre o tema em questão.

Além disso, a dimensão 4 apresenta uma grande recorrência de formas verbais no passado do indicativo. Estas formas verbais englobam verbos cheios, auxiliares e modais usados no tempo *Präteritum*. O *Präteritum* é usado em alemão para narrar eventos acontecidos em um momento de referência anterior ao momento da narração/fala (cf. GRAMMIS). Na perspectiva da linguística textual proposta por WEINRICH (2001), que agrupa as formas verbais nas categorias tempos do comentário (*besprochenen Tempora*) e tempos do relato (*erzählende Tempora*), o *Präteritum*, assim como *Präteritumperfekt* e *Futur des Präteritum/Futurperfekt des Präteritum*, são tempos do mundo narrado (*erzählte Welt*). Eles caracterizam uma situação discursiva relaxada e indicam ao interlocutor que o que está sendo dito se trata de um relato ao qual ele não precisa reagir (DUDEN, 2009, p. 1110-1).

Formas verbais no modo *Konjunktiv I* também são recorrentes nessa dimensão. Elas são usadas em alemão para relatar enunciados proferidos em outro contexto de modo indireto. O modo *Konjunktiv I* nessa função é tipicamente usado em textos jornalísticos para sinalizar distanciamento do autor em relação à veracidade do enunciado que ele está

relatando (cf. GRAMMIS). A variável particípio passado é usada para formar o tempo composto *Präsensperfekt*, usado para se referir a um evento passado, cujo momento de referência é o momento da narração/fala. Ele é composto pelos auxiliares *sein* ou *haben* conjugados no presente do indicativo. No discurso reportado, *sein* e *haben* são conjugados no modo *Konjunktiv I* para sinalizar discurso indireto. Finalmente, a variável nome próprio é usada para se referir a indivíduos como pessoas, lugares, países, regiões etc. específicas que podem ser tanto o objeto-de-discurso sobre o qual é relatado algo, quanto o sujeito enunciador do enunciado relatado. O exemplo (8) ilustra um relato indireto com o conteúdo do relato no modo *Konjunktiv I*, o sujeito enunciador é referido com nome próprio e seu ato de enunciação com verbo no *Präteritum*:

(8) Der deutsche Außenminister **Frank-Walter Steinmeier** *erklärte*, der Sicherheitsrat habe noch einmal **bestätigt**, ... (gn01.txt)

[**Nome próprio** - *Verbo Passado Indicativo* - Verbo auxiliar Konjunktiv I - **Particípio Passado**]

Partindo dessas considerações, assume-se nesse estudo que a coocorrência frequente de *Präteritum*, *Konjunktiv I* e nome próprio nos textos conferem a eles um caráter narrativo sendo, portanto, a função comunicativa compartilhada por estas características linguísticas expressar narratividade.

### 3.5 Dimensão 5: (sem rótulo)

A dimensão 5 apresenta uma estrutura fatorial com apenas quatro variáveis (as partículas verbais são parte dos verbos) (cf. tabela 1). Os registros mais marcados abrangem sete textos de ficção e três textos não-ficção. O tipo textual mais marcado é horóscopo: *Horoskop*, *Theaterstück*, *Belletristik*, *Filmdrama*, *Liedertext*, *Fernsehserie*, *Krimiserie*, *Predigt*, *Komödie*, *Gebrauchsanleitung*.

Por se tratar de uma dimensão pouco clara no que diz respeito às variáveis que a compõem, prescindiu-se nesse estudo de uma interpretação para determinar a função comunicativa compartilhada pelas características linguísticas. Contudo, essa dimensão foi mantida, pois como se pode observar no gráfico 1 (*scree plot*), ela consegue capturar um alto grau de variância em relação ao fator 4. Na análise principal, será usado um grupo maior de variáveis do que nesse estudo, o que pode melhorar a composição do fator 5, contribuindo para a sua interpretação.

#### 4 Considerações finais

Esse estudo preliminar identificou 5 dimensões de variação textual com base em um número reduzido de características. Ainda assim, ele apresentou resultados consistentes, que poderão ser confirmados na análise principal. Várias características linguísticas importantes não puderam ser incluídas nesse estudo por demandarem mais tempo de preparo do corpus. A realização dessa análise foi importante, contudo, para definir melhor não só quais variáveis linguísticas são de fato interessantes, como também quais aspectos de algumas dessas variáveis devem ser analisadas. Por exemplo, a análise indicou que considerar as conjunções de modo geral pode ser tão interessante quanto especificar os seus tipos semânticos.

Além disso, concluiu-se a partir dos resultados que não há necessidade de especificar todas os tempos verbais com presente, *Perfekt*, *Präteritum*, mais-que-perfeito futuro I e II, pois a oposição significativa em relação às formas temporais é marcada apenas pelo presente do indicativo e *Präteritum*. As outras formas são tempos compostos no alemão, cujo verbo auxiliar está conjugado no presente ou no *Präteritum*. Outro aspecto importante mostrado aqui é a necessidade de separar advérbio de partícula. Essas duas categorias têm distribuição e função distintas. Há outras diferenças na distribuição de características pertencentes a uma mesma categoria que foram salientadas nesse estudo e que serão consideradas na análise principal.

#### Referências bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- COSTA, Andressa. Koder - A multi-register corpus for investigating register variation in contemporary German. *Research in Corpus Linguistics*, 7, 2019, 69-83. <https://doi.org/10.32714/ricl.07.04>
- DUDEN: *Die Grammatik*. Band 4. 8., überarb. Aufl. Mannheim/Wien/Zürich: Dudenverlag, 2009.
- JAHR, Silke. Vertextungsmuster: Explikation. In: BRINKER, Klaus et al. (Hrsg.) *Text- und Gesprächslinguistik* HSk 16.1, Berlin; New York: de Gruyter, 2000. S. 385-397.
- KOCH, Ingedore. *Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GRAMMIS: Präpositionaladverb. In: Institut für Deutsche Sprache: "Wissenschaftliche Terminologie". Grammatisches Informationssystem grammis. DOI: 10.14618/terminologie. Permalink: <https://grammis.ids-mannheim.de/terminologie/207>
- GRAMMIS: Präteritum. In: Institut für Deutsche Sprache: "Systematische Grammatik". Grammatisches Informationssystem grammis. DOI: 10.14618/grammatiksystem Permalink: <https://grammis.ids-mannheim.de/systematische-grammatik/258>

GRAMMIS: Anaphorisches Personalpronomen. In: Institut für Deutsche Sprache: "Systematische Grammatik". Grammatisches Informationssystem grammis. DOI: 10.14618/grammatiksystem Permalink: <https://grammis.ids-mannheim.de/systematische-grammatik/394>

GRAMMIS: Konjunktiv in Text und Diskurs. In: Institut für Deutsche Sprache: "Systematische Grammatik". Grammatisches Informationssystem grammis. DOI: 10.14618/grammatiksystem Permalink: <https://grammis.ids-mannheim.de/systematische-grammatik/683>

LOEWEN, Shawn; GONULAL, Talip. Exploratory factor analysis and principal components analysis. In: PLONSKY, Luke (ed.). *Advancing quantitative methods in second language research*. New York/London: Routledge, 2015, 182-212.

SCHMID, Helmut; LAWS, Florian. *Estimation of Conditional Probabilities with Decision Trees and an Application to Fine-Grained POS Tagging*, 2008 Retrieved from: <https://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/papers/Schmid-Laws.pdf>.

WESTPFAHL, Swantje; SCHMIDT, Thomas. POS für(s) FOLK – Part of Speech Tagging des Forschungs- und Lehrkorpus Gesprochenes Deutsch. In: *Journal for Language Technology and Computational Linguistics*, H. 1, 2013, S. 139-156.

WÖLLSTEIN-LEISTEN, Angelika; HEILMAN, Axel; STEPAN Peter; VIKNER, Sten. *Deutsche Satzstruktur: Grundlagen der syntaktischen Analysen*. Tübingen: Stauffenburg, 2006.

## **Terminologie der medizinischen Ästhetologie: Terminographische Gestaltung unter den Umständen der Generierung von anthropozentrischen Räumen**

### **Terminologia da estética médica: desenho terminográfico nas circunstâncias da geração de espaços antropocêntricos**

DANIIL Danilets<sup>86</sup>

**Zusammenfassung:** Vermehrte Terminologiebestände unter der Generierung der anthropozentrischen Räume, der Heteroglossie u. Ä. verursachen die Entstehung außer etymologischen und morpho-semantischen Analyseverfahren auch weitere Denkräume. Als ein innovatives Gebiet der Fachlexikographie stellt die Fachsprache der medizinischen Ästhetologie mit den dazu gehörigen Äquivalenzproblemen bei der mehrsprachigen Terminologie- und Wörterbucharbeit den Gegenstand der vorliegenden Arbeit dar. Ausgehend von korpusbasierten statistischen Daten wird sich im Weiteren den kognitiv-pragmatischen Aspekten der Terminologie der medizinischen Ästhetologie aus der Sicht der anthropozentrischen Sprachtheorie angenähert und nach ihrer terminographischen Potenz beurteilt. Deshalb lautet die Forschungsfrage zu dem zu analysierenden Phänomen folgenderweise: Wie funktioniert die neuartige Terminologie der medizinischen Ästhetologie und welche lexikographischen Strategien ermöglichen die typologische Transparenz der noch als opak fungierenden Terminologie der medizinischen Ästhetologie? Die vorliegende Studie hat sich zum Ziel gesetzt, einem Mangel der laufenden Terminologieforschung beizukommen: d.h. die Terminologieleitfaden zu pflegen und lexikographische Gestaltung der Fachsprache der medizinischen Ästhetologie zu fördern. Als methodologische Grundlage für die vorliegende Arbeit fungieren korpusbasierte Analyse und daraus folgende Kernwortschatzerarbeitung. Infolge der Analyse werden die praxisbezogenen Strategien zur erwünschten lexikographischen Ordnung angeboten.

**Stichwörter:** Terminologie; Fachlexikographie; medizinische Ästhetologie; Kernwortschatz; korpusbasierte Analyse

**Resumo:** O aumento dos recursos terminológicos sob as condições da geração de espaços antropocêntricos, heteroglossia etc. cria além dos métodos de análise etimológica e morfo-semântica também outros espaços de pensamento. O tema deste trabalho representa um campo inovador da lexicografia especializada – a terminologia da estética médica com os problemas ligados de equivalência multilíngue e no estudo lexicográfico. Com descrição estatística baseada em corpus, os aspectos cognitivo-pragmáticos da terminologia da estética médica aproximam-se da visibilidade da teoria da linguagem antropocêntrica e é avaliada sua potência terminográfica. Portanto, a questão de pesquisa

---

<sup>86</sup> Internationale Universität für Geisteswissenschaften, Odessa, Ukraine. E-mail: [daniilets.daniil@gmail.com](mailto:daniilets.daniil@gmail.com).



sobre o fenômeno a ser analisado é a seguinte: Como funciona a nova terminologia da estetologia médica e quais estratégias lexicográficas permitem que ela, ainda obscura à Estética Médica, seja tipologicamente transparente? A presente análise tem como objetivo remediar a falta de pesquisa terminológica atual ao mesmo tempo mantendo a terminologia da Estética Médica. A metodologia para o desenvolvimento deste trabalho está baseada em corpus e no processamento de vocabulário. Ao final serão oferecidas estratégias práticas para a formação lexicográfica desejada.

**Palavras-chave:** terminologia; estética médica; lexicografia especializada/terminografia; vocabulário núcleo; análise baseada em corpus

## 1 Einführung

Die weder bewundernde noch verstandene Generierung neuen Wissens und Habitus von heutiger Gesellschaft weisen auf eine direkte Beteiligung bei der Entstehung, Entwicklung, Essenz und bei den Standardisierungsprozessen der Terminologiebestände hin. Die unter der Generierung der erwähnten anthropozentrischen Räume vermehrten und umgeformten (d. h. die quantitativ und qualitativ variierbaren) Terminologieinventare bestimmen die Notwendigkeit und somit das Forschungsobjekt, die Fachkenntnisse und die Lehre in unserem Fall der Terminologie der medizinischen Ästhetologie<sup>87</sup> zu vertiefen.

In dem vorliegenden Beitrag muss die folgende Forschungsfrage beantwortet werden: Wie funktioniert die neuartige Terminologie der medizinischen Ästhetologie in den germanischen, romanischen und slawischen Sprachen und welche lexikographischen Strategien bzw. Techniken ermöglichen die typologische Transparenz der lange Zeit als opak fungierenden Terminologie der medizinischen Ästhetologie?

Bemerkenswert ist der Charakter des vorliegenden Beitrags, dessen Gegenstand wie die ganze Fachsprachenforschung auf der Interdisziplinarität (NYCZ, BAUMANN, KALVERKÄMPER, 2016, S. 16-17) als methodologischer und methodischer Basis ausgearbeitet wird. Die Eigendynamik bzw. souveräne Entwicklung der Fachsprachenforschung (d. h. keinesfalls als Addition von verschiedenartigen

---

<sup>87</sup> Radosław ŚPIEWAK: Estetologia medyczna, medycyna estetyczna, dermatologia estetyczna, chirurgia estetyczna, ginekologia estetyczna, stomatologia estetyczna – definicje i wzajemne relacje poszczególnych dziedzin [Medizinische Ästhetologie, ästhetische Medizin, ästhetische Dermatologie, ästhetische Chirurgie, ästhetische Gynäkologie, ästhetische Zahnmedizin – Definitionen und interdisziplinäre Verhältnisse], in: Estetologia Medyczna i Kosmetologia 2 (2012), 3, S. 69-71, hier S. 70-71.

Untersuchungsbereichen) und insbesondere der zu untersuchenden Terminologie der medizinischen Ästhetologie schaffen Voraussetzungen, zur kognitiven Wende der Linguistik originäre Erkenntnisse beitragen zu können (HOFFMANN, 1992, S. 141-149; BAUMANN, 1996, 355 ff.).

## **2 Terminologiebestände unter der Generierung der anthropozentrischen Räume**

Digitale ikonische und akustische (internetbasierte) Kommunikation, die der Beschleunigung von Informations-/Datenübertragung, Strukturvereinfachung, Verbreitung der Umgangssprache in der geschriebenen Form dient, und die Urbedürfnisse nach Ökonomie in Prozessen, Verschiebung bzw. Abnahme der Lektüreinteressen u. a. sind einige der externen Einflussfaktoren, unter denen versucht wird, das Terminologiemanagement und insbesondere die Terminologie der medizinischen Ästhetologie in der vorliegenden Studie zu erläutern und der Forcierung, Ordnung und Förderung der Fachwortschätze beizutragen. Eine führende Kraft hierbei (bei den erwähnten externen Faktoren) ist der Mensch, der im Mittelpunkt der anthropozentrischen Sicht steht und somit den methodologisch-theoretischen Hintergrund der vorliegenden Arbeit darstellt. Deshalb wird versucht, das zu untersuchende Fachgebiet im Lichte der anthropozentrischen Sprachtheorie kritisch zu betrachten und zu revidieren.

Mehrere Wissenschaftler wie J. Derrida, B. Busch sind der Meinung, dass es keine Abzählbarkeit der Sprachen gibt und dass die Sprache ein heteroglossisches Konglomerat ist (DERRIDA, 1997, S. 25; BUSCH, 2017, S. 10-11). Außerdem wird über Sprache eine strukturelle Kopplung von sozialem System („Kommunikationssystem“) und psychischem System („Bewußtseinssystem“) hergestellt (vgl. LUHMANN 2004, S. 122-123): „Sprache ist Bedingung und Resultat der Co-Evolution von psychischen und sozialen Systemen“ (ebd.). Die kognitiven Aspekte der Sprache betont auch Chomsky, der die Sprache als Instrument der Gedankenordnung und –ausdruck definiert (CHOMSKY, 2002, S. 32-33). Die einheitliche Sprache ist das, was vorgegeben bzw. vorgeschrieben ist. D. h. wir (mit unterschiedlichen sozialen, historischen, geografischen u. ä. Kontexten) bestimmen den Charakter der Sprache (ihre Homo- oder Heterogenität bzw. Diversität). Ausgegangen von der anthropozentrischen Sprachtheorie, in früheren Beiträgen ihres Schöpfers Franciszek Grucza die relativistische Theorie der menschlichen

Sprachen genannt, wird es möglich auch bei den Fachsprachen bzw. der Terminologie anthropozentrische Aspekte ihrer Entwicklung zu betrachten (OLPIŃSKA-SZKIEŁKO, 2016, S. 81-90).

Mittels dieses oben skizziert angeführten Theorieabrisses wird sich der Gradbestimmung des Anthropozentrismus der Terminologie der medizinischen Ästhetologie angenähert. Aufgrund der fehlenden Kodifizierung und des Mankos an gesetzlichen/rechtlichen Regelungen des zu untersuchenden Fachgebiets, d. h. der Terminologie der medizinischen Ästhetologie (einzelne Gesetze ausgenommen: z. B. ÄsthOpG<sup>88</sup> in Österreich), kann angenommen werden (laut der Hypothese bzw. der Definition von Olpińska-Szkielko), dass die Terminologie der medizinischen Ästhetologie in gewissem Maß(e) auch anthropozentrisch genannt werden kann. Gemäß dieser Vermutung folgt, dass die innovative Terminologie der medizinischen Ästhetologie als logische Summen oder logische Schnittmengen von (Fach)Idiolekten bezogen auf die Gruppe ihrer Träger, die Fachleute verstanden werden kann (OLPIŃSKA-SZKIEŁKO, 2016, S. 89). Dies schließt jedoch nicht aus, dass die Terminologie der medizinischen Ästhetologie vereinheitlicht bzw. standardisiert werden kann, was seinerseits zum Hauptziel dieser Studie wird.

Die Selektionsverfahren des Kernwortschatzes der Terminologie der medizinischen Ästhetologie als Forschungsgegenstand des vorliegenden Beitrages weisen einen direkten deskriptiven Bezug zu Frequenz, Verbreitung, Gebrauch und Brauchbarkeit und zu einer klaren Anwendung dieser Fachsprache auf. Die anthropozentrische Sichtweise (d. h. die Realität (Deskription) und keine Idealisierung/Theoretisierung (Präskription) kann mithilfe eines korpusbasierten Ansatzes nicht nur qualitativ-kognitive Komponente (z. B. Phraseologie, Metapher, Kollokationen u.a.) beweisen, sondern auch eine Forschungsvertiefung im Bereich der Termino- und Lexikographie ermöglichen. Im Weiteren werden methodologische Vorgehensweise, Forschungszustand und einzelne Forschungsschritte erläutert.

---

<sup>88</sup> Bundesgesetz über die Durchführung von ästhetischen Behandlungen und Operationen

### 3 Forschungsprojekt: aktuelle und zukünftige Denkräume

Immer mehr dient das Korpus als Grundlage jeweiliger Terminologieforschung. Auch in unserem Fall wurde ein vergleichbares viersprachiges Korpus (Deutsch, Französisch, Polnisch und Ukrainisch) aus wissenschaftlichen Texten zusammengestellt, deren früheste Veröffentlichung aus dem Jahre 2007 ist. Die aus diesem Korpus halbautomatisch selektierten (in hohem Maße manuell) Lemmata (Lexeme) galten und gelten als Gegenstand für eine Reihe von vertiefenden/ausführlichen Untersuchungen. Auf diese Weise wurden morphologische, etymologische, semantische und pragmatische Analysen durchgeführt (DANILETS, 2016, 2018). Die statistische Beschreibung und Vergleich der Ergebnisse lassen uns Unterschiede, Ähnlichkeiten und allgemeine Entwicklungstendenzen der Terminologie der medizinischen Ästhetologie insgesamt und im Einzelnen, d. h. in einer einzigen/bestimmten Sprache (Dt., Fr., Pl., Ukr.) feststellen.

Kurz und knapp lassen sich die Ergebnisse folgenderweise zusammenfassen: 1. Auf der morphologischen Ebene: Deutsch kennzeichnet sich durch eine höhere Kompositionskapazität als die anderen zu untersuchenden Sprachen (im Schnitt: Dt. – 65,9% vs. Fr. – 29,6%, Pl. – 24,1%, Ukr. – 30,7%) und im Gegenteil: in anderen Sprachen dominieren terminologische Syntagmen (Fr. – 52,9%, Pl. – 56,6%, Ukr. – 50,5% vs. Dt. – 14,8%); die Derivation (Ableitung), genauer Präfigierung, Suffigierung, Affigierung, wird in allen zu untersuchenden Sprachen nicht als produktiv gesehen; 2. Auf der etymologischen Ebene: alle zu analysierenden Sprachen haben sich als besonders anfällig für Anglizismen (im Schnitt: 8%-13%) und hybride Bildungen (51%-56%) erwiesen; mit hoher Frequenz (11,7%-13,2%) werden Trivialbezeichnungen (d. h. volkstümliche Bezeichnungen) getroffen; 3. Auf der semantischen Ebene: unter paradigmatischen Beziehungen ist die Relevanz/Dominanz der Synonyme mit 73,3%-84,6% der sinnverwandten bzw. bedeutungsgleichen Lemmata von allen analysierten Sprachen am spürbarsten (Dt. – 78,5%, Fr. – 84,6%, Pl. – 73,3%, Ukr. – 82,5%), Antonymie und Polysemie spielen im Vergleich zu Synonymie eine untergeordnete Rolle. Detaillierter werden die Analysen in den folgenden Quellen erläutert: DANILETS, 2015, 2016, 2017, 2018. Die erhaltenen und oben beschriebenen Ergebnisse lassen uns in Bezug auf die Bildung und Entwicklung der Terminologie der medizinischen Ästhetologie solche Denkräume und Phänomene erkennen wie: Hybridisierung, Trivialität, Affinität, lexikalische Redundanz u. a. (DANILETS, 2017). Diesbezüglich weichen die Ergebnisse signifikant von der klassischen Terminologiedarstellung ab.

Deshalb wurde der Forschungsablauf behufs der Vertiefung und Detaillierung folgenderweise gestaltet:

Schritt 1 →	Schritt 2 →	Schritt 3 →	Schritt 4 →	Schritt 5 →	Schritt 6
Auswahl und Zusammenstellung des Korpus der wissenschaftlichen Texte	Identifizierung/Extraktion und Auswahl terminologischer Einheiten↓	Durchführung von Analysen: morphologische, etymologische, semantische und pragmatische	Auswertung der Ergebnisse: die Feststellung der Hybridisierung, Dekonstruktion, Serialität u. Ä. (Der Grund dafür ist fehlende Kodifikation)	Entwicklung eines geeigneten lexikographischen Modells	eigentliche Kodifizierung
	Deutsch – 730 Einh..				
	Französisch – 604 Einh.				
	Polnisch – 569 Einh..				
	Ukrainisch – 475 Einh.				

Tab. 1: Rahmen und Ablauf des Forschungsprojektes

#### 4 Paradigmenwechsel: Strukturelemente des epistemologischen Terminologiekonzeptes

Als Leitfaden zu dem vorliegenden Unterkapitel fungiert die Aussage, die den komplizierten Zustand der Terminologie der medizinischen Ästhetologie, zumindest teilweise, erklären kann: die Repräsentation, d. h. der Signifikant (graphische, ikonische, sonore u. a. Ausdrucksseite) als ein Prozess ist kontinuierlich und lebendig. Sprachliche und mentale Repräsentationen sind offensichtlich eng miteinander verbunden, die Wörter (Termini bzw. Fachbegriffe in unserem Fall) als einige der wichtigsten Repräsentationen sind dabei in unserem Gehirn und Gedächtnis gespeichert. (BUDIN und DRESSLER, 2016, S. 15-17) Trotz der langen Tradition der ästhetisch-plastischen Chirurgie und der ästhetischen Medizin sind einige deren Repräsentationen kognitiv noch sehr schwach, was zur Erklärung von Hybridisierung, Trivialität, Affinität usw. des zu durchsuchenden Vokabulars dienen kann.

Eine weitere Erläuterung der terminologischen Diversifikation wird sehr argumentativ in den Forschungen von Kovács (2015) formuliert, die die Repräsentation von Fachsprachen im mentalen Lexikon beschreiben. In seinen Schlussfolgerungen folgt Kovács der kognitiven Betrachtungsweise der Fachsprachen in Bezug auf Hoffmann, Kalverkämper (1998, S. 362) und Baumann (2001). Die mentale Organisation der Fachsprache ist vielschichtiger und deutlich komplexer als bisher angenommen (z. B. die

vertikale Schichtung der fachsprachlichen Stratifikationsmodelle von Ischreyt (1965) und Hoffmann (1985).

Darüber hinaus wird noch eine Bemerkung von großer Relevanz gesehen, dass die zwei Perspektiven des zu besprechenden Phänomens (schwache mentale Repräsentationen und Schichtung des mentalen Lexikons) nicht separat betrachtet werden können, um die deskriptiven Ergebnisse in Form eines gültigen, aktuellen Wortschatzes zu erzielen (d. h. ohne eine übertriebene/eindeutige Zuordnung dem neoklassischen (griechisch-lateinischen) Wortbildungsmuster).

## **5 Korpuslinguistik als Grundlage der lexikographischen Gestaltung: pragmatisch-kognitive Aspekte des Forschungsprojektes**

Dieses Unterkapitel muss mit einer kurzen Einführung bzw. Übersicht begonnen werden, die jedoch für das vorliegende Forschungsprojekt von großer Relevanz ist – mit dem Verhältnis zwischen der Korpus- und der kognitiven Linguistik. Die erste, Korpuslinguistik, beruht auf der Beobachtung natürlicher (authentischer) Sprachdaten, d. h. konzentriert sich dabei vor allem auf *parole* (MARKOVÁ, 2012, S. 18-19), aber *langue* ist bei der Beobachtung von diesen Daten/Elementen auch präsent (TOGNINI-BONELLI, 2001, S. 169). Wenn man über menschliche bzw. gesellschaftliche Erfahrungen als eine motivierende, fortbewegende Kraft und einen Einflussfaktor der sprachlichen Entwicklung spricht, handelt es sich dabei auch um kognitive Linguistik, die nicht nur interverbale (d. h. zwischenwörtliche) Beziehungen berücksichtigt, sondern auch zwischenkonzeptuelle (vgl. CRUSE, 2002, S. 543). Nach diesem kognitiven (darüber hinaus auch pragmatischen) Ansatz erfüllt die kognitive Seite der Forschung eine relevante Rolle, die besonders bei der semantisch-paradigmatischen Analyse ergänzend oder obligatorisch auftritt. In der unten angeführten Tabelle wird die Komplexität der terminologischen Konzepte angeführt, die in der vorliegenden Studie vorkommt.

Eingriffe	Sprache			
	Deutsch	Französisch	Polnisch	Ukrainisch
<b>abdominoplastia</b> <sup>PT</sup> <b>abdominoplasty</b> <sup>EN</sup>	Abdominoplastik; Bauchstraffung; Bauchdeckenplastik; Bauchlifting	<i>plastie abdominale</i> (abdominoplastie); <i>chirurgie (esthétique)</i> <i>du ventre</i> ; dermo-lipectomie abdominale; <i>lifting du ventre</i>	<i>abdominoplastyka</i> ; <i>plastyka brzucha</i> ; <i>plastyka powłok</i> brzuszych; lifting brzucha	абдомінопластика; пластика передньої черевної стінки; пластика живота; підтяжка живота;
<b>braquioplastia</b> <sup>PT</sup> <b>brachioplasty</b> <sup>EN</sup>	Brachioplastik; Oberarmstraffung; Oberarmplastik; (Armlifting)	<i>plastie brachiale</i> (brachioplastie); dermolipectomie des bras (dermolipectomie brachiale); (lifting du bras)	brachioplastyka; plastyka ramion; modelowanie ramion; (lifting ramion)	брахіопластика; підтяжка шкіри рук; пластика рук; армліфтинг
<b>genioplastia</b> <sup>PT</sup> <b>genioplasty</b> <sup>EN</sup>	Genioplastik; Mentoplastik; Mandibuloplastik; Kinnplastik; Kinnkorrektur	<i>gènioplastie</i> ; <i>mentoplastie</i> ; <i>plastie mandibulaire</i>	genioplastyka; mentoplastyka; mandybuloplastyka; plastyka brody; korekcja brody	геніопластика; ментопластика; мандибулопластика ; пластика підборіддя



Tab. 2: Variabilität der terminologischen funktional-semantischen Felder

Die Voraussetzung für eine terminologische Repräsentativität des vorliegenden Projekts (behufs einer künftigen Kodifizierung) war ein korpusbasiertes Verfahren, dem mehr als zweitausend Fachbegriffe (d. h. 730 Einh. im Deutschen; 604 Einh. im Französischen; 569 Einh. im Polnischen; 475 Einh. im Ukrainischen) aus publizistischen wissenschaftlichen Quellen unterlagen. Zu den die Unterschiede im Korpusumfang verursachten Faktoren gehören die folgenden: 1. quantitative Ungleichheit der wissenschaftlichen Literatur zum Thema (der medizinischen Ästhetologie) in den zu untersuchenden Sprachen (z. B. Mangel an den ukrainischen wissenschaftlichen Quellen zum Thema), 2. volle oder teilweise Assimilation von entlehnten Fachwörtern (z. B. *peeling*<sup>POL</sup> = *piling*<sup>POL</sup>), 3. semantisch-pragmatische Fragen und Konzepte in Bezug auf die Verwendung des Begriffs/Terminus (z. B. Dermolipektomie<sup>DT</sup> im Deutschen bezieht sich nach ÄsthOpG auf Oberschenkelstraffung<sup>DT</sup> vs. *dermolipectomie*<sup>FR</sup> im Französischen, die eher auf *abdominoplastie*<sup>FR</sup> bezogen ist) usw.

Eine präzise Korpusanalyse ist ein optimaler Weg, einen fachlichen Grundwortschatz auszubauen und zu stratifizieren. Dieser terminologische Kern dient als Brücke zwischen dem Korpus und der Kodifizierung der zu betrachtenden Terminologie, was als Zweck dieser Arbeit fungiert und im Weiteren erläutert werden muss.

## 6 Korpuslinguistischer Ansatz zur gezielten Ermittlung des Kernwortschatzes

Diese Forschungsphase dient einer Überprüfung der Präsenz der im ÄsthOpG erwähnten Fachbegriffe in journalistischen/publizistischen und wissenschaftlichen Texten. Die im Gesetz enthaltenen Termini spielen dabei eine schlüssige Rolle der zu analysierenden Terminologie. Dazu wurden 25 grundlegende Begriffskonzepte aus dem genannten Gesetz (ÄsthOpG) ausgewählt und dem Versuch unterzogen: die Termini (insbesondere synonyme Paare - Trivialbezeichnungen (d. h. volkstümliche Bezeichnungen) vs. termini technici) mussten in zwei verschiedenen Korpora und in zwei unterschiedlichen Gattungen (vielseitig informierende unterhaltende Zeitschriften vs. wissenschaftliche Fachbücher) im Deutschen und Polnischen verglichen werden. Unterscheidung zwischen Zentralität und Exzentrality sprachlicher Register, Erstellung einer Frequenzliste (Häufigkeits- und Rangliste) u. A. sind relevant für die Zusammenstellung von lexikalischen Minima-Listen (MEIßNER, 2016, S. 26-27), die ein lexikographisches/terminographisches Gestaltungsmuster bilden sollten.

Sprache	Deutsch		Polnisch	
Genres	journalistisches	wissenschaftliches	journalistisches	wissenschaftliches
Korpora	DeReKo – Deutsches Referenzkorpus 	AntConc-Versuch	NKJP – Nationalkorpus des Polnischen (Pl. “Narodowy Korpus Języka Polskiego”)  NKJP	AntConc-Versuch
Forschungsstoff	25 grundlegende Begriffe-Konzepte aus dem österreichischen Bundesgesetz über die Durchführung von ästhetischen Behandlungen und Operationen (ÄsthOpG)			

Tab. 3: Methodischer Abriss

Als Hypothese kann gelten: journalistische Texte enthalten weniger (neoklassische) Begriffe und deuten dabei auf einen Trend zur Trivialisierung oder terminologischen Popularisierung hin. In Bezug auf Vielfalt von termini technici (Word Types) müssten wissenschaftliche Texte reicher sein und fachsprachliche Vereinfachungen sollten vermieden werden. Die beiden wissenschaftlichen Texte gehören jedoch auch zu Produkten der publizistischen Tätigkeit, was zur Widerlegung des zu Vermutenden führen kann.

Für die Verifizierung der deutschsprachigen Terminologie wurde "Deutsches Referenzkorpus (DeReKo)" als das größte seiner Art ausgewählt, das aus anderen



Subkorpora (hauptsächlich journalistischen Texten) besteht. Frühe Untersuchungen einiger Subkorpora oder Ausgaben solcher bekannten Zeitungen und Zeitschriften wie "Kurier", "Der Standard", "Süddeutsche Zeitung" und "Der Spiegel" zeigen, dass die zu untersuchende Fachsprache (der medizinischen Ästhetologie) relativ unzureichend vorhanden ist.

Bereits formulierte Anfragen:	Korpus:	Treffer:
Peeling**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 10
Peeling	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 6
Botulinumtoxin	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 6
Penisvergrößerung**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 2
Rhinoplastik**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 1
Rhinoplastik	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 1
Nasenkorrektur**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 2
Nasenkorrektur	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 16
Bodylift	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 1
Fettabsaugung**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 8
Fettabsaugung	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 16
Facelift**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 59
Facelift	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 19
Brustverkleinerung**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 1
Brustverkleinerung	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 3
Brustvergrößerung**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 22
Brustvergrößerung	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 47
Bruststraffung**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 1
Bruststraffung	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 5
Bauchstraffung**	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 1
Bauchstraffung	spiegel - Der Spiegel, 1947 - 2018	>> Korpus >- Korpus > Ergebnis (aktive Treffer) 4

Tab. 4: Deutsches Referenzkorpus – einige Beispiele der getroffenen Termini

Daher wurde beschlossen, parallel eine Nachforschung in den Frauenzeitschriften als Referenz mit Rubriken wie Schönheit ("Beauty"), Gesundheit und dergleichen anzustellen. In deutscher Sprache sollte das Korpus auf journalistischen Texten der Monatszeitschrift „BRIGITTE Woman“ (2015 - 2018) basieren, die jedoch auch nur wenige ähnliche Ergebnisse aufweisen. Da das Korpus „DeReKo“ keine wissenschaftlichen Quellen zum Thema enthält, wurde das Fachbuch „Body Modification“ (2014) als Referenz zum journalistischen Genre mithilfe des Tools „AntConc“ analysiert.

Trotz des Vorhandenseins nur einer relativ geringen Anzahl von Begriffen in journalistischen Texten wurde die Hypothese bestätigt. Deutschsprachige Zeitungen und Zeitschriften bevorzugen volkstümliche vertraute Bezeichnungen gegenüber dem Latinismus, dem Gräzismus usw. Ein Beispiel hierfür ist die Diskrepanz, die im Folgenden dargestellt wird.

Deutsch – “Deutsches Referenzkorpus (DeReKo)”						
zu untersuchender Fachbegriff	BRIGITTE Woman, 2015-2018	Kurier (Österreich), 2002-2018	Der Standard, 2000-2018	Süddeutsche Zeitung, 1992-2018	Der Spiegel, 1947-2018	
Frequenz						
Bauchstraffung	-	13	-	6	5	
Abdominoplastik <sup>terminus technicus</sup>	-	-	-	-	-	
Bruststraffung	-	19	1	6	6	
Mastopexie <sup>terminus technicus</sup>	-	-	-	-	-	
Brustvergrößerung	1	222	59	104	69	
Mammaaugmentation <sup>terminus technicus</sup>	-	-	-	-	-	
Brustverkleinerung	-	14	5	15	4	
Mammareduktion <sup>terminus technicus</sup>	-	-	-	-	-	
Facelift	2	961	682 (Kfz)	466	78	
Rhytidektomie <sup>terminus technicus</sup>	-	-	-	-	-	

Tab. 5: Quantitativer Vergleich zwischen verschiedenen Arten von Begriffen (termini technici vs. volkstümliche und triviale Begriffe)

Wie aus dem Beispiel ersichtlich ist, wurden zwischen äquivalenten Begriffspaaren niemals termini technici gefunden. Ausnahmen sind Begriffe, die schon verwurzelt sind, die den Zugang zum mentalen Lexikon gefunden haben und die sich in publizistischer Tätigkeit widerspiegeln werden: *Fettabsaugung* vs. *Liposuction*, *Nasenkorrektur* vs. *Rhinoplastik*, *Botulinumtoxin* vs. *Botox*, *Peeling* usw. Darüber hinaus ermöglicht das Korpus eine semantisch-thematische Differenzierung, die im Fall z. B. von polysemantischen Begriffen wie *Lifting* (als Teil der semantischen Felder wie Medizin, Technologie, Wirtschaft usw.) nützlich sein kann. Mit diesen Daten können interdisziplinäre Referenzen lexikografisch reflektiert werden.

Aktuelles Archiv	W2 - Archiv der geschriebenen Sprache			
Suchanfrage	Peeling**			
Gliederung nach Themen				
Treffer	Texte	von	bis	Thema (>= 0%)
92	76	2004	2018	Freizeit Unterhaltung: Reisen
60	43	2003	2018	Gesundheit Ernährung: Gesundheit
1	1	2014	2014	Kultur: Film
2	2	2008	2009	Kultur: Mode
3	3	2011	2016	Kultur: Musik
7	7	2007	2017	Staat Gesellschaft: Biographien Interviews
4	4	2007	2015	Staat Gesellschaft: Familie Geschlecht
2	1	2017	2017	Wirtschaft Finanzen: Waehrung
57	42	2005	2018	Wissenschaft: Populaerwissenschaft
<b>228</b>	<b>179</b>	<b>2003</b>	<b>2018</b>	<b>9 Themen (&gt;= 0%)</b>

Tab. 6: Deutsches Referenzkorpus – Quantitative, chronologische und thematische Datendarstellung

Der nächste Schritt ist eine ähnliche Analyse, jedoch eines wissenschaftlichen Textes, der mit dem Tool „AntConc“ zu vergleichbaren Ergebnissen führte. Nach der Reinigung des Textes „Body Modification“ (d. h. die Löschung der mehrfachen Bibliographien der jeweiligen Kapitel) wurde die Anzahl der Wörter (Word Tokens) des Textes auf 82.696 reduziert, wobei die Anzahl der Worttypen/-formen (Word Types) mit 15.243 dargestellt wird. Ca. 50% der zu untersuchenden Begriffe wurden vom Programm nicht erkannt. Bei der Terminologieverwendung in einem wissenschaftlichen Text ist jedoch das Gegenteil klar zu beobachten. Z. B. wurden größere Mengen an *termini technici* im Gegensatz zu den journalistischen Texten bestätigt: *Abdominoplastik*, *Mammaaugmentation*, *Liposuction* usw. Das schließt aber die Mischung mit germanischen Bezeichnungen nicht aus: *Brustvergrößerung* vs. *Mammaaugmentation*, *Fettabsaugung* vs. *Liposuction*, *Körperstraffung* vs. *Bodylift*, *Nasenkorrektur* vs. *Rhinoplastik*. Dies belegt die Beschäftigung wissenschaftlicher Texte mit beiden Registern und die Bewegung zwischen Zentralität und Exzentrizität des Fachlexikons.

Damit die Hypothese nicht auf wenigen Ergebnissen beruht, wurde der gleiche Ansatz für das polnische Korpus in die Tat umgesetzt. Das Korpus war das Frauenmonatsmagazin "Cosmopolitan" leider nicht der letzten Ausgaben (1998-2001), weil es nicht selbständig zusammengestellt, sondern aus dem polnischen Nationalkorpus (NKJP) entnommen wurde. Die allgemeine Tendenz korreliert mit der des Deutschen. Die meisten verwendeten/getroffenen Begriffe sind aus dem volkstümlichen („nationalen“) Register, d. h. sie sind teilweise populär oder trivial.

<b>Polnisch — „Narodowy Korpus Języka Polskiego (NKJP)“</b>	
<b>zu untersuchender Fachbegriff</b>	<b>Cosmopolitan, 1998-2001</b>
	<b>Frequenz + Beispiel</b>
plastyka brzucha	2 (P.ex.: <i>Plastyka brzucha to już regularna operacja ze skalpelem...</i> )
abdominoplastyka <sup>terminus technicus</sup>	-
podniesienie piersi	2 (P.ex.: <i>Zdecydowałam się na <b>podniesienie piersi</b> i...</i> )
mastopeksja <sup>terminus technicus</sup>	-
zmniejszenie piersi	2 (P.ex.: <i>...<b>podniesienie lub zmniejszenie piersi</b>...</i> )
redukcja piersi <sup>terminus technicus</sup>	-

Tab. 7: Quantitativer Vergleich zwischen unterschiedlichen Begriffsarten (*termini technici* vs. Volkstümliche / triviale)

In Bezug auf die Frage der geringen quantitativen Repräsentativität der Ergebnisse kann erwähnt werden, dass dieselben Begriffe auch im gesamten Korpus/ im Gesamtkorpus NKJP verifiziert wurden. Wenn wir uns andere Beispiele ansehen, die es nicht in „Cosmopolitan“ gab, aber in anderen Zeitungen und Zeitschriften vorhanden sind/waren, stoßen wir auf die folgenden (Daten) wie *powiększanie piersi* (62) vs. *augmentacja piersi* (-). Die bekannten, in allen Bereichen oder Kontexten tief verwurzelten Begriffe sind in allen Aufzeichnungen/Registern immer vorhanden, auch wie im Deutschen: *peeling, lifting, odsysanie tkanki tłuszczowej* vs. *liposukcja* et al.

Der polnische wissenschaftliche Text „Grundlagen der ästhetischen Medizin“ (pl. „Podstawy Medycyny Estetycznej“) aus dem Jahr 2014 mit der Anzahl der Wörter (Word Tokens) von 36.497 und der Wortformen (Word Types) von 9.698, der ebenfalls vom Tool „AntConc“ analysiert wurde, präsentiert die folgenden Ergebnisse: Der Text arbeitet sowohl mit der volkstümlichen/nationalen Terminologie als auch mit Neoklassizismen (in einigen Fällen ist jedoch eine Tendenz zu termini technici zu beobachten).

Polnisch – AntConc: “Grundlagen der ästhetischen Medizin” (pl. “Podstawy Medycyny Estetycznej”), 2014	
zu untersuchender Fachbegriff	Frequenz + Beispiel
podniesienie piersi	1 (p.ex.: ... <i>polega na podniesieniu piersi i przewróceniu im...</i> )
mastopeksja <sup>terminus technicus</sup>	3 (p. ex.: <i>Mastopeksja to chirurgiczna technika, która...</i> )
zmniejszenie piersi	1 (p. ex.: <i>Zmniejszenie piersi polega na usunięciu nadmiaru...</i> )
redukcja piersi <sup>terminus technicus</sup>	5 (p. ex.: <i>Redukcja piersi jest operacją wykonywaną...</i> )
odsysanie tkanki tłuszczowej	1 (p. ex.: <i>Odsysanie tkanki tłuszczowej jest jednym z ...</i> )
liposukcja <sup>terminus technicus</sup>	33 (p. ex.: <i>Liposukcja jest zabiegiem mającym na celu ...</i> )

Tab. 8: Quantitativer Vergleich zwischen unterschiedlichen Begriffsarten (termini technici vs. volkstümliche / triviale)

Zurückkehrend zu der dargestellten Hypothese (journalistische Texte enthalten weniger (neoklassische) Begriffe und deuten dabei auf einen Trend zur Trivialisierung oder terminologischen Popularisierung hin) kann zusammengefasst werden, dass sie in beiden Sprachen vollständig übereinstimmt. Korpora und Tools bieten zwar mehr Analysemöglichkeiten; dieser methodische Weg wurde jedoch beispielhaft zum Zwecke der lexikografischen Gestaltung dargestellt. Da sich der Kernwortschatz in erster Linie auf die Frequenzforschung im Bereich der didaktischen Lexikographie bezieht, wurden diachrone, semantische und ähnliche Aspekte teilweise ignoriert, können jedoch für die zukünftige Forschung von großer Relevanz sein.

Als nächstes lernen wir einige terminographische Strategien kennen, die dank des Korpus sowohl die Häufigkeit als auch die thematischen (möglicherweise diachronen) Bereiche der zu untersuchenden Begriffe widerspiegeln können.

## **7 Praxisbezogene Destaltungsstrategien der mehrsprachigen Lexikographie: typologische betrachtung**

Da es sich bei unserer Forschung in erster Linie um eine deskriptive Studie handelt, müssen bei der lexikografischen Bildung die Aspekte der Medialität berücksichtigt werden, die die Komplexität des codierten Vokabulars ermöglichen. Die Realität und die Dualität der fachlichen Sprachkommunikation stellen eine terminologische Schichtung nach dem Kenntnisstand dar: Die schriftliche (vorgeschriebene) Norm und die mündliche halbgeschriebene Form (meistens volkstümliche, populäre oder triviale) - beide sind Teil unseres zu kodifizierenden Vokabulars.

Ein weiterer Aspekt ist die sprachliche Typologie und das daraus resultierende mehrsprachige lexikografische Design. Was wäre das beste, klarste und umfassendste Projekt für die gleichzeitige Schichtung und Hybridisierung in den vier zu untersuchenden Sprachen? Die Antwort folgt in Form von Strategien. Kann jedoch gesagt werden, dass das klassische Modell des mehrsprachigen Wörterbuchs für unser Projekt nicht als ausreichend gesehen wird.

Das Design/das Projekt des Kernwortschatzes wird als optimale Lösung angesehen, d. h. nur die am häufigsten verwendeten oder verbreitesten Terminologieeinheiten wurden lexikographisch kodifiziert. Ein wichtiges kompositorisches Merkmal des lexikografischen Designs ist die Berücksichtigung von Mikrostrukturen und deren spätere Zuordnung zu dem zu erstellenden Glossar. Dies bedeutet, dass die Datenbankstruktur des Kernwortschatzes der medizinischen Ästhetologie die folgenden relevanten Bestandteile enthält: Außer einer digitalen mehrsprachigen (Dt., Fr., Pl., Ukr.) Wortliste wurde die Zusammenstellung von lexikalischen Minima-Listen wie *Interligalex* (morphematische Grundkomponente, die Kerne interlingualer Formkongruenz), *Etyma* (Etymologie), semantische und inhaltliche Vernetzung innerhalb der Makrostruktur, interlinguale Transparenzraten usw. zusammengestellt (vgl. MEIßNER, 2016).

Die zu untersuchenden Fachbegriffe können zum Vergleich in der Stammdatenbank herangezogen werden:

Sprache	Deutsch	Französisch	Polnisch	Ukrainisch
<b>Termini technici</b>	<sup>DT</sup> Blepharoplastik <i>f</i>	<sup>FR</sup> blépharoplasti <i>ef</i>	<sup>PL</sup> blepharoplastyk <i>a ż</i>	<sup>UKR</sup> блефаропластик <i>а ж</i>
<b>Etyma</b> <b>Etymologie</b>	- gr. βλέφαρον + πλαστός			
<b>Designat/populärer bzw. Volkstümlicher Begriff</b>	<sup>DT</sup> Augenlidstraffung <i>ng f</i> <sup>DT</sup> Lidplastik <i>f</i> <sup>DT</sup> Lidkorrektur <i>f</i>	<sup>FR</sup> correction <i>f</i> des paupières <sup>FR</sup> chirurgie <i>f</i> (esthétique) des paupières	<sup>PL</sup> plastyka <i>ż</i> powiek <sup>PL</sup> korekcja <i>ż</i> powiek	<sup>UKR</sup> пластика <i>ж</i> повік <sup>UKR</sup> корекція <i>ж</i> повік
<b>Etyma</b> <b>Etymologie</b>	- urgerm. → goh / goh + mlat.	lat.	(gr. →) lat. + urslaw.	(gr. →) lat. + urslaw.
<b>Synonyme</b> <b>Serialität</b>	/ <sup>DT</sup> Augenlid-Lifting <i>n</i>	<sup>FR</sup> lifting <i>m</i> des paupières	<sup>PL</sup> lifting <i>m</i> powiek <sup>PL</sup> podniesienie <i>n</i> powiek	<sup>UKR</sup> ліфтинг <i>ч</i> повік <sup>UKR</sup> підтяжка <i>ж</i> повік
<b>Etyma</b>	urgerm. → goh + engl.	engl. + lat.	engl. + urslaw. / urslaw.	engl. + urslaw. / urslaw.

Tab. 9: Mehrsprachige Lemmatisierung vom Begriff bzw. konzeptuellen Netz "Blepharoplastik"

Die nächste Art der lexikografischen Darstellung (Tab. 10) gibt gewissermaßen Transparenz an, wobei historische Wurzeln (*Ililex* + *Etyma*) und verwandte bzw. synonyme Begriffe/Konzepte (*Notiz*) auch erwähnt werden. Tabelle 10 enthält eine vereinfachte Version der obigen Tabelle 9: Die typologische Makrostruktur ist aber reduzierter (z. B. die Synonymreihe ist teilweise ausgeschlossen).

Deutsch	Französisch	Polnisch	Ukrainisch	<b>Ililex + Etyma</b>	<b>Notiz</b>	
Fadenlifting <i>n</i>	lifting <i>m</i> par fils tenseurs	lifting <i>m</i> nitkowy	нитковий ліфтинг <i>ч</i>	Faden- (goh.) fil- (lat.) ніć/нить nitk-/нитк- (urslaw.)	+ lifting (engl.)	lifting par fils de suspension, podniesienie nićmi, nici liftingujące, підтяжка нитками

Tab. 10: Semantische Äquivalenz basierend auf der terminologischen Transparenz am Beispiel vom Begriff "Fadenlifting"

Es gibt auch andere einfachere Formen der vergleichenden (mehrsprachigen - typologischen) lexikografischen Darstellung, z. B. die alphabetische Sortierung von Wörtern/Lemmata aus vier Sprachen in derselben Liste (Kodifikation), deren Beispiel unten dargestellt wird:

Headword	Deutsch	Französisch	Polnisch	Ukrainisch
<sup>DT</sup> Abdominoplast ik <i>f</i>	–	abdominoplast ie <i>f</i> plastie <i>f</i> abdominale	abdominoplasty ka <i>ż</i>	абдомінопластика <i>жс</i>
<sup>FR</sup> abrasion <i>f</i>	Abrasion <i>f</i>	–	abrazja <i>ż</i>	абразія <i>жс</i>
<sup>UKR</sup> антивікова медицина <i>жс</i>	Antiaging Medizin <i>f</i>	médecine <i>f</i> anti-âge	medycyna <i>ż</i> anty-aging medycyna <i>ż</i> przeciwstarzenio wa	–
<sup>PL</sup> armiowanie <i>n</i>	Armierung <i>f</i>	renfort <i>m</i>	–	армування <i>с</i>
<sup>DT</sup> Armstraffung <i>f</i>	–	brachioplastie <i>f</i> chirurgie <i>f</i> (esthétique) des bras	brachioplastyka <i>ż</i> plastyka <i>ż</i> ramion	брахіопластика <i>жс</i> пластика <i>жс</i> рук
<sup>UKR</sup> аспіраційна ліпосакція <i>жс</i>	Aspirationslipektomie <i>f</i>	lipoaspiration <i>f</i>	liposukcja <i>ż</i> aspiracyjna	–
<sup>FR</sup> augmentation <i>f</i>	Augmentation <i>f</i>	–	augmentacja <i>ż</i>	аугментація <i>жс</i>
<sup>PL</sup> autoprzyszczep <i>m</i> tkanki tłuszczowej	autologe Fetttransplantation <i>f</i>	transposition <i>f</i> autologue de tissu adipeux	–	аутотрансплантаці я <i>жс</i> жирової тканини

Tab. 11: Alphabetische (transversale) Sortierung über Sprachen hinweg – Buchstabe „A“

Wie zu sehen ist, kann die letztere Form /Technik (Tab. 11) einige Diskrepanzen und Nachteile aufweisen, z. B. die alphabetische *Schriftverschiedenheit* (lateinische vs. kyrillische Schriftzeichen), die eine mehrsprachige lexikografische Darstellung erschweren; das Fehlen der zu durchsuchenden Synonymie usw. Aus diesem Grund wurde bei der letzten Technik (Tab. 11) festgestellt, dass diese Option nicht als erwartet oder vollständig angesehen wird. In einer einfachen Anwendung kann es auch nützlich sein, obwohl auch in geringerem Maße. Die Repräsentativität oder Klassifizierung der angegebenen Beispiele folgt jedoch dem Bedarf des Nutzers, der die alphabetische Reihenfolge, die Explizitheit und die Komplexität u. Ä. einiger lexikografischer Strategien erklären kann.

## 8 Schlussfolgerung

Das vorliegende Projekt hat einen praktischen Charakter und ist lexikografisch relevant: Die aktuelle Studie kombiniert einen methodischen Pfad, der auf Korpus, Sammlung und empirischer Auswahl eines Kernwortschatzes basiert, mit solchen lexikografischen Darstellungen, die typologische Transparenz ermöglichen. Einer der großen Vorteile der erhaltenen Ergebnisse ist ein weiterer Schritt zur Auflösung von Sprachbarrieren (zumindest zwischen diesen vier Sprachen) und eine mögliche didaktische Anwendung (z. B. als lernökonomisches Potential). Der Vergleich von Fachbegriffen verschiedener Sprachen - ihrer Formen, Bildung, Bedeutungen und syntaktischen Verknüpfungen - eröffnet nicht nur neue Einsichten in die betroffenen Sprachen, sondern entwickelt auch Sprachbewusstheit und Sprachlernkompetenz. Der Erwerb eines Grund- oder Kernwortschatzes gilt seither als ein unumgängliches Etappenziel auf dem Weg zu breiterer und höherer zielsprachlicher Kompetenz (vgl. MEIBNER, 2016).

Zusammenfassend lässt sich sagen, dass das gewünschte Ziel mit dem Beispiel (Tab. 9) der mehrsprachigen lexikografischen Makrostrukturdarstellung erreicht wurde. Dies bedeutet, dass die interlingualen Transferbasen bestimmt werden, nachdem typologische Ähnlichkeiten oder Unterschiede beschrieben werden, Bedeutungsäquivalenz und Formkongruenz erreicht werden.

Weitere Schritte dieser Studie sind: 1. die Erzeugung und Verbreitung von Daten, die in der lexikografischen Architektur als eine elektronische/digitalisierte Stammdatenbank oder eine App als lexikografisches Nachschlagewerk gesammelt werden; 2. die Erweiterung und Vertiefung von lexikalischen/lexikografischen Ressourcen durch die erzielte Äquivalenz auch in anderen Sprachen.

Auf dem Gebiet der Korpuslinguistik als methodischem Begleitpfad, insbesondere auf dem zu untersuchenden Gebiet (Terminologie der medizinischen Ästhetologie) ist eine Vertiefung und Verfeinerung erforderlich. Nach langer Zeit der Behandlung dieses Themas können ein Manko und eine mangelhafte Kodifikation der zu untersuchenden Terminologie festgestellt werden. Die Zusammenstellung und Verbreitung von Terminologie der medizinischen Ästhetologie in Fachkreisen kann zu deren notwendiger Anerkennung und Entwicklung führen, die als erwünscht angesehen werden.



## Literaturverzeichnis

- BAUMANN, Klaus-Dieter. Cognitive Turn in LSP Research. In: MAYER, F. (Ed.). *Language for Special Purposes: Perspectives for the New Millennium*. Vol. 1. Tübingen: Narr, 2001. p. 87–104.
- BAUMANN, Klaus-Dieter. Fachtextsorten und Kognition – Erweiterungsangebot an die Fachsprachenforschung. In: H. Kalverkämper/K.-D. Baumann (Hg.). *Fachliche Textsorten*. Tübingen: Narr, 1996. S. 355-388.
- BUDIN, Gerhard, DRESSLER, Wolfgang U. Zum Repräsentationsbegriff in der Linguistik und in verwandten sprachbezogenen Disziplinen. In: GRUBER, G., MOKR, M. (Eds.). *Repräsentation(en): Interdisziplinäre Annäherungen an einen umstrittenen Begriff*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2016. p. 15–23.
- BUSCH, Brigitta. *Mehrsprachigkeit*. 2<sup>a</sup> ed. Wien: facultas, 2017.
- CHOMSKY, Noam. *Novos Horizontes no Estudo da Linguagem e da Mente*. 3<sup>a</sup> ed. Trad. Marco Antônio Sant’Anna. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- CRUSE, David Alan. Descriptive models for sense relations II: Cognitive Semantics. In: CRUSE, D. A. et al. (Eds.). *Lexikologie. Ein internationales Handbuch zur Natur und Struktur von Wörtern und Wortschätzen*. Vol. 1. Berlin/New York: de Gruyter, 2002. (= Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft 21.1)
- DANILETS, Daniil. *Bemerkungen zu sprachvergleichenden Aspekten der beidseitigen Übersetzung (Deutsch – Polnisch) im Kontext der ästhetisch-plastischen Chirurgie*. In: BARTOSZEWICZ, Iwona/MAŁGORZEWICZ, Anna/HARTWICH, Patricia (Eds.). *Studia Translatorica. Vol. 6. Mehrsprachigkeit und Multikulturalität in Forschung und Lehre*. Wrocław/Dresden: Neisse Verlag, 2015. p. 139-147.
- DANILETS, Daniil. *Hauptaspekte der terminologischen Entwicklung des Deutschen im Bereich der ästhetisch-plastischen Chirurgie*. In: ÖZTÜRK, Ali Osman (Ed.). *Diyalog. Zeitschrift für interkulturelle Germanistik 2*. Ankara: GERDER (Germanistler Derneği) [Türkischer Germanistenverband], 2015. p. 37-43.
- DANILETS, Daniil. *Serialität als eines der Dekonstruktionsmittel im Bereich der Terminologie der medizinischen Ästhetologie (Komparative Studie: Deutsch - Polnisch - Französisch)*. In: Ukrainischer Hochschulgermanistenverband, Nationale Linguistische Universität Kyjiw (Ed.), *Germanistik in der Ukraine 12*. Kyjiw: Verlagszentrum der KNLU, 2017. p. 88-96.
- DANILETS, Daniil. *The terminological derivational typology of German medical aesthetology versus Polish and French*. In: *Mova*, Vol. 26, Odessa: Astroprint, 2016. p. 88-96.
- DANILETS, Daniil. *Ways of forming terms in the field of aesthetic medicine in Polish*. In: *Съпоставително езикознание/ Сопоставительное языкознание/ Contrastive Linguistics. Списание на Софийския Университет «Св. Климент Охридски» XLIII, № 2*. Sofia: St. Kliment Ohridski University, 2018. p. 33-43.
- DERRIDA, Jacques. Die Einsprachigkeit des Anderen oder die Prothese des Ursprungs. In: HALVERKAMP, A. (Ed.). *Die Sprache der Anderen*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1997. p. 15-41.
- HOFFMANN, Lothar. (1992): Fachtextsorten in der Fremdsprachenausbildung. In: *Fachsprache/International Journal of LSP* 14/3-4. Wien. 141-149.
- HOFFMANN, Lothar. *Kommunikationsmittel Fachsprache. Eine Einführung*. (2. völlig neu bearbeitete Aufl.). Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1985. (=Forum für Fachsprachen-Forschung; Bd. 1).
- HOFFMANN, Lothar, KALVERKÄMPER, Hartwig. Forschungsdesiderate und aktuelle Entwicklungstendenzen in der Fachsprachenforschung. In: HOFFMANN, L., KALVERKÄMPER, H., WIEGAND, H. E. (Eds.). *Fachsprachen / Languages for Special Purposes*. Berlin/New York: de Gruyter, 1998. p. 355–372.
- ISCHREYT, Heinz. *Studien zum Verhältnis von Sprache und Technik*. Düsseldorf: Schwann, 1965. (=Sprache der Gegenwart 4)
- KOVÁCS, László. Die Repräsentation von Fachsprache im mentalen Lexikon. Empirische Ergebnisse zur Wortassoziation. In: *Fachsprache. IJSC – International Journal of Specialized Communication*, 37/1-2. Wien: facultas, 2015. p. 24-43.

- LUHMANN, Niklas. *Einführung in die Systemtheorie*. 2. Auflage. Heidelberg: CarlAuer, 2004. S. 122-123.
- MARKOVÁ, Vera. *Synonyme unter dem Mikroskop. Eine korpuslinguistische Studie*. Tübingen: Narr, 2012.
- MEIBNER, Franz-Joseph. *Der Kernwortschatz der romanischen Mehrsprachigkeit (KrM). Didaktische, lexikologische, lexikographische Überlegungen zu Erstellung, Präsentation, Anwendungen einer elektronischen Mehrsprachenwortliste und von Lernapps zur romanischen Mehrsprachigkeit*. Giessener Elektronische Bibliothek, 2016.
- NYCZ, Krzysztof, BAUMANN Klaus-Dieter, KALVERKÄMPER Hartwig (Hg.). *Fachsprachenforschung in Polen*. Berlin: Frank&Timme, 2016. (= Forum für Fachsprachenforschung, Band 127)
- OLPIŃSKA-SZKIEŁKO, Magdalena. Anthropozentrische Sprachtheorie und Fachsprachenforschung. In: *Lingwistyka Stosowana / Applied Linguistics / Angewandte Linguistik*, 18/3. Uniwersytet Warszawski, 2016. p. 81–90.
- TOGNINI-BONELLI, Elena. *Corpus linguistics at work*. (= Studies in Corpus Linguistics 6). Amsterdam: John Benjamins, 2001.



## Sobre os autores

**Ulrike Schröder** possui livre docência em Ciências de Comunicação pela Universidade Duisburg-Essen (2012), doutorado em Ciências de Comunicação pela Universität Essen (2003) e mestrado em Ciências de Comunicação, Germanística, Psicologia pela Universität Essen (1998). Atua como Professora Associada III na área de Alemão do curso de Graduação e na área dos Estudos Linguísticos na Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. Tem experiência nas áreas de Linguística e Comunicação, com ênfase em Linguística Cognitiva, Linguística Antropológica, Semântica e Pragmática, Análise da Conversa, Língua Alemã e Comunicação Intercultural. Ela coordena o projeto *Conceitos (Inter-)Culturais Chave na Interface entre Interação, Cognição e Variação*, junto à Universidade de Potsdam, apoiado pelo programa *Research Group Linkage Programme da Fundação Humboldt* (2017-2020). Coordena também o projeto *Intercultural Communication in Interaction: Multimodal Approaches*, apoiado pelo *WUN – Worldwide Universities Network Research Development Fund* e o grupo de pesquisa internacional *ICMI – Intercultural Communication in Multimodal Interactions* (<http://www.lettras.ufmg.br/icmi/>)

**Poliana Coeli Costa Arantes** é professora de língua alemã no Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua também no programa de pós-graduação em Letras da mesma instituição, orientando pesquisas de mestrado e doutorado na área da linguística. Possui doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais com período de doutorado sanduíche (CAPES/DAAD) na *Albert-Ludwigs-Universität Freiburg*. Coordenadora do Convênio de Cooperação Internacional entre a *Westfälische Hochschule Zwickau* (Alemanha) e a UERJ. Vice coordenadora do GT/ANPOLL Discurso, Trabalho e Ética. Coordenadora do Projeto de Extensão "Português com Refugiados" do Departamento de Extensão da UERJ. Áreas e temas de interesse: Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras, sobretudo Língua Alemã e Língua Portuguesa, Análise e Elaboração de Materiais Didáticos, Formação Docente, Análise do Discurso, Estudos Enunciativos, Mídia, Linguagem e Trabalho Docente.

**Marceli Cherchiglia Aquino** é professora de língua alemã no Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo (USP). Atua também no programa de pós-graduação em Língua e Literatura Alemã da mesma instituição, orientando pesquisas de mestrado e doutorado na área de linguística e ensino-aprendizagem de alemão como língua estrangeira. Possui doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gérias (UFMG) com estágio sanduíche de pesquisa na *Ludwig Maximilians Universität München (LMU)*. Tem experiência em Linguística, com foco em pragmática, modalidade e estudos interculturais; Ensino e Aprendizagem de Alemão e Português como Língua Adicional em contexto universitário; Elaboração de Materiais Didáticos; Formação Docente; Abordagens cognitivas em Estudos da Tradução.

**Daniele Fernandes Soares** é graduada em Bacharelado em Letras — Tradutor Português e Alemão pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e licenciada em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu (USJT). É tradutora voluntária no Projeto de Pesquisa *Cidade e Urbanismo: Tempos Antes, Depois* na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como professora de Alemão como Língua Estrangeira e tradutora técnica no par de idiomas alemão-português.

**Máгат Nágelо Junges** é doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); membro do Laboratório de Bilinguismo e Cognição (LABICO/UFRGS), do Núcleo de Pesquisa em Fonética e Fonologia aplicada à língua estrangeira (NUPFFALE/UFSC) e do Grupo de Fonética e Fonologia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Ubiratã Kickhöfel Alves** é Doutor em Letras e Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Bolsista de Produtividade – Nível 2 – do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi coordenador do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL no biênio 2016-2018. É editor-chefe da *Gradus: Revista Brasileira de Fonologia de Laboratório*. Desenvolve pesquisas na área de Aquisição Fonético-Fonológica de Línguas Estrangeiras, tendo orientado várias Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado na área.

**Marina Sundfeld Pereira** é doutoranda em Letras pelo programa de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Possui mestrado pelo mesmo programa de pós-graduação, em que pesquisou construções com os verbos-suporte *bringen* e *kommen*. Possui bacharelado em Letras Português e Alemão com Ênfase em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua como professora de alemão como língua estrangeira.

**Andressa Costa** é pós-doutoranda no programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP e membro do Grupo de estudos em Linguística de Corpus (GELC). Seus interesses de pesquisa são variação de registro no alemão e análise do discurso feminista e sobre feminismo. Possui doutorado em Linguística alemã pela Universidade de Mannheim com financiamento da CAPES (2014).

**Daniil Danilets** possui graduação em Língua e Literatura Alemã pela Universidade Nacional de Odessa I.I. Mechnikov (2014) e pela Universidade de Viena (2015), mestrado em Língua e Literatura Alemã pela Universidade Nacional de Odessa I.I. Mechnikov (2015). Trabalhou como professor universitário de língua alemã pela Universidade Internacional de Ciências Humanas (2015-2017). Atualmente é professor no Colégio Alemão de Guatemala (DSG). Tem experiência na área de linguística, com ênfase em teoria e análise linguística, atuando principalmente na área de terminologia da estética médica no Alemão, Polonês, Francês e Ucrainiano. É membro da Sociedade de Estudos Alemães Interculturais (GiG), ABraPA e ABRALIN.